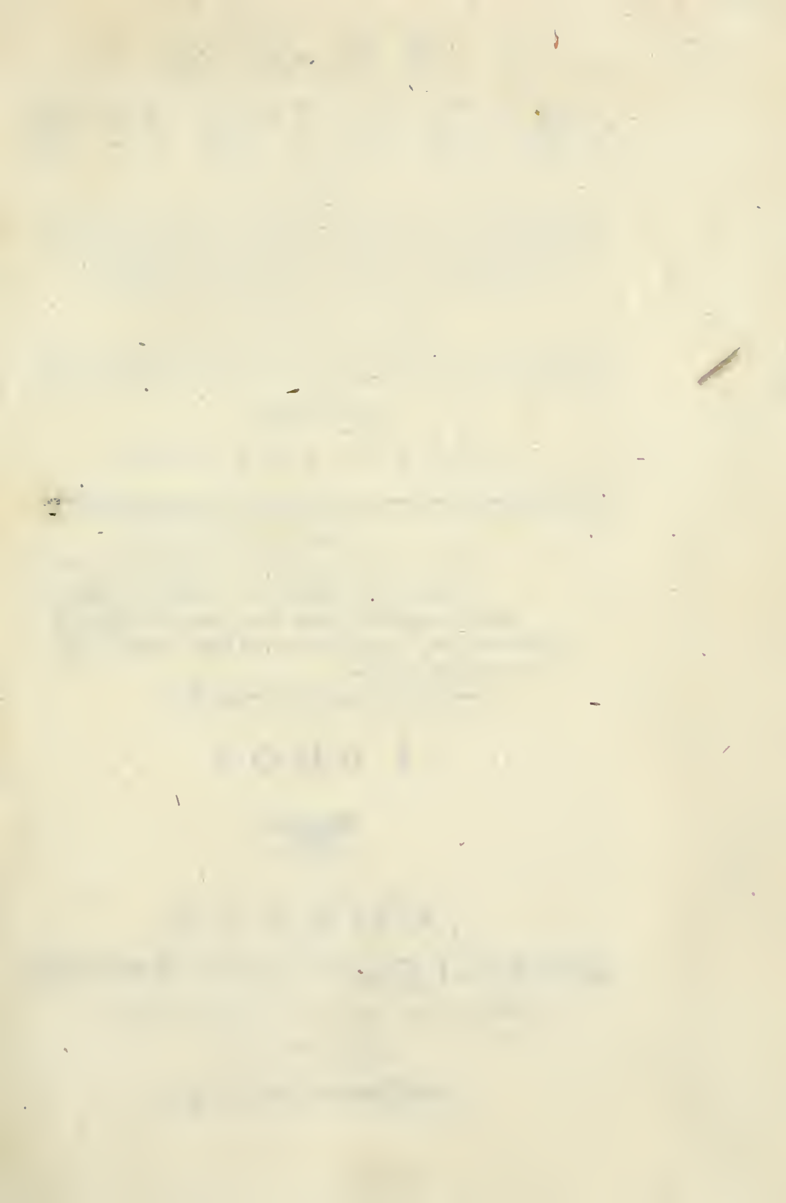


ARTE POETICA,

OU

REGRAS DA VERDADEIRA POESIA
em geral, e de todas as ſuas eſpecies principaes, tratadas com juizo critico:

COMPOSTA

Por FRANCISCO JOSEPH FREIRE,

Ulyſſiponenſe.

SEGUNDA EDIÇAÕ.

. . . . Fungar vice cotis, acutum
Reddere quæ ferrum valet, exſors ipſa ſecandi:
Munus, & officium, nil ſcribens ipſe, docebo;
Unde parentur opes; quid alat, formetque poetam;
Quid deceat, quid non; quo virtus, quo ferat error.
Horat. in Poetic.

TOMO I.



LISBOA,

Na Offic. Patriarcal de Franciſc. Luiz Ameno.

M. DCC. LIX.

Com as licenças neceſſarias.

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR

SEBASTIAÕ JOSEPH

DE CARVALHO E MELLO,

Do Conſelho de Sua Mageſtade , e ſeu Secretario de Eſtado, &c. &c.

F. J. F.

Augura perpetua felicidade.

T*Orna a* Arte Poetica *a buſcar a preſença de V. Excellencia , em quem da primeira vez achou tanta benignidade , e honra , que lhe pareceo*

verſe tornada à feliz idade de Auguſto, e alegrouſe de achar em V. Excellencia reſtituido a Mecenas. Ella vay na firme eſperança de conſeguir aquella meſma protecçaõ, que ha pouco alcançou a de Horacio, *eſperando, que mereça eu, pela razaõ de Portuguez zeloſo dos eſtudos da minha Patria, o meſmo benevolo amparo de V. Excellencia, de que o grande Lyrico Latino ſe fazia digno por ſeu incomparavel merecimento.*

Para conſeguirem o patrocinio de V. Excellencia, grande recommendaçaõ levaõ comſigo aquelles livros, compoſtos por Eſcritores Portuguezes, que animados do bom zelo fomentaõ os eſtudos dos ſeus patricios: porém, Senhor Excellentiſſimo, baſtando eſta razaõ para eu conſeguir a ſua precioſa

bene-

benevolencia, ainda tenho motivo mais forte para a merecer.

As ſantas, e invioláveis leys da gratidaõ todas me eſtaõ obrigando, a que publique aos meus nacionaes, e aos eſtranhos o quanto eu devo ao generoſo amparo de V. Excellencia na publicaçaõ de alguns de meus eſcritos. Por occultas vias dá generoſo o mar aos rios o cabedal, com que engroſſem a corrente, e os rios agradecidos vaõ com as meſmas aguas, que receberaõ, pagar ao mar o ſeu devido tributo. Hum animo, em quem a memoria dos beneficios recebidos nunca ſe apaga, ſe he hum dos objectos mais agradaveis a Deos, como o naõ ha de ſer aos homens, e muito mais àquelles, que, como V. Excellencia, pondo toda a ſua grandeza em favorecer, e patrocinar aos pequenos,

mais

mais se assemelhaõ à Divindade suprema?

Porém, Senhor, ainda prescindindo (se póde ser) do fortissimo motivo do meu agradecimento, considero taõ indispensavel o offerecer a V. Excellencia esta Obra, que eu naõ conheço igual Personagem, a quem a podesse consagrar com huma propriedade mais despida de artificiosa lisonja. Aqui diraõ muitos, que eu alludo à natural circunstancia de ter V. Excellencia nos seus annos florentes cultivado nas Academias a sciencia poetica com merecimento taõ distincto, que (se naõ for V. Excellencia) naõ haverá quem delle duvide. Mas naõ he esta a feliz circunstancia, em que me fundo: V. Excellencia sim seria a gloria das nossas Musas, se a sua grande Alma naõ viesse

se

ſe ao mundo para mayores couſas; quero dizer, mais para dar materia à Poeſia, do que para cultivar ſeus preceitos. Confeſſo, que ſeria forte eſte motivo; mas outro de mayor pezo dá mais fino realce à propriedade da minha offerta. Em eu publicar huma Arte Poetica, *e dedicalla a V. Excellencia, diraõ os juizos mais allumiados, que quiz com eſta idéa dar aos Poetas logo com os ſolidos preceitos o verdadeiro Aſſumpto para os ſeus verſos.*

Soffra agora a rara modeſtia de V. Excellencia, que eu prove eſta verdade, copiando algumas bellas imagens daquellas virtudes, que conſtituem a V. Excellencia o Heróe das Muſas Luſitanas. Foraõ os Deoſes o primeiro objecto da Poeſia, e o ſegundo aquellas grandes Almas, que pareciaõ naſcidas

de

de especie mais nobre, aquellas, das quaes V. Excellencia he hum fiel retrato. O illustre Cidadaõ, que pelo bem da sua Patria, o zeloso Ministro, que no serviço do seu Principe occupavaõ a actividade, o amor, e o talento, esses eraõ os assumptos da Poesia naquelles felices tempos.

Nesta consideraçaõ veja V. Excellencia (a pezar da modestia do seu animo) se podia eu deixar de honrar com o seu respeitado Nome huma Arte Poetica, havendo no mesmo tempo, em que a publíco, o Argumento mais fertil para os Poetas, quero dizer, vivendo V. Excellencia, que no serviço desta Monarquia, e na solida gloria do seu Monarca occupa, creyo que até os instantes de sua laboriosa vida? Que bem claramente se conhece esta verdade,

quan-

quando ſe confronta o que devemos à penna de V. Excellencia com as memorias dos ocioſos Miniſtros de outros Reinados.

Só a poſteridade he que fará bem eſta confrontaçaõ, porque naõ temerá nem a modeſtia de V. Excellencia, nem a alguns malicioſos juizos, que naõ ſabem, ou naõ querem diſcernir o adulador do homem ſincéro. Só ella he que louvará dignamente a hum Miniſtro, que naõ ſó prefere (como outros tem feito) o trabalho ao deſcanço, mas que ſó acha o ſeu unico deſcanço no meſmo trabalho, quaſi parecendolhe, que nada tem obrado, ſe ſempre naõ obra: hum Miniſtro perante quem o illuſtre em ſciencia emparelha com o illuſtre em ſangue: hum Eſpirito de animo, e conſtancia incrivel, capaz de emprender

der

der tudo, e de tudo encobrir com huma politica, que os mais perſpicazes naõ alcançaõ: hum Homem, que nada deixa à ſorte, prevenindo com a meditaçaõ profunda, e judicioſas cautelas quaeſquer effeitos das couſas; mas que no meſmo tempo naõ ſabe deſprezar occaſiaõ, que a ſorte lhe apreſente, para eſtabelecer entre nós a publica felicidade: em fim hum Miniſtro, que aſſim ſabe conciliar a urbanidade com o reſpeito, a ſeveridade com a doçura; de maneira, que os animos ſincéros confeſſaõ delle, que quando naõ foſſe buſcado pela Dignidade, o deveria ſer pela Peſſoa, ſempre honradora dos bons, e taõ fiel no que promette, que taõ ſeguro eſtá o beneficio promettido, como o dado.

De Cataõ diſſe a Antiguidade, que fora a mayor dadiva, que o Ceo dera

aos

aos homens; pois parecia, que do ſeyo da natureza ſahiraõ, quaſi gemeos, Cataõ, e a juſtiça. Se aquelle famoſo Romano mereceo eſta expreſſaõ, quem haverá, que a naõ applique com verdade ao grande Miniſtro Portuguez?

Aſſim fallará, Senhor Excellentiſſimo, a ſincéra Poſteridade, e para aſſim engrandecer as virtudes, e acções de V. Excellencia, naõ tem mais que ler os muitos Documentos, que admirará de taõ zeloſo, e activo Miniſterio. Mas para que ha de ella recorrer a eſtas provas, ſe as ha de ter mayores na ſua meſma experiencia? Gozará da opulencia procedida do eſtabelecimento de hum ſolido commercio, e de muitas fabricas de diverſas manufacturas, que faraõ menos precioſas as noſſas minas. Verá praticadas Leys ſantiſſimas, ou para a

exacta

exacta observancia da justiça, ou para o alivio, e tranquillidade dos póvos. Gozará de huma Cidade, que em magnificencia de edificios, em regularidade de plano, e em commodo do publico, naõ terá que invejar às mais famosas da Europa, se argumentarmos o fim pelos grandiosos principios, que já admiramos: e que todo este bem se deve ao zelo, à actividade, e à vigilancia de V. Excellencia, que penna haverá hoje, que havendo de escrever deste Reinado, o naõ confesse aos felices vindouros por hum acto de agradecimento preciso.

Sim, felices vindouros por estas felicidades; mas felicissimos nós, que gozamos de outras venturas, que saõ privativas para os que vivemos nesta idade. De muitas podera fazer glorioso catalogo, se o soffrera este genero de escritura;

tura; mas valerá por todas aquella ineffavel felicidade publica, de que V. Excellencia foy inſtrumento, fazendo triunfar ao noſſo amavel Principe de hum execrando attentado contra a ſua preciosiſſima vida, ſó com fazer executar os ſeus Reaes Decretos.

Deſaggravou-ſe a Mageſtade ultrajada por quem no ſangue, e no exemplo de ſeus Mayores tinha multiplicados motivos para a ſua fiel vaſſallagem; vingou-ſe a noſſa affrontada fidelidade com a morte de huns ſacrilegos, infamia perpetua da geraçaõ humana; e foy V. Excellencia o glorioſo inſtrumento de huma acçaõ, que na antiga Grecia, e Roma ſe perpetuaria em tantos monumentos publicos, que faltariaõ lugares para as eſtatuas, e padrões a hum taõ digno Patricio.

Po-

Porém ſe eſtas faltarem, por ſerem memorias, que o tempo em fim apaga, ou deſtroe, naõ faltaráõ aquellas, que reſiſtem a toda a ſucceſſaõ das idades. Ou na Hiſtoria, ou na tradiçaõ viverá V. Excellencia taõ glorioſo, que me baſta dizer, que ſerá inſeparavel a ſua gloria da de hum Rey, que ſeria admirado de todos, ainda quando Deos o naõ reveſtiſſe da Mageſtade. Que immenſa gloria! que illuſtre vaidade para os Netos de V. Excellencia! mas ſe he immenſa, ſe he illuſtre, os ſerviços, que a mereceraõ, tambem naõ lhe ſaõ inferiores.

A alta materia, em que hia entrando, pedia naõ menos toda a fina, e fecunda eloquencia de hum Plinio, que toda a extenſaõ do ſeu famoſo Panegyrico; porém como em mim as forças naõ igua-

laõ

laõ a grandeza dos deſejos, involvo em hum reſpeitoſo ſilencio o muito que ſe podera dizer, para ficar mais provado, que ainda quando huma indiſpenſavel obrigaçaõ me naõ inſpiraſſe o conſagrar a V. Excellencia eſta Obra, o ſer ella huma Arte Poetica, *eſtava pedindo que eu a ennobreceſſe com o ſeu illuſtre Nome, a fim de que nella naõ faltaſſem nem os preceitos, nem o Heróe: formem-ſe os Poetas; que para a Epica, e Lyrica tem elles em V. Excellencia hum Argumento taõ vaſto, como glorioſo.*

PROLO-

PROLOGO.

LEitor: Sahe finalmente a publico huma *Arte Poetica*, escrita no nosso idioma, que talvez ha muito tempo desejarias, se entrares no numero daquelles poucos, que desejaõ o adiantamento, e reformaçaõ nos estudos. Confesso-te com ingenuidade, que eu naõ teria em mim o cabedal preciso para tamanha obra, se acaso desde os meus primeiros annos naõ tivesse ajuntado muitos livros da faculdade Poetica, e lido com aquella reflexaõ, que cabe no meu entendimento. Estimulado de amigos, que falsamente me suppunhaõ bom arquitecto para este grande edificio, deylhe principio, mas com pouco ardor; porque já a idade me leva para outros estudos, até que li huns livros Portuguezes, impressos fóra, intitulados: *Verdadeiro Methodo de estudar*, &c. Vi que nesta obra se queixava justissimamente o seu Author, de que aos Portuguezes, para serem bons Poetas, lhes faltava huma Arte, a que verdadeiramente se podesse chamar Poetica; entaõ continuey na minha empreza com algum fervor, e

eſtudo, como poderás ver, ſe quizeres.

Naõ entendas, que entaõ me levou a preſumpçaõ, de que com eſta Arte naõ haveria para o futuro quem cenſuraſſe a Portugal neſta parte, e que com ella conſeguiria fazer bons Poetas. O que me levou, foy a conſideraçaõ, de que entre nós naõ havia livro algum impreſſo, nem ouvi, que manuſcrito, ſobre eſta materia, e ſó algumas Artes metricas, ou verſificatorias. Como havia deſtas, e taõ triviaes, como ſaõ as de Borralho, Villa-Real, e Rengifo, por iſſo me empenhey em tratar do que he poetico, como couſa ainda naõ eſcrita no noſſo idioma, deixando de fallar do metrico, como couſa que raros ignoraõ; e ſe eſperavas pelo contrario, entendendo, que nella acharias hum copioſo rhimario de conſoantes, enganaſtes-te; porque naõ tenho tempo para gaſtar em diſcorrer no que já tantos tem dito, e outros poderáõ dizer.

Agora o que me reſta he, que em lugar de tal qual agradecimento, ouça ſatyras, como já tenho ouvido; porque entre nós he o fruto, que reſponde à agricultura dos eſtudioſos, que empre-

gaõ

gaõ o tempo em alguma utilidade dos ſeus naturaes. Dize o que quizeres, que por mais que faças, nunca me poderás tirar a gloria de ſer o primeiro, que ſayo a publico com ſemelhante aſſumpto, cuja juſtiça me haõ de fazer os verdadeiros ſabios, e amantes da Patria. Igualmente naõ temo o teſtemunho, que me levantares, chamando-me ſatyrico, a reſpeito de cenſurar a muitos Poetas da primeira claſſe: chama o que quizeres, que tambem os verdadeiros ſabios, e amantes da verdade me haõ de defender, e louvar, por ſeguir a opiniaõ de *Nullius addictus jurare in verba Magiſtri.* Sigo a verdade, e a razaõ, primeiro que a authoridade; porém ainda que ſeja hum critico mais abortivo, que judicioſo, tal qual ſou *Non ſum ex judicibus ſeveriſſimis, qui omnia ad exactam regulam redigam. Multa donanda ingeniis puto; ſed donanda vitia, non portenta ſunt*; como dizia Seneca no liv. 5. *Controv.*

He verdade, que cenſuro muitos lugares de Poetas de grande nome; mas igualmente he certo, que com eſtes meſmos Poetas provo as minhas doutrinas, louvando-os naquella parte, em que

que ſaõ dignos de imitaçaõ; no que me parece que naõ devo merecer o nome de ſatyrico. Muy facilmente me poderey enganar neſtes meus juizos, naõ chegando a correr o véo à verdade. Se naõ conſigo iſto por ignorancia, rogo ao leitor prudente, que ou me perdoe, ou me emende; que eu naõ pretendo mais que a utilidade, e inſtrucçaõ da mocidade Portugueza, para quem unicamente eſcrevo. Porém ſe ſe achar, que as regras, que expendo, ſaõ conformes à razaõ, e bem provadas com authoridades claſſicas, façaſe-me a juſtiça, que merecer; e emende-ſe cada hum daqui para diante; que tomara eu ingenuamente poder fazer o meſmo aos muitos vicios poeticos, de que eſtaõ cheyas as poeſias dos meus primeiros annos, e ainda as dos mais adultos. Porém naõ ſey ſe encontrarey nos outros eſta ingenuidade; porque os noſſos engenhos tem tanto de felices, como de contumazes, e entendem, que pretender enſinallos he hum ponto, que offende a honra, principalmente ſe o que dá os preceitos naõ he Eſcritor de authoridade, e reſpeito.

LI-

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

POde-ſe reimprimir o livro, de que ſe faz mençaõ, e depois voltará conferido para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 15 de Setembro de 1758.

Com quatro Rubricas.

Do Ordinario.

POde-ſe reimprimir o livro, de que ſe trata, e depois torne conferido, ſem o que naõ correrá. Lisboa, 12 de Fevereiro de 1759.

Coſta.

Do Deſembargo do Paço.

QUe ſe poſſa reimprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para correr, que ſem ella naõ correrá. Lisboa, 22 de Fevereiro de 1759.

Com ſinco Rubricas.

Póde correr. Lisboa, no Paço de Palhavã, 29 de Mayo de 1759.

Com quatro Rubricas.

Póde correr. Lisboa, 8 de Junho de 1759.

D. J. A. L.

Que possa correr. Lisboa, 12 de Junho de 1759, e taxaõ em trezentos reis.

Com quatro Rubricas.

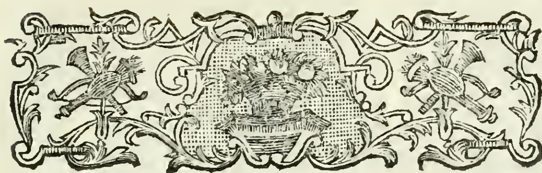
INDI-

INDICE
DOS CAPITULOS DA I. PARTE.

LIVRO I.

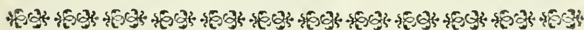
Cap. 15.

ARTE



ARTE POETICA.

LIVRO I.



CAPITULO I.

Da origem, progressos, e essencia da Poesia.



TEM a Poesia hum naõ sey que de divino, se dermos fé aos Poetas; os quaes, mais que os outros homens, se empenharaõ em dar a esta sua Arte huma mysteriosa origem. Serve esta de admiraçaõ ao tempo, e ao mundo pela sua grande antiguidade, e os professores desta Arte quasi que adoraõ a magestade della mais que a de outra sciencia,

 e guar-

e guardaõ com hum particular ciume os frutos, que della tem naſcido. Ha neſta materia muita ficcaõ, que como verdade patrocinaraõ diverſos, e graves Authores: porèm o certo he, que entre eſtes, e outros muitos deſvanecimentos, que ſaõ em parte huns agradaveis ſonhos, e luminoſas mentiras, como lhes chama o grande Muratori na ſua admiravel Obra *Della perfetta Poeſia &c.* ſaõ verdadeiros os fundamentos, com que os Poetas pertendem ter o principado, ou para melhor dizer, o poder de ter na ſua maõ a diſtribuiçaõ do patrimonio da gloria humana. Eſta, ainda que talvez ſeja hum idolo vaõ [ſe bem que verdadeira origem de mil acções heroicas] na verdade eſtá quaſi toda no dominio dos grandes Poetas, os quaes com os ſeus verſos fazem eterna naõ menos a ſua fama propria, que a alheya, conſervando os benemeritos na memoria da poſteridade. Vivem ainda, e eternamente viveràõ innumeraveis Heroes da Grecia, porque vive, e viverá Homero, que os celebrou. Concederaõ os ſeculos aos ſeus verſos aquelle privilegio, que naõ gozaraõ os marmores, nem os bronzes, que gaſta a voracidade do tempo: e quando o eſtudo Poetico naõ tiveſſe outra excellencia, baſtava certamente eſta para fazer recommendavel o uſo de huma tal Arte, e para convencer de ignorante a quem a vitupéra, ou ao menos a eſtima em pouco.

He com effeito muito antiga a origem, e prin-

e principio desta Arte, pois como testifica Eusebio no liv. da *Preparação Evangelica*, já florecia nos antigos Hebreos, que foraõ muito anteriores aos Poetas Gregos; porque Moysés, quando tirou a estes do Egypto para os levar á sua patria, logo que passaraõ o mar Vermelho, compoz (segundo diz Joseph no 2. liv. das *Antiguidades*) hum Cantico em verso hexametro dedicado a Deos em acçaõ de graças pelo milagre, que obrara em apartar as aguas para passagem de seu povo. He igualmente certo, que David compoz os seus Psalmos em diversos metros; e delle diz o mesmo Joseph no 7. liv. das suas Antiguidades, que vendo-se este Proféta livre das guerras, e perigos, compozera muitos Psalmos, e Cantares em diversas maneiras de metros, usando nelles humas vezes de tres, outras de cinco versos. Corrobora mais isto S. Jeronymo no Prologo sobre as Chronicas de Santo Eusebio, dizendo, que naõ ha cousa mais suave, que o Psalterio, o qual á maneira de Horacio, e de Pindaro, humas vezes soa em verso Jambico, outras em Alcaico, outras em Saphico, e outras em meyo pé. Que harmoniosa obra (continùa o Santo) he o Deuteronomio, que suave o Cantico de Isaias, que graves os livros de Salamaõ, e que perfeitos os de Job! Naõ se póde apontar o tempo prefixo do nascimento da Poesia: porèm concordaõ os Authores mais graves em que he antiquissima a sua origem, como acaba-

 mos

mos de dizer : pois Homero, que floreceo mil annos antes da vinda de Christo, isto he, no tempo de Salamaõ, naõ foy na Grecia o primeiro Poeta, de que ha noticia; porque já haviaõ florecido *Orfeo*, *Museo*, *e Lino*; e segundo a authoridade de Plataõ tambem houve *Olimpo*, além de *Orebancio Trasenio*, *Dares Frigio*, e *Syagro* primeiro escritor da guerra Troyana, segundo diz Eliano: porèm nenhum destes Poetas (pelo que se entende) foraõ anteriores a *Moysés*, a quem se tem por primeiro Poeta, como prova Polidoro Virgilio no 1. livro de *Rerum invent. pag.* 22. Esta opiniaõ, que approvaõ huns, naõ abraçaõ outros, e com fundamento, que naõ se estabelece sómente em conjecturas; porque dizem, que a Poesia tivera a sua primeira origem entre os Pastores. Assim o mostra a razaõ, e o confirma a authoridade dos Escritores, que saõ Mestres nesta materia. He certo, que o primeiro estado dos homens foy o de Pastor: assim o diz Varro liv. de Re rustic. in princip. *Cùm duæ vitæ traditæ sunt hominùm, rustica, & urbana, Q. Pinni, dubium non est, quin hæ non solùm loco distinctæ sint, sed etiam tempore diversam originem habeant. Antiquior est enim multò rustica; quod fuit tempus, cùm rura colerent homines, neque urbem haberent.* Confirma esta doutrina Plataõ no 3. liv. das Leys, e he seguida de todos os doutos, como prova Joaõ Vintimiglia no seu tratado dos Poetas Sicilianos Bucolicos. liv. 1. cap. 2. in princip. Prova-se

va-ſe mais eſta opiniaõ; porque a invençaõ das couſas, em que a natureza tem huma grande parte, neceſſariamente havia ſer dos homens mais antigos, como ſobre eſta meſma materia eſcreve largamente Eſcaligero Poetic. l. 1. cap. 2, e claramente ſe deduz da doutrina de Ariſt. Poetic. l. 1. partic. 20. onde prova, que a imitaçaõ, e a harmonia ſaõ innatas nos homens, e que dellas naſceo a Poeſia. Saõ eſtas as ſuas palavras: *Cùm autem imitari nobis ex naturâ ſit, & harmonia, & rhythmus, à principio, qui naturâ facti erant, præcipuè ad ipſas has res paulatim promoventes, procreaverunt Poeſim.* Daqui ſe convence a grande antiguidade da Poeſia; nem entre os Gregos ha doutrina mais antiga do que eſta, dizendo Cicero Tuſcul. liv. 1. in princip. *Cùm apud Græcos antiquiſſimum è doctis ſit genus Poetarum*; e affirmando Plinio liv. 7. cap. 56. *de Poematum origine magna quæſtio eſt.* Por eſta razaõ he bem vaõ o trabalho daquelles, que ſe cançaõ em pertender deſcobrir com certeza qual foy o primeiro Poeta. Aſſentado pois, que a Poeſia fora invençaõ dos primeiros homens, e ſabendo-ſe igualmente, que os primeiros foraõ os Paſtores, racionalmente ſe deve concluir, que eſtes foraõ os primeiros inventores da Poeſia.

Quanto mais, que iſto ſe confirma com a authoridade dos meſmos Poetas, e daquelles de mayor reputaçaõ, como entre outros he o Principe dos Lyricos Latinos: diz pois Horacio l. 2. Epiſt. 1. *Agri-*

Agricolæ priſci, fortes, parvoque beati,
Condita poſt frumenta levantes tempore feſto
Corpus, & ipſum animum ſpe finis dura ferentem
Cum ſociis operum, & pueris, & conjuge fidâ
Tellurem porco, Sylvanum lacte piabant;
Floribus, & vino Genium memorem brevis ævi.
Feſcennina per hunc inventa licentia morem
Verſibus alternis opprobria ruſtica fudit, &c.

O meſmo ſegue Tibullo, cantando deſte modo no liv. 2. Eleg. 1.

Agricola aſſiduò primum laſſatus aratro
Cantavit certo ruſtica verba pede.
Et ſatur arenti primum eſt modulatus avenâ
Carmen, ut ornatos duceret ante Deos &c.

E no liv. 1. Eleg. 7. tratando das Vendimas, diz tambem aſſim:

Ille licor docuit voces inflectere cantu,
Movit & ad certos neſcia membra modos.
Bacchus, & agricolæ magno confecta labore
Pectora triſtitiæ diſſoluenda dedit.

A eſtes verſos póde ſervir de commento o que largamente eſcreve Caſaubono no ſeu livro da *Satyra Grega* quaſi em todo elle, e particularmente no liv. 1. cap. 1. pag. 9. *Satyricæ Poeſeos, non ſecus ac Tragediæ, & Comœdiæ origo prima ab illis repetenda conventibus, quos vetuſtiſſimi mortales, collectis frugibus, cogere ſoliti, ut gratias Diis acturi ſacrificiis operarentur, & laborum, quos ſuſtinuerant, memoriam poſi-*

*posituri, animum relaxarent; ac jucunditati se darent &c. unde tandem nati sunt chori saltationesque ad numerum, atque adeo * Poesis ipsa: natura paulatim eò ducente ut & verba, quæ dicebant, & pedes, quos movebant, numeris astringerent &c.*

Porèm Lucrecio, que explicou em verso tudo quanto ensinava a escóla de Epicuro, e por consequencia a respeito das cousas fysicas necessariamente havia seguir as tradições mais antigas, tratando mais subtilmente desta materia, deu a razaõ, que moveria aos antigos Pastores, para inventarem a Poesia; e diz assim no liv. 5. ỷ. 1378.

At liquidas avium voces imitarier ore
Ante fuit multò, quàm levia carmina cantu
Concelebrare homines possent, auresque juvare.
Et Zephyri cava per calamorum sibila primùm
Agrestes docuere cavas inflare cicutas.
Inde minutatim dulces didicere querellas,
Tibia quas fundit digitis pulsata canentûm,
Avia per nemora, ac sylvas, saltusque reperta,
Per loca pastorum deserta, atque otia dia &c.

He muy natural esta opiniaõ de Lucrecio, e delle aprendeo Escaligero tudo quanto escreveo da origem da Poesia: tratando da Bucolica, diz assim Poetic. liv. 1. cap. 4. in princip. *Vetustissimum igitur poematum genus ex antiquissimo vivendi more ductum esse par est: tria verò sæculorum genera: Pastoris, Venatoris, Aratoris; & sanè Pastores, quàm Aratores, antiqui ma-*

magis: videtur autem modulatio in paſtionibus inventa primùm, vel naturæ impulſu, vel avicularum imitatione, vel arborum ſibilis &c.

Eſtes primeiros homens, eſtes felices Paſtores foraõ [como temos dito] os que deſcobriraõ a Poeſia, e naõ contentes do ſocego da ſua vida, e da innocencia do ſeu ruſtico divertimento, ajuntaraõ tambem a eſte a ſuavidade do canto, e a doçura dos verſos; porque enſinados, e movidos do brando ſuſſurro dos regatos, e das folhas das arvores, quando o vento ſuavemente as agita, e ſobre tudo incitados do canto das aves, que habitavaõ os boſques, ou aquelles lugares ſombrîos, onde recolhiaõ o gado, começaraõ tambem com a bocca primeiro a imitar o ſuſſurro de hum ſom mal articulado, e depois agradando-lhes aquella voz com eſta tal mediçaõ, e reſtricta a hum tal periodo, e interrompida com taes pauſas, e humas vezes velozmente vibrada, outras lentamente produzida, entraraõ tambem com palavras formadas a diſtinguir aquella tal voz, que, propriamente fallando, era hum modello, ou huma fórma de verſo: e porque nem todas as palavras lhes podiaõ caber, entraraõ eſtes balbucientes Poetas a deſcobrir humas taes, que unidas com outras ſe adequaſſem áquelle eſpaço de tempo harmonicamente dividido, e a mediçaõ deſte ſe fazia com o ouvido. Depois com o exemplo do primeiro verſo formando os outros ajudados do genio, e do natural engenho,

nho, prompto a inſpirar os vocabulos, entrarão a *improvizar*; iſto he, a fazer verſos de repente, como ainda hoje fazem aquelles, que ſaõ Poetas ſómente por natureza. Iſto entendo eu que he o que quer dizer Ariſtoteles, quando diſſe: *Procreaverunt Poeſim*; ainda que os criticos diſputem larguiſſimamente ſobre eſte lugar: porém eu ſigo ao eruditiſſimo Niſieli, que a todos ſe oppoem na ſua grande obra dos *Proginnaſmi Poetici* tom. 5. Progin. 18. Deſta doutrina ſe deduz, que a Poeſia reconhece o ſeu principio no verſo rithmico, e a ſua perfeiçaõ no verſo metrico. Nos primeiros tempos começou o verſificar na invençaõ de dizer de repente; porque eſtes verſos aſſim feitos ſim tinhaõ hum certo ar de verſos, mas naõ tinhaõ a preciſa regra da mediçaõ metrica: diſtinguia-os propriamente a forma natural do canto, e naõ o artificio dos pés. Finalmente no cantar reſtringio-ſe a proſa meramente por inſtincto, e goſto humano em hum certo methodo locutorio, o qual com o tempo, e com a arte ſe reduzio em verſos regularmente compoſtos, do meſmo modo que o canto natural foy concertado em muſica pelos meſtres deſta Arte. Eſta doutrina he dos melhores criticos, e largamente a expende o celebre Patrizi *Poetic. Iſtorial* liv. 4. pag. 40. expondo as palavras de Ariſtoteles: *Cùm autem imitari nobis ex naturâ ſit &c.* das quaes já fizemos mençaõ, copiando-as neſte meſmo Capitulo. Corrobora-ſe iſto com a authorida-

de

de de Quintiliano, liv. 9. cap. ult. dizendo: *Poema nemo dubitaverit imperito quodam initio fusum, & aurium mensurâ, & similiter decurrentium spatiorum observatione esse generatum: mox ex eo repertos pedes.* * *Ante carmen ortum est, quàm observatio carminis.*

Nascida a Poesia nestas cabanas, e aldeyas entre Lavradores, e Pastores, passou ás Cidades a viver com melhor fortuna entre os Cidadãos. Receberaõ-na logo com grande veneraçaõ os Filosofos, e os Sacerdotes Egypcios, que naquella idade logravaõ a estimaçaõ de serem reputados pelos mayores sabios. Desprezaraõ-se os assumptos humildes, como eraõ os pastoris, e empregaraõ estes homens as suas Poesias em argumentos, e idéas proprias do seu caracter, e condiçaõ. Começaraõ a instruir, e doutrinar os póvos na Religiaõ, e na Filosofia explicada em verso, como tambem em pinturas, e esculturas; porque conheceraõ, que a rusticidade do vulgo só por meyo das imagens sensiveis podia comprehender as verdades especulativas, e os attributos de Deos. Principiaraõ tambem logo outros Sabios a cantar as acções illustres dos heroes, e os louvores de Deos, e naõ menos a vituperar as más obras dos homens perversos. Assim o affirma o Filosofo no cap. 4. de sua Poetica, dizendo: *Foy pois a Poesia dividida pelos homens, segundo os seus proprios costumes: porque os mais magnificos representaraõ as excellentes acções feitas por outros semelhantes a elles; porém os*

de

de mais baixa condiçaõ compozeraõ cousas vîs, obradas por outros, que as praticaraõ: huns representavaõ estas cousas, e outros compunhaõ hymnos, e encomios. Deste lugar de Aristoteles se vê, que a Lyrica, e a Satyra saõ as duas especies mais antigas desta Arte. Foy esta depois aperfeiçoando-se, e nasceo a Epopea, a Tragedia, e a Comedia. As duas primeiras cantavaõ as acçõens dos homens illustres, e benemeritos, a outra as das pessoas vîs, e de mediano estado. Claramente se infere disto, que a intençaõ, e fim da Poesia foy desde aquelles primeiros tempos, e ainda actualmente he, de cantar os louvores da virtude, e dos virtuosos, ou o vituperio dos viciosos; para que aprenda a gente a conhecer, que odio devem ter a estes, e amor áquella: e por consequencia saibamos, que a Poesia naõ he outra cousa mais, que huma filha da Filosofia moral, ou para melhor dizer, he a Poesia, e a Filosofia huma mesma cousa, ainda que expressada com dous differentes nomes. Parecerá isto muito a alguns, que apenas teraõ saudado esta Arte divina, e desejaráõ que os persuada. Maximo Tirio no seu Discurso 29. tratando desta materia, diz assim traduzido: *He a Poesia, e a Filosofia huma cousa sim com dous nomes, mas na substancia naõ ha differença entre huma, e outra; como v. g. se alguem considerasse, que huma cousa era o dia, e outra o curso do Sol sobre a terra, assim do mesmo modo se póde dizer da Poetica, e da Filosofia. Por quanto*

to que outra cousa he a Poesia, senaõ huma Filosofia mais antiga em tempo, numerosa pelas consonancias, e fabulosa pelos argumentos? E que outra cousa he igualmente a Filosofia, senaõ huma Poetica mais moderna em tempo, livre de harmonia, e mais larga nos assumptos? E por isso a differença, que entre si ha, só consiste na figura, e no tempo. O mesmo prova Estrabo no 1. liv. da Geografia para mostrar contra o parecer de Erastotenes, que a Poesia fora inventada, naõ só para deleitar, mas igualmente para instruir; como largamente se póde ler em Muratori na sua estimadissima obra da Perfeita Poesia tom. 1. pag. 33.

Possuidores [como dissemos] os Egypcios deste thesouro da Poesia, e explicando-a, ou por meyo de versos em livros, ou pelo sinzel em marmores, ou pelo pincel em taboas, fundaraõ diversas colonias, e introduziraõ nellas por meyo da Poesia, e das Fabulas os costumes da sua naçaõ. Segundo o que escreve o insigne Gravina no seu Discurso Poetico liv. 1. n. 8., e o Padre Rapin na Comparaçaõ entre Homero, e Virgilio, seguindo ambos a Diodoro Siculo liv. 1. foraõ muitos Gregos ao Egypto, como Orfeo, Museo, e Homero, levados da fama, que adquiriraõ estes Sacerdotes. Com elles aprenderaõ, e voltaraõ para a Grecia com toda a doutrina daquelles Sabios occulta ainda nos mesmos véos; isto he, nos escuros enigmas de Fabulas, e imagens. Porém observando alguns Filoso-

losofos, que estas escuridades eraõ muy prejudiciaes aos póvos; porque naõ penetravaõ pela sua ignorancia aquellas artificiosas invençóes, e que em lugar de se aproveitarem com ellas, se radicavaõ na idolatria; resolveraõ-se a compor livros de sentenças, e preceitos moraes em lugar de Fabulas, e imagens, para melhor regularem os bons costumes. Assim o fizeraõ Hesiodo, Theognides, Phocilides, e outros muitos.

Este foy o nascimento, e estes os progressos da Poesia na Grecia; porèm depois que os Romanos se fizeraõ senhores deste Imperio, e como diz Horacio:

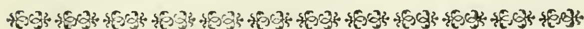
Græcia capta ferum victorem cœpit, & Artes
Intulit agresti Latio.......

Entrou esta Arte tambem em Italia juntamente com todas as sciencias dos Gregos vencidos. Melhorou a Poesia neste terreno, se dermos fé ao que diz Cicero Tuscul. quæst. liv. 1., o qual he de opiniaõ, que os Romanos, quando naõ tivessem vencido as invençóes dos Gregos, as tinhaõ melhorado: *Omnia nostros aut invenisse per se sapientius quàm Græcos, aut inventa ab illis fecisse meliora.* Porèm o celebre Salvini oppoem-se a este lugar com todas as forças da sua critica nas Notas á Poetica de Muratori, e igualmente o Marquez Orsi no seu admiravel livro *Considerazioni sopra la maniera di ben pensare.* Padece isto huma grande difficuldade, principalmente limitan-

mitando-se tal questaõ sobre a Poesia, e muito mais no tempo de Cicero, que naõ pode ler o Poema de Virgilio, do qual se disse o sabido verso: *Nescio quid maius nascitur Iliade*. O certo he [e o mesmo segue Luzan na sua Poetica pag. 14.] que naõ se descobrem bons fundamentos para seguir o partido de Cicero: pois que comparaçaõ póde fazer a rudeza [naõ digo eu a de Livio Andronico, que foy o primeiro Poeta Latino] mas a de Ennio, Pacuvio, e Lucilio com a grandeza, e magestade de Homero, com a suavidade de Anacreonte, com a elevaçaõ de Pindaro, com a naturalidade de Theocrito, com o artificio de Euripedes, e de Sophocles, e com a galantaria, e graças de Aristophanes? Quanto mais, que todos sabem, que a Poesia Grega foy o modello, e exemplar, que os Romanos tiveraõ para os seus versos, como largamente prova em muitas partes dos seus *Proginasmi Poetici* o insigne Academico Apatista Benedito Fioretti, conhecido pelo supposto nome de *Udeno Nisiely*: vejaõ-se os indices dos cinco volumes desta sua obra taõ magistral. Virgilio na sua Eneada a mayor parte dos passos, que dá, he sobre os vestigios de Homero; e nas Georgicas imitou a Hesiodo, ou a Empedocles, e nas Eclogas seguio a Theocrito. Horacio foy o mayor imitador da Lyrica Grega, principalmente de Pindaro, e finalmente quasi todos os Comicos Latinos naõ foraõ mais que huns traductores das Comedias dos

Gre-

Gregos. Veja-se a Vossio na sua Poetica, tratando dos fundamentos, porque os Gregos excedem aos Latinos, e devemos preferir aquelles a estes.



CAPITULO II.

Da Origem da Poesia vulgar.

ANtes que o Imperio Romano principiasse a declinar, já havia começado a descahir a formosura da lingua Latina. O vulgo de Roma já no tempo de Cicero, que era o seculo de ouro daquella lingua, usava de huma linguagem pouco pura, e misturada com barbarismos, e sollecismos. Foy depois crescendo esta ruina do idioma Romano, assim pelo concurso de nações estrangeiras, que hiaõ a Roma, como pela invasaõ dos Godos, Hunnos, Herulos, Gregos, Longobardos, Francos &c., os quaes todos saquearaõ, e sonhorearaõ a infeliz Italia. Assim pouco a pouco o vulgo desta Provincia, alèm de adoptar muitos vocabulos estrangeiros, foy tambem alterando os seus proprios, que eraõ os Latinos, trocando as terminações das palavras, naõ menos estreitando-as, que dilatando-as, e corrompendo-as. Finalmente formou-se huma nova linguagem, que se chamava vulgar. Com a introducçaõ desta

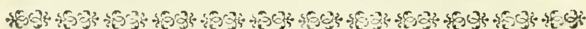
desta nova lingua cahiraõ juntamente com o Imperio Romano todas as Sciencias, e Artes; mayormente depois que os Godos, e outras nações Septemtrionaes invadiraõ a mayor parte de Europa. Como eraõ povos marciaes, e ferozes, desprezaraõ as letras, e nesta geral tempestade naufragou tambem a Poesia. Durou esta ignorancia, até que nas Cortes de Federico Suevo Rey de Sicilia, e de Roberto de Anjou Rey de Napoles, como eraõ Principes gloriosos Mecenas das Sciencias, e Artes, começaraõ a dar nova vida á morta Poesia os Provençaes, e os Sicilianos, estes com as suas *Canções*, e aquelles com as suas *Trovas*. Ha entre os criticos huma questaõ muy disputada, se os Provençaes, ou se os Sicilianos foraõ os primeiros restauradores desta Arte; porém como esta questaõ naõ pertence muito ao meu assumpto, naõ entro a discutilla; e se o leitor tiver curiosidade de se instruir nesta materia, póde ler a *Historia della vulgar Poesia*, que eruditamente escreveo Joaõ Mario Crescimbeni hum dos primeiros eruditos de Italia neste seculo.

Destes Provençaes, ou dos Sicilianos, como he muito mais provavel, segundo diz Muratori *Della perfetta Poesia* tom. 1. pag. 7. he que procedeo em outras nações a Poesia vulgar. Assim o affirma Petrarca em huma Carta, que anda no principio dos livros das suas Epistolas familiares. Dando elle noticia das Obras que compozera, diz que humas eraõ

em

em prosa, e outras em versos Latinos; e alèm disto *Pars mulcendis vulgi auribus intenta, suis & ipsa legibus utebatur, quod genus apud Siculos [ut fama est] non multis ante sæculis renatum, brevi per omnem Italiam, * ac longius manavit &c.* Entrou pois a Poesia em Hespanha, mas algum tempo depois que foy conhecida em Italia, a quem deveo este conhecimento, e naõ a Ausias Marc Poeta Valenciano, como erradamente affirmou Saavedra na sua *Republica literaria*, o que prova o erudito Luzan na sua *Poetica* pag. 16. mostrando que Ausias Marc foy posterior a Petrarca, e que assim este naõ podia furtar os conceitos deste tal Valenciano, como diz o mesmo Saavedra. Do mesmo erro o convence Tassoni no Commentario, que escreveo ás Rimas de Petrarca. De Hespanha passou a Poesia a Portugal, pouco antes do reinado de ElRey D. Diniz, que foy Principe muy dado ás Musas, e o primeiro (se me naõ engano) que compoz entre nós em verso fundado em alguns preceitos da Arte. Digo em alguns preceitos; porque ainda que haja noticia de algumas trovas de Authores anteriores, como v. g. *Se pensades, que me vom, non lo pensedes, que chantado em bos estom, e non me bedes*, saõ cousas informes, e raras, que apenas ha memoria de outras, que naõ sejaõ de Egas Moniz. Como naõ escrevemos a Historia da nossa Poesia vulgar, naõ entramos a dizer quaes foraõ os progressos desta Arte em Portugal desde o

tempo de ElRey D. Diniz até ao de ElRey D. Joaõ III. em que floreceo Camões, e a mayor parte dos melhores Poetas Latinos, e vulgares, que tivemos.



CAPITULO III.

Da essencia, e definiçaõ da Poesia.

TEmos dado succintamente a noticia da origem da Poesia, seus progressos, e invençaõ da vulgar, ou seja restauraçaõ desta mesma Arte nas linguas vulgares; resta agora, que entremos a especular os occultos mysterios desta Faculdade, e as suas especies; para o que nesta prolixa, e ardua navegaçaõ tomaremos por rumo a verdade, e as authoridades dos grandes Authores, discorrendo sem paixaõ, e com o livre espirito, que pede este assumpto; e quando naõ consigamos o fim que pretendemos, que he instruir a mocidade Portugueza nos preceitos da Poetica, sempre com tudo com este nosso trabalho acordaremos engenhos muito mais felices que o nosso, para que se resolvaõ a intentar esta mesma empreza, formando huma perfeita Arte, com a qual dem huma completa instrucçaõ. Demos pois principio, fallando da essencia, e definiçaõ da Poesia.

Vulgarmente se toma por Poesia tudo o que

que ſe lê eſcrito em verſo; e ainda que muitos Authores da melhor nota affirmem, que o verſo he abſolutamente neceſſario neſta Arte, como em ſeu lugar largamente expenderemos, com tudo o verſo em rigor critico, naõ he outra couſa mais que hum inſtrumento da Poeſia, e delle ſe val, como os Pintores dos pinceis, os Abridores do buril, e os Eſcultores do ſinzel. Se attendermos para a etymologia Grega, ſoa a Poeſia o meſmo que *feitura*, e Poeta o meſmo que *creador*, talvez para que ſe conheça neſte nome, que a eſſencia deſta Arte he a imitaçaõ das couſas, com as quaes criaõ elles novas imagens, e ſe fazem deſte modo como creadores; e até póde ſer que alludiſſem tambem a iſto os antigos Provençaes, quando chamaraõ aos Poetas *Trovadores*, iſto he, *Achadores*. Ouçamos ao Padre Donato na ſua excellente Poetica in princ. *Sed quamvis omnes artifices, materiam quiſque ſuam elaborando, ſint effectores; tamen Poetæ nomen ſortiti non ſunt, quod primum ſibi fecit carminum ſcriptor, qui imitando rerum veluti ſimulacra conformat. Ut vel ex ipſo nomine ingenioſa Poetæ machinatio, actionumque veriſimilis conſtructio deprehendatur. Nam huic arti aliæ artes collatæ nihil quodammodò faciunt.*

Porèm como eſta queſtaõ he de Grammaticos, ſeja qual for a etymologia deſta palavra; o que he certo, ſegundo a opiniaõ dos melhores Authores, he que conſiſte a eſſencia da Poeſia na imitaçaõ da nature-

za; tanto que Ariſtoteles na ſua Poetica degradou da claſſe de Poetas aos que naõ imitarem, dizendo que ſe compozerem huma Elegia, ou hum Poema ſem imitaçaõ, naõ devem eſtes ter o titulo de Poetas, mas ſim o de Authores de Elegias, e de verſos heroicos. Veja-ſe a Paulo Beni *Poetic. Ariſtot.* partic. 2. pag. 56. e partic. 33. pag. 183., e ſobre tudo recorra-ſe á Poetica de Mazoni liv. 3. cap. 69. onde diſcorre diffuſamente da imitaçaõ, e em particular de quantos modos ſe póde conſiderar a Poeſia.

Eſta determinaçaõ de Ariſtoteles, que acima diſſemos, tem padecido grandes criticas, por uſar de hum termo taõ geral, como he a imitaçaõ, o que naõ explica bem a eſſencia da Poeſia, antes ſe confunde com a Pintura, e Eſcultura, e ainda com a Muſica, e Baile, que tambem imitaõ. Porèm doutamente o defende Alexandre Piccolomini ſobre a Poetica do Filoſofo partic. 131. temperando de algum modo a ſobredita ſeveridade da imitaçaõ, e reduzindo a intençaõ de Ariſtoles a eſte eſpecialiſſimo ſentido, de que o Poeta entaõ verdadeiramente perde o nome, e a honra de tal, quando elle deſpindo-ſe do habito de Poeta falla naõ como narrador, mas como intereſſado, e juiz das couſas narradas, invocando, propondo, exclamando, aconſelhando, proferindo alguma ſentença ſobre o que diz, inferindo algum corollario, chorando a miſeria humana, deteſtando a fortuna, e lou-

e louvando alguma virtude, ſegundo a occaſiaõ. Iſto [continúa eſte Author] he o que quiz dizer Ariſtoteles, affirmando, que o Poeta Epico rariſſimas vezes deve fallar em a ſua propria peſſoa; porque fazendo tal, naõ ha imitaçaõ. Naõ ſe deve entender eſta doutrina, quando o Poeta narra, conſervando a ſua peſſoa no habito de Poeta; pois quando elle narra deſte modo, imita ao meſmo tempo. Quem dirá, tendo bom juizo, que naõ ha imitaçaõ na deſcripçaõ, que faz hum Poeta de huma tempeſtade, de hum ſucceſſo de armas, da expugnaçaõ de huma Cidade, da acçaõ de hum valente, de hum fraco, de hum colerico &c. ainda que o Poeta falle como tal, e na ſua propria peſſoa?

De ſórte que ſegundo eſta expoſiçaõ de Piccolomini, Ariſtoteles naõ reprova poder o Poeta algumas vezes, ſe bem que rariſſimas, narrar ſem interpoſta peſſoa. O meſmo ſegue Donato no fim da vida, que eſcreveo de Virgilio, dizendo, que ha tres generos de eſtylo na Poeſia: hum he imitativo, a que os Gregos chamaõ *Dragmaticon*, no qual naõ falla o Poeta, mas introduz peſſoas, que fallem, como ſaõ as Tragedias, e Comedias: outro he narrativo, chamado pelos meſmos Gregos *Diegematicon*, no qual falla o Poeta ſem interpoſta peſſoa, como ſaõ os verſos de Lucrecio: e o outro he commum, ou mixto, a que os Gregos chamaõ *Micton*, no qual o Poeta naõ ſó falla alguma vez, mas introduz peſſoas,

ſoas, que fallem, como he a Eneada de Virgilio.

Porèm eu ſeguindo a doutrina do inſigne Patrizi, por me parecer a mais acertada, digo, que Ariſtoteles naõ definio bem a Poeſia com o ſó termo generico de imitaçaõ, fazendo-a ſujeita áquelles meſmos termos, que nas Eſcólas ſe chamaõ tranſcendentes, e analogos. A Poeſia toda naõ he imitaçaõ, porque os 38 livros, ou Poemas de Orfeo nenhuma imitaçaõ tem, como tambem os 18 de Homero, exceptuando 7, e menos os 9 de Heſiodo, dos quaes muitos nem ainda contèm em ſi Fabula. Antes que ſe pozeſſe no theatro a Tragedia, a Satyra, a Comedia, e outras ſimilhantes, naõ havia imitaçaõ na Poeſia, ou era eſta rariſſima. Diz Ariſtoteles, que o Poeta imita por meyo do fallar; ao que digo, que tambem o Orador, e outros muitos, que naõ ſaõ Poetas, fazem eſſa meſma imitaçaõ de palavras; e ſe a imitaçaõ faz ſer Poeta, Demoſthenes, Cicero, Livio, e Salluſtio o foraõ; porque imitaraõ igualmente por meyo de palavras. Quanto mais: ſe unicamente a imitaçaõ fizeſſe o Poeta ao menos mais perfeito, do que naõ ſeria o Poetizante ſem imitar, ſeria ſem duvida alguma a Poeſia Comica, a Mimica, e a Satyrica de mais valor, e preeminencia, que a Heroica, a qual nem ſempre imita. Leaõ-ſe ſobre eſte particular, porque naõ queremos ſer prolixos, as Lições Poeticas de Angelo Segni, as de Var-

Varchi, e a Poetica de Viperani liv. 1. cap. 8.

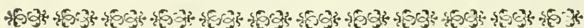
Admittido pois, que a doutrina de Aristoteles, em que faz ser a imitaçaõ a unica essencia da Poesia, por ser hum termo muy generico, se naõ deve admittir, como naõ admittiraõ gravissimos Criticos, resta definirmos esta Arte. Definio-a Antonio Minturno, dizendo no 1. liv. da sua *Arte Poetica*, ser a Poesia *Huma imitaçaõ de varias classes de pessoas em diversos modos, ou com palavras, ou com harmonia, ou com tempos, separadamente, ou com todas estas cousas juntas, ou com parte dellas.* O douto Luzan critîca esta taõ diffusa definiçaõ, e justamente, dizendo, que della excluira huma grande parte de objectos, que póde imitar, e pintar a Poesia, como saõ os brutos, e innumeraveis cousas inanimadas; pois só deu por objecto desta Arte *varias classes de pessoas.* Diomedes fez outra definiçaõ da Poesia, dizendo ser *Fictæ, veræve narrationis congruenti rhythmo, vel pede, composita metricâ structurâ ad voluptatem, utilitatemque accomodata*: porèm a esta definiçaõ ainda faltaõ cousas, como mostraremos na que logo abraçarmos. Paulo Beni *Poetic. Aristot.* partic. 2. pag. 49. e 55. e partic. 5. pag. 66. e part. 33. pag. 183. diz assim: *Poesis est oratio non exiguæ magnitudinis actionem imitans, quâ non sine magnâ jucunditate ad virtutem excitentur, & ad benè, beatèque vivendum diriganiur mortales.* Porèm esta definiçaõ tambem naõ deve satisfazer a hum bom juizo critico; porque naõ ha razaõ (como

mo aponta o douto Luzan pag. 31.) para que a eſſencia da Poeſia haja de depender *da menor, ou mayor extenſaõ*, nem para ſe dizer, que *imita alguma acçaõ*; pois com iſto ſe exclue tudo o demais, que imita eſta Arte diſtincto da acçaõ; e ſem fundamento degrada da honra de Poetas a muitos, principalmente Lyricos, que nas ſuas obras naõ imitaraõ acções humanas. Quem neſta materia dá muita luz, he o Padre Donato Poetic. pag. 7. dizendo laconicamente, que a Poeſia he *Imitatio facta carmine*. Neſta definiçaõ [diz elle] ha duas partes, huma como genero, outra como propriedade, ou differença; e a imitaçaõ he genero commum para tudo; porque as Artes de pintar, de fingir, e de eſculpir &c. ſaõ imitações: pois com a ſimilhança de imagens imitaõ couſas verdadeiras. Neſta parte concorda a Poeſia com eſtas, e outras Artes; porèm aquellas palavras *facta carmine*, involvem huma propriedade taõ particular, que ſepara a Poeſia de todas as mais Artes. Deve-ſe advertir, que por *carmine* ſe naõ ha de entender ſó aquella oraçaõ, que eſtá ligada a numeros, mas tambem tudo o que concorre para ſe formar bem o verſo: iſto he, aquella liberdade de fingir, e de fallar junta com huma narraçaõ promiſcua do falſo, e do verdadeiro, alèm dos tropos, figuras, frequente energia, ou evidencia, e finalmente com aquella locuçaõ, que diz Cicero de Oratore: *Locutione alienæ cujuſdam linguæ*. Com eſta

expo-

exposiçaõ he muito boa a definiçaõ de Donato; porèm como he muy laconica em si, e poderá naõ se fazer perceptivel, seguirey em parte a de Luzan, que tenho pela melhor de todas as que tenho lido, que rara he a que naõ diffira huma da outra; e naõ as transcrevo, por naõ ser mais prolixo do que tenho sido; sendo que para instruir principiantes tudo he preciso. Diz pois este erudito Author, que a Poesia he *Imitaçaõ da natureza no universal, ou particular feita em versos para utilidade, e para deleite dos homens.* Diz em primeiro lugar *imitaçaõ da natureza*, porque he o genero da Poesia. Toma-se aqui *imitaçaõ* na sua analogia, e mayor extensaõ; porque tambem em sentido analogo quer comprehender na classe de Poetas a Hesiodo, Arato, Nicandro, Virgilio nas Georgicas, e outros muitos, ainda que nesta materia ha tanta opiniaõ, que se confunde o entendimento: porèm Beni na Poetica, e no commento ao Tasso patrocina a causa destes Poetas com razões, que convencem. Diz em segundo lugar *No universal, ou no particular*; porque a estas duas classes de *Icastica*, e *Fantastica* se póde reduzir a imitaçaõ, pois ou as cousas se pintaõ, ou imitaõ como ellas em si saõ, e esta he a Icastica, e imitar o particular; ou como ellas saõ, segundo a idéa, e opiniaõ dos homens, e esta he a Fantastica, e imitar o universal. Diz mais *Feita em versos*, assinando o instrumento de que se serve a Poesia para a distinguir das outras

outras Artes imitadoras, que naõ pódem ter eſte inſtrumento. Eſta doutrina he a meſma de Donato, como acima eſcrevemos, dizendo: *At illæ voces * facta carmine rectè explanatæ peculiarem involvunt proprietatem, quâ Poeſis ab aliis artibus ſeparatur.* Eisaqui que com eſta diſtinçaõ podemos reconciliar a doutrina de Patrizi no ſeu *Parecer a Bardi*, de que acima fizemos mençaõ, e a de Eſcaligero *Poetic.* liv. 6. pag. 2. ibi: *Imitatio eſt in omni ſermone.* Finalmente diz *Para utilidade, e deleite dos homens*; porque eſtes ſaõ os fins, que póde ter hum Poeta; e o Capitulo, que ſe ſegue, ſervirá de illuſtraçaõ a eſtas palavras.



CAPITULO IV.

Do fim da Poeſia.

NAõ póde entrar em duvida, que o principal fim da Poeſia naõ ſeja o enſinar o povo, e ſervirlhe de utilidade. Por iſſo os primeiros Poetas, Orfeo, Muſeo, Homero, e Heſiodo ſe empenharaõ em ſer uteis, ſe houvermos de dar credito a Ariſtophanes na ſua Comedia das *Rans*. Com tudo, ainda que todos os Poemas, regularmente fallando, devaõ encaminharſe á utilidade de quem os ouve, ou lê; com tudo iſſo, alguns foraõ deſtinados pela Politica, ou Filoſofia moral

para

para inſtruir algumas determinadas peſſoas. Os Poemas heroicos accendem os Capitáes, e guerreiros ao amor da gloria, e das emprezas illuſtres, com o exemplo dos heroes, e homens famoſos. Pelas Tragedias ſe refrea a ſoberba dos Principes, dos poderoſos, e dos ricos, expondo-lhes os caſos atrozes de outros da ſua condiçaõ, ſujeitos ás deſgraças, e caſtigados pelo braço da juſtiça divina, ou humana. O'vulgo, e tambem o povo igualmente aprende das Comedias a emendar os ſeus coſtumes, e a contentarſe com o ſeu proprio eſtado, vendo nos defeitos alheyos bem repreſentados, e que promovem a riſo, a correcçaõ dos ſeus proprios. Finalmente da Poeſia Lyrica, da Satyrica, e de outras ſimilhantes obras toda a gente póde aprender a louvar a Deos, e aos homens bons, e naõ menos a vituperar os vicios, e os homens máos.

He pois evidente, que a Poeſia em todas as ſuas eſpecies ſe encaminha a aproveitar os póvos, e que ella naõ he mais que huma Filoſofia moral veſtida com mais pompa, e galhardia. Diz Horacio na ſua P*oetic.*

.... Fuit hæc ſapientia quondam
Publica privatis ſecernere, ſacra profanis,
Concubitu prohibere vago, dare jura maritis,
Oppida moliri, leges incidere ligno.
Sic honor, & nomen divinis Vatibus, atque
Carminibus venit &c.

Da allegoria deſtes verſos ſe vem a conhecer,
que

que os Poetas foraõ dos primeiros legisladores dos coſtumes, e os primeiros Sabios, e Filoſofos da antiguidade, enſinando, e inſtruindo os póvos com a Filoſofia moral, explicada nos ſeus verſos. Continuando porèm a noſſa materia do fim da Poeſia, nos achamos em hum grande embaraço ſobre ſe o fim primario dos Poetas he o deleitar, ou o inſtruir. He eſta huma queſtaõ (como quaſi todas da Poeſia) em que os mayores homens neſta Arte eſtaõ diſcordes. Diz Horacio *Poetic.*

Aut prodeſſe volunt, aut delectare Poetæ,
Aut ſimul, & jucunda, & idonea dicere vitæ.

Naõ póde agradar eſta doutrina a hum bom juizo critico; porque poz Horacio em duvida, e dividio em duas partes o que he certiſſimo, e hum ſó. Qualquer ordinario Filoſofo ſabe, que naturalmente qualquer amante ſempre ſe encaminha ao fim da bemaventurança; iſto he, ao que elle imagina ſer ſua felicidade. [Fallo mais como Filoſo natural, que Chriſtaõ] Naõ ſe póde chegar a eſte fim ſómente pelo caminho do deleitavel, mas ſim do util; porque naquelle póde ſer enganado, e neſte nunca póde haver engano. E ſe Plataõ nos Dialogos do amor 10. de Republ. diz, que a Poeſia ſempre olha para o deleite, diz iſto para ſervir á razaõ da Dialetica, á da opiniaõ do povo, e naõ á ſua: e tanto he aſſim, que ſempre celebra os bons Poetas, e manda, que os máos ſejaõ degradados; o que

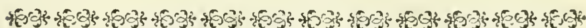
naõ

naõ diria, ſe na Poeſia preferiſſe o deleitavel ao util, e entendeſſe, que podia haver bom Poeta unicamente deleitando. Devemos pois aſſentar (e niſto concorda a mayor parte dos votos dos melhores Authores) que o Poeta com a boa imitaçaõ ha de ſer util, e deleitavel, como mais advertidamente affirmou o meſmo Horacio, dizendo na ſua *Poetic.*

Omne tulit punctum, qui miſcuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariterque monendo.

Póde-ſe dizer, que a Poeſia, ou a Poetica, em quanto he Arte imitadora, e compoſitora de Poemas, tem por fim o deleitar; e que em quanto he Arte ſubordinada á Filoſofia moral, ou Politica, tem por fim o utilizar a alguem. Com eſta doutrina, que he do inſigne Muratori, ſe vê, que a meſma couſa conſiderada de differente maneira tem dous fins diverſos; iſto he, a utilidade, e o deleite. A Poeſia conſiderada em ſi meſma procura cauſar ſeu deleite, e conſiderada como Arte ſujeita á faculdade civil toda ſe emprega em cauſar utilidade. E como quer que eſta tal faculdade ſeja a que encaminha todas as Sciencias, e Artes á felicidade eterna, á temporal, e ao bom governo dos póvos, por iſſo a verdadeira, e perfeita Poeſia deveria ſempre igualmente deleitar, que utilizar a huma Republica. Quem com a boa imitaçaõ Poetica naõ deleita, pecca propriamente contra huma intençaõ da Poeſia; e quem imitando, e deleitando,

tando, naõ he igualmente causa de que o povo se aproveite, e se instrûa, pecca gravemente contra outra precisa obrigaçaõ desta Arte; e por isso só disse bem Horacio, dizendo: *Lectorem delectando, pariterque monendo*; e naõ: *Aut prodesse volunt, aut delectare Poetæ.* A' vista do que temos dito se segue tambem, que muito mal fundada he a opiniaõ [como infinitas outras] do Author Anonymo de huns livros modernos escritos em Portuguez, intitulados: *Verdadeiro methodo de estudar &c.* onde na Carta Poetica affirma, que o fim da Poesia he só o deleite.



CAPITULO V.

Da imitaçaõ, e do objecto da Poesia.

COmo na definiçaõ se disse ser a Poesia imitaçaõ da natureza no universal, ou no particular, he justo, que com a clareza possivel expliquemos diffusamente esta parte da nossa definiçaõ para mayor intelligencia. Já dissemos, que a imitaçaõ he hum nome generico, na qual se comprehendem muitas especies diversas, pelos instrumentos com que imitaõ, representaõ, ou pintaõ; porèm a circunstancia, pela qual a Poesia se distingue das outras Artes, he a qualidade da imitaçaõ, a qual (segundo Paulo Beni he) *Huma narra-*

narração, com que hum repreſenta a outro, ou por meyo das acções, ou pelo da voz. Eſta authoridade he fundada em outra de Plataõ. Porèm de qualquer modo, que entendamos eſte termo de *imitaçaõ*, he certo, que naõ ha couſa mais natural no homem do que a imitaçaõ, a qual até ſe obſerva nas crianças, brincando na ſua primeira idade. Eu entendo por *imitar* poeticamente aquella acçaõ, com que muitas vezes fallando de tal modo, ſe veſte huma couſa de imagens, e ſe exprime com penſamentos, ou bellos, ſenſiveis, claros, novos, ou evidentes, que o entendimento a percebe ſem trabalho, eſpecialmente por meyo da fantaſia, e fica tendo hum goſto taõ particular, que nos parece, que eſtamos vendo a tal couſa. Por eſta razaõ chamo *pintar*, e *imitar*, aquella acçaõ, com que hum Pintor veſte de cores, e de ſombras proporcionadas huma couſa de tal maneira, que aos olhos lhes parece, que eſtaõ vendo naquella imagem a meſma verdadeira.

Ora iſto, que o Pintor faz com as ſuas cores aos olhos exteriores do corpo, póde tambem por meyo das imagens fazer o Poeta aos olhos internos da alma. Ambos pintaõ, e ambos imitaõ os objectos; porèm com eſta differença, que o Pintor quaſi que naõ póde pintar mais do que aquillo, que ſe póde vêr; mas o Poeta póde pintar tambem as couſas ſujeitas ao ſentido, como logo direy, tratando do objecto da Poeſia. Eſta pintura pois,

e eſta

e eſta repreſentaçaõ he a que ſe chama imitaçaõ Poetica, e que he a eſſencia da Poeſia.

Sendo eſta Arte [como ſe tem viſto] huma imitaçaõ da natureza, reſta agora dizer, que he dilatadiſſimo o ſeu objecto, ou, para melhor nos explicarmos, que tem hum numero infinito de objectos, em que poſſa exercitarſe. Para mayor percepçaõ ſe ha de ſuppor (como fez o inſigne Muratori) que ſe pódem dividir todos os entes creados, e increados em tres mundos, tomando a voz de *Mundo* por huma uniaõ de muitos ornatos. O primeiro mundo he o *Celeſte*, o ſegundo o *Humano*, e o terceiro o *Material*. Por mundo material, que tambem ſe póde chamar mundo *inferior*, ſe entende tudo o que he formado de materia, ou corpo, como v. g. os Elementos, o Sol, os corpos humanos, as flores, e finalmente tudo o mais, que eſtá ſujeito aos noſſos ſentidos. O mundo celeſte, ou *ſuperior* comprehende tudo o que naõ tem corpo, nem materia, como he Deos, os Anjos, e as Almas ſeparadas dos corpos. O mundo humano, ao qual podemos chamar *mundo do meyo*, participando do ſuperior, e do inferior, comprehende, e abraça tudo o que he corpo, e juntamente alma racional; iſto he, todos os homens, que ſe encerraõ no mundo material. Todos eſtes tres mundos, ou Reinos da natureza contém em ſi infinidade de varias, e differentes verdades, as quaes ſaõ, ou pódem ſer o objecto, e o ſujeito da Poeſia.

Verda-

Verdade he, que tambem a Mathematica, a Theologia, e a Filosofia moral tem por objecto estas verdades; porèm a Mathematicda só busca as do mundo material, a Theologia as do celeste, e a Filosofia moral as do humano: mas a Poesia trata, e comprehende todas as verdades destes tres mundos. Esta vastidaõ de objectos concedida á Poesia he que a distingue das sciencias, como tambem o seu fim. Estas consideraõ a verdade para a saber, e entender, e a Poesia a considera para a imitar, e pintar, como acima se disse. Aquellas procuraõ conhecer a verdade, esta só busca o representalla. Por isso algumas verdades, as quaes naõ he possivel imitar, ou pintar na fantasia alheya, naõ saõ proprias dos Poetas; como v. g. as verdades da Mathematica especulativa, da Metaphysica, e da Arithmetica, as quaes saõ taõ abstractas, que o Poeta naõ as póde pintar, representar, ou imitar com imagens sensiveis, e palavras intelligiveis: Sim se pódem communicar aos entendimentos alheyos com palavras, e aos olhos com numeros, e linhas; mas naõ he possivel pintallas, e vestillas daquellas cores, que fazem vêr as cousas á fantasia do homem.

Dada esta differença, que ha entre o objecto das Sciencias, e o da Arte Poetica, brevemente diremos qual he tambem a que se dá entre a Poesia, a Oratoria, e a Historia. Ainda que estas duas nobres Artes representaõ a verdade, naõ menos que a Poesia, comtudo

do a Oratoria a pinta para a persuadir, e a Historia a pinta sempre como ella he, encaminhando-se ao fim de instruir. Pelo contrario a Poesia pinta, e representa de huma parte a verdade, ou como ella he, ou como poderia, e deveria ser; e de outra a pinta com o fim de imitar, e de causar instrucção, e deleite com esta imitação, enchendo a fantasia alheya de maravilhosas imagens. Por isso com expressiva metafora commũmente se chama a Poesia *Pintura, que falla*, e a pintura *Poesia muda.* Assim o deu a entender Horacio na sua *Poetic.* Thomé de Burguilhos (ou Lope de Vega, como he mais crivel, disfarçado com este nome) em hum dos seus Sonetos chamou engenhosamente á Poesia Pintura dos ouvidos, e á Pintura Poesia dos olhos, dizendo:

Marino gran Pintor de los oidos,
Y Rubens gran Poeta de los ojos &c.

Mas já antes Petrarca havia dito quasi o mesmo, louvando a Homero com o epitheto de *Pintor*; e verdadeiramente o foy insigne em descrever vivamente os objectos materiaes.

Primo Pittor delle memorie antiche &c.

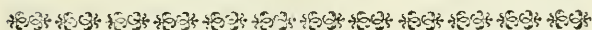
Camões ao mesmo intento cant. 7. Est. 76.

Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda Poesia alli descreve.

E no cant. 8. Est. 41. diz:

E co-

E como a ſeu contrario natural
A' Pintura, que falla, querem mal.



CAPITULO VI.

Da imitaçaõ do univerſal, e do particular.

ESta imitaçaõ explicaõ varios Authores com palavras, que ſó ſervem de augmentar a confuſaõ. O inſigne Vicente Gravina no ſeu *Diſcorſo Poetico* liv. 1. n. 4. a diſtingue, ſeguindo a Plataõ, em *Icaſtica*, e *Fantaſtica*. O meſmo ſegue Monſignani *Imitat. Poetic.* ſec. 2. dizendo ambos, que a imitaçaõ *Icaſtica* correſponde á imitaçaõ do particular, e tem por objecto todas as acções, e couſas, que procedem da natureza, ou da Arte, e naõ menos da Hiſtoria, que da invençaõ de alguem. A *Fantaſtica* correſponde á imitaçaõ do univerſal, e tem por objecto tudo o que naõ exiſtindo per ſi, tem novo ſer, e vida, naſcendo da fantaſia do Poeta, quando entra a inventar novas couſas, ou acções ſimilhantes ás hiſtorias, que ſe bem naõ ſuccederaõ, podiaõ ſucceder.

O Padre Donato, ſeguindo a meſma doutrina de Plataõ, a explica de outro modo na ſua *Arte Poetica* pag. 5. Uſaremos das ſuas meſmas palavras: *Celebris verò eſt ex Platone imitationis diviſio in Icaſticam, & Phantaſticam.*

Icastica, seu assimilatrix rei expressæ æqualem usquequaque componit imaginem. Phantastica etsi non æquat, certo tamen intervallo, aliisque de causis videtur æquare. Ut cùm statua Principis ipso maior è fastigio fabricæ eidem apparet æqualis. Assim como pois a Icastica tem por objecto a verdade, assim a Fantastica tem a ficçaõ por seu sujeito. Cicero de *Invention.* liv. 2. fallando da admiravel pintura de Zeuxis, que representava a imagem da famosa Helena dos Gregos, diz assim: *Neque enim putavit* [*Zeuxis*] *omnia quæ quæreret ad venustatem, uno in corpore se reperire posse; ideo quod nihil simplici in genere omnibus ex partibus perfectum natura expolivit.* Quiz Zeuxis pintar a singular formosura de Helena, e naõ se contentou de copiar a imagem formosa de alguma particular mulher. Deu na idea de ajuntar todas as que eraõ mais bellas, e de cada huma foy tomando aquella parte, que lhe pareceo mais perfeita; e assim formou o retrato de Helena, ou para melhor dizer retratou nesta mulher a mesma belleza. Eisaqui nesta pintura hum exemplo da imitaçaõ fantastica, em que a ficçaõ he objecto; porèm se Zeuxis retratara a formosura de Helena como ella em si era, e naõ pela idéa, e capricho, segundo o verosimil, fazia entaõ huma imitaçaõ Icastica, pois tinha por objecto a verdade.

Este he o modo, que descubro mais claro para explicar, que cousa he a imitaçaõ do universal, e do particular, que nos Authores

he

he cousa bastantemente confusa; e tanto, que alguns naõ fizeraõ della mençaõ para naõ se embaraçarem, e confundirem neste labyrintho. O Padre Donato, acima allegado, tratando desta materia, quando poem a sua divisaõ, e a explica, acaba o Capitulo, dizendo: *Scio hæc suis implicita nodis aliter ab aliis explicari, &c.*

Desta imitaçaõ Icastica, e Fantastica nasce entre os Authores outra questaõ, e he, qual destas imitações se deve preferir na Poesia. Huns dizem, que a Icastica pertence aos Historiadores, e a Fantastica aos Poetas. Naõ he debil o fundamento, em que se fundaõ os que particularizaõ a Fantastica para a Poesia. Na etymologia desta Arte he que estabelecem a sua opiniaõ; pois, como diz Donato: *Poesis à * faciendo nomen invenit*: e Escaligero igualmente com Vossio, dizem: *Nimium [Poetæ] Dei instar res velut condant*. Soando pois a palavra Poesia, e Poeta o mesmo, que *factura*, e *factor*; dizem muitos, que o Poeta só he tal, quando cria com o seu engenho, e fantasia novas fabulas, e naõ quando refere as cousas já inventadas por outros. Assim o affirmou Plataõ, dizendo no seu Phedon: *Que o Poeta para ser tal, he preciso, que componha fabulas, e naõ discursos.*

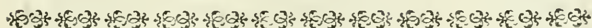
Esta mesma doutrina se lê na Poetica de Aristoteles, como diz Vossio *Poetic.* cap. 2. pag. 5. 6. &c. Outros Authores porèm saõ de parecer, que basta a imitaçaõ Icastica para

ra ſe lograr dignamente o nome de Poeta; porque (ſegundo a ſua opiniaõ) ſe naõ póde haver Poema ſem metro, e o póde haver ſem imitaçaõ, diſto ſe ſegue ſer muy veroſimil, que o Poeta toma o nome de tal por metrificar, e naõ por imitar. Aſſim o affirma Eſcaligero na ſua *Poetica*, e na Declamaçaõ, que fez contra os calumniadores da Poeſia, naõ receando eſcrever, que: *A' Poeſi Hiſtoriam nihil differre niſi modo dictionis.* Se iſto aſſim he, naõ póde o Poeta deduzir o nome de *compor*, *e fingir fabulas*, como com muitos quer Plataõ, e Ariſtoteles, ſegundo já diſſemos.

Entre eſtas duas encontradas opiniões ha outra, que degrada da Poeſia toda a imitaçaõ Fantaſtica, pertendendo moſtrar, que he inutil; e que ſó a Icaſtica ſe deve admittir, pois he proveitoſa, por ter a verdade por objecto. O que nós neſta materia ſeguimos he, o que diſſemos na definiçaõ deſta Arte, dizendo, que admitte tanto huma, como outra imitaçaõ; porque ſegundo o ſabio Muratori, todas as couſas dos tres Mundos, *celeſte*, *material*, e *humano* pódem ſer objecto da Poeſia. Pódem-ſe eſtas conſiderar, ou como em ſi ſaõ, e em cada individuo, ou tambem como ſaõ naquella idéa univerſal, que formamos das couſas; e eſta vem a ſer hum original de quem ſaõ copias os individuos, ou particulares. Lea-ſe a Luzan *Poetic.* pag. 42. onde com varias razões, e reflexões prova, que

ſe

ſe deve uſar, e admittir na Poeſia huma, e outra imitaçaõ do univerſal, e do particular.



CAPITULO VII.

Do furor da Poeſia.

TRes ſaõ as cauſas efficientes da Poeſia, Enthuſiaſmo, Natureza, e Arte. Poetas de Enthuſiaſmo ſaõ aquelles, que excitados por diſpoſiçaõ divina cantaõ em verſos couſas futuras, e myſteriosas: taes ſaõ os Profetas, e foraõ as Sybillas. Poetas de Natureza ſaõ os que poetizaõ mais por natural genio, que por eſtudo artificial; como eſpecialmente foraõ Lucrecio, e Ovidio. Poetas de Arte, chamaõ-ſe aquelles, que naõ tendo propicio o vento, que ſópra a natureza, vaõ para navegar forcejando com os remos da arte. Deſtes tem havido muitos, entre os quaes contaõ os Criticos a Eſtacio, Lucano, e Perſio.

Do Enthuſiaſmo, ou furor poetico fazem os Poetas particular mençaõ, ſuppondo-ſe quando poetizaõ, que ſe arrebataõ, como dotados de virtude ſobrenatural. Eſtacio no principio da Thebaida, diz: *Pierius menti calor incidit &c.* Ovidio *de Ponto* liv. 3. Elig. 4. *Iſta Dei vox eſt: Deus eſt in pectore noſtro. Hoc duce prædico, vaticinorque Deo.* O meſmo diz nos

nos *Fastos* liv. 6. de *Arte amandi* liv. 3., e no 3. liv. *Amorum* Elig.4. Tambem Cornelio Severo in Æthna.... *Per insolitum Phœbo duce cautius itur*, e Hesiodo na *Theogonia* vers. 94. *A' Musis, & eminus feriente Apolline viri cantores sunt super terram.... ille verò beatus quemcumque Musæ amant; suavis ei ab ore fluit vox.*

Cicero em diversos lugares das suas Obras trata do furor Poetico; como na Oraçaõ Pro Archia, no 1. liv. *Tuscul. de Divinat.* liv. 1. e no 2. *de Orat.* dizendo: *Sæpe audivi Poetam bonum neminem* [*id quod à Democrito, & Platone in scriptis relictum esse dicunt*] *sine inflammatione animorum existere posse, & sine quodam afflatu quasi furoris.* Finalmente Aristoteles na *Poetica* 166. deixou escrito: *Poetica est hominis ingeniosi, aut furiosi: bonorum enim hi quidem facile formantur: hi autem facti sunt ad inquirendum*: e na sec. 30. dos *Problem.* n. 1. attribue a causa do Enthusiasmo á *atra bilis* esquentada, e como maniaca; e desta he que diz procediaõ os Bacchantes, e as Sybillas da antiguidade.

Porèm muitos, e graves Authores negaõ este furor Poetico, como he Castelvetro sobre a *Poetica* de Aristoteles pag. 65. 180. e 374. Paulo Beni *Poetic.* partic. 88. pag. 424., e Vdeno Nisiely tom. 5. Progin. 21. E na verdade mais força me fazem as razões destes, que as de Patrizi, que por capricho quiz seguir o contrario. Naõ se nega, que no Poeta haja este furor; nega-se sim, que seja dom

de

de Deos, e hum caracter especial dos Poetas, como vindo, e procedendo de causa sobrenatural; porque he cousa naturalissima o poderse conseguir com a Arte este Enthusiasmo.

He certo que para o Poeta crear as imagens poeticas he preciso primeiro agitar a fantasia; e nenhuma outra cousa he o Estro, ou furor poetico, senaõ esta forte agitaçaõ, com que occupada a fantasia imagina cousas raras, estranhas, e maravilhosas sobre qualquer objecto, que se propoem.

Muitas saõ as causas deste movimento da fantasia, assim como saõ muitos, e diversos os seus effeitos. Por obra divina póde-se agitar a fantasia; e daqui nascem os extasis, as visões, os sonhos, e as revelações sobrenaturaes; porèm eu restringindo-me ás cousas naturaes, digo, que estas procedem, ou por parte do corpo, ou tambem pela da alma. Por parte do corpo agita-se fortemente a fantasia, ou pelo demasiado comer, e vinho, ou por causa de febres, de frenezîs, e especialmente de melancolia: e a experiencia todos os dias nos está mostrando o quanto nos embriagados, nos febricitantes, nos hypocondriacos, e nos freneticos he violenta a commocçaõ das imagens internas da fantasia. Agita-se igualmente esta por parte da alma, pelas violentas paixões, como v. g. dor, ira, amor, e outras similhantes; como tambem a estimaçaõ, o desprezo, o pasmo, o deleite, a compaixaõ, e outros movimentos internos.

Quem

Quem bem reflectir, sentirá, que a principal força destes movimentos do animo se faz na fantasia, á qual, quando elles reinaõ em nós, se representaõ mil imagens novas, estranhas, e maravilhosas. E taõ vulgar cousa he a violencia da fantasia movida pelos affectos, que muitas vezes fica o entendimento opprimido, sem poder exercitar o seu imperio, nem fazer hum recto juizo das cousas, como ensina Aristoteles no 7. liv. da *Ethica*.

Assentado isto assim; para a fantasia se encher de furor, he preciso, que o Poeta em si mesmo acorde algum affecto sobre a materia, que se lhe propoem, considerando-a em fórma de bem, ou de mal, de nobre, ou de vil; isto he, quando a mesma materia per si mesma naõ tenha primeiro gerado no nosso animo algum destes differentes movimentos, como succede aos Poetas namorados. Depois deverá escolher da fantasia aquellas imagens, que lhe parecerem, ou mais bellas, ou mais magestosas, ou mais vîs, ou mais ridiculas, ou mais terriveis, e em huma palavra, aquellas, que melhor poderem exprimir a qualidade da materia, de que quer tratar.

Ora assim como he certo, que nós naturalmente podemos acordar em nós os affectos, e que qualquer objecto, que se nos propoem, se move, ou se póde mover para amor, ou ira, ou medo, &c. assim igualmente he certissimo, que toda a materia póde agitar de qualquer maneira a nossa fantasia, e por consequen-

quencia inſpirarnos o furor, e enriquecernos de huma grande abundancia de imagens.

Tenha por tanto o Poeta cuidado em mover com a Arte algum affecto para a materia, que pertende tratar: introduza a alma na ſua fantaſia, e mande-lhe, que conſidere todas as qualidades, circunſtancias, e adjunctos; que ella movendo-ſe com vehemencia, e por força por meyo do affecto, formará novas, e maravilhoſas imagens, das quaes em ſeu lugar trataremos diffuſamente, apontando exemplos, que façaõ capacitar melhor o leitor da verdade deſta doutrina.

Eisaqui como o Enthuſiaſmo, ou furor poetico naõ procede de cauſa ſobrenatural, mas ſim natural; e como ſe prova, que eſte Eſtro ſe póde adquirir com a Arte; e que conſiderado como os antigos Poetas o conſideravaõ, fica ſendo hum ſonho procedido da vangloria para ſe exaltarem por entendimentos divinos, e por taes ſerem cridos na opiniaõ do povo. Nem obſtaõ as palavras de Plataõ, dizendo em muitos lugares, eſpecialmente, no *Jon*, que *todos os Poetas mais inſignes, ſahem fóra de ſi naõ por Arte, mas por divina inſpiraçaõ, quando cantaõ os ſeus Poemas; e que os naõ pódem cantar, ſe naõ eſtaõ fóra de ſi, arrebatados em extaſi, e cheyos de divindade*; porque eſte Enthuſiaſmo de Plataõ, e de outros, que o ſeguiraõ, como Democrito, e Cicero, ſe deve tomar em ſentido allegorico, o qual a cada paſſo ſe acha nas obras deſ-

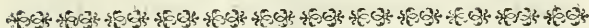
te

te Filosofo; quando naõ queiramos dizer com a opiniaõ de Castelvetro na sua admiravel exposiçaõ á Poetica de Aristoteles, que Plataõ zombasse (como era seu costume) quando escreveo as palavras, que agora dissemos. Lea-se o que diz pag. 65. 280. e 374. A doutrina de Aristoteles sobre esta mesma materia he mais huma opiniaõ etnica, que huma razaõ filosofica, como diz o celebre Nisiely tom. 5. Progin. 21.

Tambem naõ faz força o exemplo das Sybillas, e das Bacchantes; porque estas naõ versificavaõ, ou profetizavaõ por natural intemperança de melancolia, mas por obra do demonio, o qual fazia com que vencessem, e excedessem o uso do saber de huma mulher, e mostravaõ isto com varias demonstrações. As Sybillas em quanto prégavaõ mysterios divinos, eraõ inspiradas pela Sabedoria divina, que quiz houvesse alguma luz sua nas trevas da gentilidade.

Deixo á parte o mais, que estas mulheres profetizavaõ a respeito de outras cousas; porque isto devidamente pertence aos Theologos, que trataõ do dom *gratis datum*. O certo he, que nellas o espirito fatidico naõ era melancolia, mas huma potencia, ou sobrenatural, ou preternatural extrinseca.

CA-



CAPITULO VIII.

Os Poetas devem ter ſua inſtrucçaõ de todas as Sciencias, e Artes.

ALguns Filoſofos diſſeraõ, que todas as ſciencias, exceptuando a Poeſia, eſtavaõ ſujeitas á ſua faculdade; porèm o Poeta, para mayor excellencia da ſua Arte, excede neſta parte a Filoſofia; porque comprehende a faculdade Poetica todas as Sciencias, e Artes. Em primeiro lugar, deve todo o Poeta naõ ignorar a *Aſtrologia*; pois muitas vezes deve deſcrever o naſcimento, e occaſo dos Signos celeſtes, exprimir o movimento das Eſtrellas, e narrar as tempeſtades &c. Aſſim o praticou Virgilio, dizendo:

Hic canit errantem Lunam, Solisque labores,
Unde hominũ genus, & pecudũ, unde imber, & ignis,
Arcturum, pluviasque hyadas, geminosque triones;
Quid tantum Oceano properent ſe tingere Soles
Hyberni, vel quæ tardis mora &c.

Por eſtes verſos nos conſta, que antigamente os Poetas eraõ peritos na Aſtrologia; o que mais claramente ſe vê, quando deſcreve a Eſtrella, ou Conſtellaçaõ *Orion*, no ſeu oriente, e no ſeu occaſo, e a Venus, ou Eſtrella d'alva.

Porèm

Porèm onde Virgilio mostrou, que tinha huma particular noticia das estrellas, he nestes versos:

Anne novum tardis sydus te mensibus addas,
Quà locus Erigònem inter, chelasque sequentes
Scorpius, & Cœli justâ plus parte reliquit.

Em outras Poetas se achaõ muitas descripções destas, pelas quaes se mostraõ quanto souberaõ desta sciencia, e principalmente Lucano; porèm he demasiadamente importuna a vaidade, com que ostenta saber a Astrologia, segundo o juizo, que delle faz o Padre Le Brun de *Eloquent. Poetic.* tom. 1. pag. 22. Igualmente he necessaria no Poeta a noticia da *Geografia*: pois muitas vezes lhe he preciso descrever a grandeza das Regiões, a distancia de humas a outras, a situaçaõ das Cidades &c. Quanto o mesmo Virgilio soubesse desta faculdade, mostrou nos seguintes versos.

................*Tum Tartarus ipse*
Bis pater in præceps tantùm, tenditque sub umbras,
Quantus ad æthereum Cœli suspectus Olympum.

E tambem quando enigmaticamente disse:

Dic quibus in terris, & eris mihi magnus Apollo,
Tres pateat Cœli spatium non amplius ulnas.

Da noticia, que tambem deve ter da *Musica*, ninguem se atreverá a duvidar, sabendo, que Lyno, e Orfeo foraõ taõ excellentes Poetas, como Musicos; e que antigamente

te ſe naõ ſabia Poeſia ſem ſaber Muſica; pois a huma, e outra Arte eraõ communs os numeros harmonicos. O Padre Donato na ſua *Poetic.* pag. 3. diz: *Ideo quidquid canitur muſicis modis ferè carmem eſt: & Poetæ ſcribentes carmina, aiunt non ſe ſcribere, ſed canere.* Aſſim o praticou Homero, e igualmente Virgilio, eſcrevendo *Arma, Virumque cano &c.*

Ultimamente quem haverá, que naõ ſaiba, que os Poetas Lyricos eraõ Muſicos, que ao ſom da lyra compunhaõ, e cantavaõ tambem ſeus verſos? Pois que diremos da *Hiſtoria*? Naõ ha couſa mais preciſa a hum Poeta. Ella he como alma do Poema, e quem a ignorar, nem ainda mediocremente ſaberá compor. Muito neceſſita o Poeta de ſaber os coſtumes das nações, os principios, e augmentos das Cidades, quaes foraõ os ſeus fundadores, que acções illuſtres ſe tem obrado, as as gerações, as Religiões, os oraculos, e finalmente innumeraveis couſas. De tudo Virgilio nos deixou exemplos, tirando muito dos antigos Annaes, principalmente quando declarou o coſtume antigo dos ſacrificios, dizendo:

Purpureo velare comas adapertus amictu,
Nequa inter ſanctos ignes in honore Deorum
Hoſtibus occurrat facies, atque omnia turbet.

Se Homero, ou Virgilio ignoraſſem a Hiſtoria, ou Geografia, nem hum deſcreveria as perigrinações de Eneas, nem outro as de Ulyſſes; nem hum narraria a tornada para

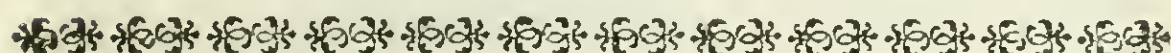
Itacha, nem outro a navegaçaõ para Italia; nem hum, e outro uſariaõ de comparações taõ proprias, ſe ignoraſſem a Hiſtoria natural. Neſtes Poetas vemos comparada, ou a alegria com o cavallo, ou a fereza com o tigre, ou a violencia com o leaõ, ou o impeto com hum rio caudaloſo, ou a reſiſtencia com o rochedo, ou o temor com o veado; ou o clamor da multidaõ com o canto das aves, ou a voracidade, e traiçaõ com o lobo. Neſte animal explicou engenhoſamente Virgilio o delicto, e o medo do caſtigo, quando cantou:

Qui prius à tergo quam tela inimica ſequentur,
Continuò in montes ſe ſe avius abdidit altos
Occiſo Paſtore lupus, magnoque juvenco
Conſcius audacis facti, caudamque remulgens
Subjecit pavitantem utero, ſylvasque petivit.

Igualmente o eſtudo das *Leys* naõ deve ſer deſconhecido do Poeta, por ſer huma principal cauſa da vida civil, e como tal lhe pertence muito, por ter por fim o inſtruir. O 6. liv. da Eneida largamente trata de premios, de caſtigos, de Juizes, e de ſentenças; e pelo diſcurſo deſte Poema ſe lem as determinações dos Deoſes, e dos Reys, e ſe apontaõ os modos de ſe governar bem huma Cidade. Que repreſenta Latino, e Eneas, ſenaõ a peſſoa de hum Principe bom; e Mezencio, e outros, ſenaõ a imagem de hum Tyranno? Ultimamente (ſegundo o Padre Le Brun acima allega-

allegado) naõ deve ignorar a *Arithmetica*, a *Optica*, a *Dialectica*, nem ainda a *Medicina*, de que tudo achamos exemplos nos dous Principes da Poesia Grega, e da Latina. Virgil. tratando da Medicina, disse:

Dictanum genitrix cretæâ carpit ab Idâ
Puberibus caulem foliis, & flore comantem
Purpureo; non illa feris incognita capris
Gramina, cum tergo volucres hæsere sagittæ.



CAPITULO IX.

Os Poetas naõ devem affectar, que saõ peritos nas Sciencias, e Artes.

HE digna naõ menos de consideraçaõ, que de observancia, aquella sentença de Horacio: *Tractant fabrilia fabri*; porque se póde accommodar a muitas especialidades da Arte; mas por ora só servirá para mostrar, que o Poeta (o mesmo saõ tambem os Oradores, e Historiadores) naõ se deve engolfar em discorrer nas cousas por modo scientifico, por ser hum vicio muy tedioso aos leitores. Por isso Tucydides no principio da narraçaõ da peste, prevendo já este vicio, fugio delle, dizendo: *Dicat igitur de hoc ut quisque novit, & Medicus, & idiota, à quo verisimile sit illud extitisse, & causas &c. Ego autem cujusm-*

di fuerit, explicabo. Sobre estas palavras discorre doutissimamente Fabio Pagolini liv. 1. Prelect. 6. dos seus *Commentarios* sobre esta narraçaõ de Tucydides; censurando a Diodoro, a Paulo Orosio, e a Ammiano Marcellino, cujas doutrinas se pódem applicar aos Poetas, ainda que só falla dos Historiadores. Porèm ouçaõ os Poetas o que contra elles diz sobre este vicio o Bispo Jeronymo Vida no 2. liv. da sua *Poetica*:

. . . . . . Sunt qui, ut se plurima nosse
Ostentent, pateatque suarum opulentia rerum,
Quidquid opum congesserunt, sine more, sine arte
Irrisi effundunt, & versibus omnia acervant.
Præcipuè siquid summotum, siquid opertum,
Atque parum vulgi notum auribus, aut radiantis
De Cœli arcanâ ratione, Deûmve remotâ
Naturâ, aut animæ obscuro impenetrabilis ortu, &c.

Esta economia, e modestia poetica mostrou Virgilio no seu Poema, tratando em muitas partes das sciencias, mas de modo, como diz A. Gellio liv. 3. cap. 2. *Ut hominem decuit poeticas res agentem.* O contrario observou Claudiano *de Raptu Proserp.* porque com huma longa, e importuna digressaõ faz discursos fysicos sobre a causa dos incendios do Etna: por isso delle diz Scaligero no liv. 6. da *Poetic.* *Importunè causam quærit incendiorum Ætnæ ex personâ suâ. Quid nempe nunc agat Physicum? Si quem hæc narrantem introduxisset, pateremur: nunc excurrit ipse suo relicto argumento.*

Pelos

Pelos mesmos passos deste Poeta foy Lucano, naõ seguindo os vestigios de Virgilio, que sempre com modestissima brevidade discorre de cousas astrologicas: por este motivo foy criticado por Minturno *Poetic.* liv. 2. pag. 88. dizendo: *Lucanus vel nimis in hoc est, atque in ostentatione quadam artis gloriam consequi conatur.* Excellente doutrina nos dá nesta materia Bulgarini na disputa, que teve com Mazoni partic. 1. dizendo: *Que como a Poetica naõ fora inventada para o uso de argumentar, e disputar, segundo affirma Averroes na sua* Parafrase sobre a Poetica, *por isso o bom Poeta deve fugir de tratar diffusamente as materias scientificas, e só as deve apontar, como faz Dante ex professo passando por todas com hum certo magnanimo desprezo.* Esta mesma doutrina se corrobora com a authoridade de Castelvetro *Poetic. de Aristot.* pag. 597. reprehendendo a Petrarca sobre aquelle verso do Soneto 9.

Quando il Pianeta, che distingue l' ore &c.

Diz assim: *O Poeta naõ deve sem necessidade grande misturar nos seus Poemas cousas pertencentes á Astrologia, ou alguma Arte, de que o povo naõ possa ter alguma instrucçaõ. Por isso Homero, e Virgilio nunca mostraõ o tempo do anno, ou do dia, por causa das Estrellas, das quaes muitas naõ saõ conhecidas do vulgo. Com pouco louvor se affastou Ovidio algumas vezes deste exemplo, e Lucano muitas &c.*

Deste vicio dos Poetas nascem muitos in-

convenientes : o primeiro he a éſcuridade, como aponta o meſmo Caſtelvetro, a qual *augmenta muito o verſo*: o ſegundo he a affectaçaõ; e ſenaõ, lea-ſe a *Dorothea*, e ſobre tudo a *Philomena* de Lope da Vega Carpio, onde diz:

Mezcla con ſuavidad clarin ſagrado
(Sin que puedas tomar paxaros viles)
Al genero Chromatico, y Diatonico
Con intervalo dulce el Enarmonico.
Haz puntos ſuſtentados, haz intenſos,
Haz ſemitonos, dieſis, y redobles &c.

Outro exemplo ſimilhante ſe lê em Valdivieſſo no Canto 3. de *S. Joſeph* na Eſtanc. que principia *Ceſſem las Veſtas, Palas, Cythereas &c.* E em Montalvan na ſua Comedia de *D. Floriſel de Niquea*, jornada primeira, quando diz: *Detraz de eſte jardin a breve eſpacio &c.* Naõ copiamos os verſos deſtes Authores, e de outros infinitos, por naõ ſermos prolixos em couſa, que he taõ pucril.

O outro defeito, que traz comſigo a affectaçaõ do Poeta que moſtra, ſaber muito das outras faculdades, he o perigo de errar, como alguns erraraõ, por naõ eſtarem plenamente inſtruidos na materia, de que tratavaõ; do que nem ainda eſtaõ livres Homero, e Virgilio, como diz Turnebo examinando eſte Poeta, e áquelle Eſcaligero *Poetic.* liv. 5. cap. 3. Tambem neſtes Poetas talvez poderemos comprehender a Camões, lendo a pri-

primeira Estanc. do segundo Cant. da sua *Lusiada.*

Já neste tempo o lucido Planeta,
Que as horas vay do dia distinguindo &c.

E a razaõ podia ser; porque parece, que o Sol naõ he o que distingue as horas; antes estas saõ que o distinguem a elle. Tassoni he o que faz este reparo tambem ao verso do Soneto de Petrarca acima allegado: *Quando il Pianeta, che distingue l' ore &c.* E assenta, que lhe parece, naõ ser o Sol o que distingue as horas, mas sim o dia, a noite, e as Estações.

Finalmente para o Poeta evitar as justas censuras dos Criticos, lea o conselho, que nesta materia, de que tratamos, lhe dá o Padre Pontano na sua *Poetica* liv. 1. cap. 5., e liv. 2. cap. 7. dizendo: *Ne fabulis inserendis luxuriemus; raræ sint, nec ita abstrusæ, ut mediocriter eruditis multùm negotii facessant. Ne magnam antiquitatis cognitionem ostentemus, nec frequenter ad historias veteres, aut dicta egregia sapientùm alludamus. Nam ut ista, opportunè si facias, vehementer placent; sic ipsa frequentia displicent, & tenebras gignunt.* Talvez que fundado nesta opiniaõ, e authoridade, censura alguem a Camões o ser taõ frequente em usar de fabulas para qualquer cousa, ostentando mostrar, que sabia bem da Mythologia; motivo porque parece a alguns nesta parte, naõ só enfadonho, mas escuro. Lea-se a Gracez Ferreira nas *Notas*, que fez a este grande Poeta.

CA-



CAPITULO X.

Do deleite poetico, e dos ſeus dous principios, bel-leza, *e* doçura.

ENtramos agora em hum dilatado aſſumpto, havendo de tratar do deleite poetico, que he o que faz exceder a Poeſia a todas as mais Sciencias, e Artes, como iman, que attrahe os corações. Nenhuma outra couſa he eſte deleite poetico, ſenaõ aquelle prazer, e goſto, que recebe a noſſa alma pela belleza, e doçura da Poeſia.

Muitos Authores confundem eſtas duas qualidades, tendo-as por huma meſma couſa, quando na verdade ſaõ entre ſi diſtinctas, como moſtra Luzan na ſua *Poetica*, a quem ſeguimos, por ſer excellente. A belleza conſiſte naquella luz, com que a verdade apparece brilhante, e ornada; e eſta luz naõ he outra couſa ſenaõ a brevidade, ou clareza, a energia, a utilidade, e outras circunſtancias, que pódem acompanhar, e fazer bella a verdade; porém a doçura naõ conſiſte propriamente em alguma deſtas qualidades, ſenaõ eſpecialmente naquellas, que pódem mover os affectos do noſſo animo; como affirmou Horacio, quando diſſe, que os Poemas naõ ſó devem ſer bellos, mas tambem doces.

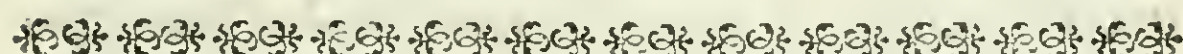
Non

Non ſatis eſt pulchra *eſſe poemata*, dulcia *ſunto*, accreſcentando logo:

Et quocumque volent, animum auditoris agunto:

No que moſtrou, que a doçura poetica conſiſte propriamente em ſaber mover os affectos, e fazerſe ſenhora dos animos, de quem a ouve, ou lê.

Porèm entremos mais profundamente neſte ponto, e principiemos a dar algumas luzes, que claramente moſtrem, em que conſiſte a *belleza*, e *doçura* poetica. Seguiremos os paſſos do celebradiſſimo Muratori, que magiſtralmente tratou deſta ignorada materia, eſcrevendo os livros *Della perfetta Poeſia Italiana*; no que faremos aos Poetas Portuguezes hum particular ſerviço para o bom goſto das ſuas Poeſias.



CAPITULO XI.

Em que preciſamente conſiſte a belleza poetica.

JA' diſſemos, que o fim da Poeſia, em quanto Arte fabricante, he deleitar com a imitaçaõ. De dous modos póde ſer eſta Arte deleitavel, ou com as couſas, e verdades, que ella imita, ou com a maneira de as imitar: iſto he; pódem cauſar deleite as verdades, e cou-

cousas, que o Poeta representa, ou porque saõ novas, e maravilhosas per si mesmas, ou por que o Poeta as faz ser taes com o seu artificio.

Estas verdades maravilhosas he que saõ a alma da Poesia, e a origem do deleite; porque se huma cousa naõ he nova, por experiencia vemos, que naõ nos causa maravilha, e por consequencia naõ nos instrue; pois sempre tiramos nossa instrucçaõ de vêr alguma cousa, que seja nova. Porèm como he muy difficil, ou para melhor dizer impossivel, que o Poeta sempre ache cousas novas, e verdades admiraveis, que imitar, deve-se advertir, que se daõ tambem outras verdades, as quaes naõ saõ maravilhosas, e novas, mas o artificio do Poeta pelo modo de as representar as faz parecer taes, como acima dissemos; por quanto elle se reveste de tal maneira, e lhe dá hum tal colorido, que apparecem cheias de novidade, e de belleza, por virtude do maravilhoso, e exquisito artificio, da vivacidade da pintura, e do novo ornato poetico, que lhe deu.

Naõ ha verdade mais trivial, e conhecida, do que esta de que *igualmente morrem os ricos, e os pobres*, nem esta proposiçaõ causa algum deleite a quem a ouve: mas se se vestir esta verdade com ornato poetico, dirse-ha com Horacio:

Mors æquo pulsat pede pauperum tabernas,
Regumque turres.

E si-

E ficará entaõ nova, viva, e deleitavel, por virtude do novo habito, com que se representou. Se dissermos tambem simplesmente, que *Chegára o tempo de fallecer ElRey D. Affonso Henriques*, nenhum deleite causará isto assim dito; porque naõ está revestido com belleza poetica: porèm farnos-ha esta verdade huma grande novidade, e maravilha poetica, se a lermos em Camões Cant. 3. Est. 83.

De tamanhas victorias triunfava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga, e muita idade foy vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria maõ o corpo enfraquecido,
E pagáraõ seus annos deste geito
A' triste Libitina seu direito.

Do mesmo modo talvez naõ foy maravilhosa a acçaõ de Paris filho de Priamo, e roubador da celebrada Helena. Adquirio com tudo novidade, e pareceo rara pela industria dos antigos Poetas, os quaes fingindo ser Paris eleito juiz das tres Deosas, vestiraõ a verdade com hum tal ornato, que a fizeraõ ficar maravilhosa, e estranha. Em huma palavra, como diz Muratori, os Poetas ou achaõ viandas saborosas, e novas per si mesmas, ou com a novidade do tempero daõ particular sabor ás triviaes, e usadas, fazendo por ambos estes modos bellissimos os seus Poemas, e deleitando summamente o gosto do entendimento.

A' vista

A' vista do referido dizemos, que a belleza precisa da Poesia consiste na novidade, e no maravilhoso, que resulta das verdades, que o Poeta representa. Esta verdade, e este maravilhoso he huma suavissima luz, que nos póde deleitar, e arrebatar, empregada no nosso entendimento, e especialmente na fantasia.

Dous modos pois, e dous meyos tem os bons Poetas, para fazerem bellas as suas composições, e com ellas causarem deleite. O primeiro he o de achar cousas, e verdades novas, estranhas, e maravilhosas, que per si mesmas causem admiraçaõ. O segundo he o de pintar bem com vivas cores, e de ornar com pompa, novidade, e maravilhosos artificios as mesmas verdades, que per si mesmas naõ saõ admiraveis, nem estranhas; e quem for dotado de huma, e outra virtude, póde seguramente dizer, que possue, e sabe em que consiste a verdadeira belleza poetica.

Segundo estes principios podemos igualmente dividir em duas especies esta belleza poetica; isto he, em *materia*, e em *artificio*. Ou o Poeta ha de achar materia nova, admiravel, e estranha; ou quando esta for trivial, revestilla com o artificio de novidade, e de cores maravilhosas. A *materia* comprehende todos os objectos dos tres mundos, ou Reinos da natureza, de que já tratámos no Capitulo *Do fim da Poesia*; e qualquer destes objectos póde servir de assumpto ao Poeta, e des-

cobrir

cobrir verdades novas, maravilhoſas, e raras, que poſtas em verſo deleitaráõ grandemente. O *artificio*, que he a maneira de communicar as couſas aos entendimentos alheyos, e de fazer, que eſtes comprehendaõ os noſſos affectos, as verdades abſtractas, as acções humanas, e tudo o mais, de que ſe póde diſcorrer em hum Poema; o artificio, digo, ſe extende tambem a todos eſtes objectos, podendo o Poeta por meyo delle repreſentallos viviſſimamente, e com ſua novidade, quando elles per ſi meſmos naõ a tenhaõ; ou tambem póde unirſe o artificio com a materia nova, e admiravel per ſi meſma, fazendo-a muito mais formoſa, e capaz de ſempre cauſar muito mayor deleite.

Para darmos hum exemplo de huma verdade rara por parte da materia, nos parecem muy proprios os dous verſos de Maggi, nos quaes de algum modo dá a conhecer a immenſidade de Deos, fonte de toda a formoſura, que enche de ſi meſmo a todas as couſas:

Dell' ampio mondo in ogni parte è Dio,
E ne ſon cinti, e pieni i noſtri cuori &c.

Eſta grande verdade naõ conſidera a mayor parte das peſſoas, as quaes ainda que ſaibaõ, que Deos eſtá em toda a parte, com tudo naõ ſentem, e naõ obſervaõ, que elle eſteja nos noſſos corações; e mais depreſſa o concebem como couſa, que aſſiſte no Ceo, e de lá governa a terra.

Da-

Daqui vem, que fica este conceito bellissimo, novo, e deleitavel; isto he, bello per si mesmo, porque descobre huma admiravel verdade naõ observada, e muito rara. Daremos igualmente outro exemplo tirado da Sagrada Escritura. Lemos no cap. 3. da Sabedoria divina estas palavras: *Justorum animæ in manu Dei sunt, & non tanget illos tormentum mortis. Visi sunt oculis insipientium mori, & existimata est afflictio exitus illorum, &, quod à nobis est iter, exterminium. Illi autem sunt in pace.* Esta he huma das mais nobres verdades, que nos ensina a Fé Catholica, e sempre he nova, sempre maravilhosa.

Parecia aos olhos dos ignorantes, que os Santos Martyres morressem com incrivel miseria: ensina-os pois a Sabedoria divina, fazendo-lhes saber, que os seus justos, nem ainda saõ tocados pela morte, e que loucamente se imagina ter acabado o curso das suas vidas: porque a morte delles naõ he outra cousa mais, que huma passagem do nosso desterro aos Reinos da paz, e aos gostos da immortalidade gloriosa. A verdade deste exemplo, como he inopinada, porque o contrario vem os nossos sentidos corporaes, causa hum admiravel deleite, conforta, e move a pasmo a todo o que a ouve.

Mas porque nem sempre o nosso entendimento póde descobrir verdades perigrinas, e maravilhosas na materia, antes muitas vezes por necessidade lhe convém descrever, e tratar

tar das mais conhecidas, e vulgares, porá entaõ todo o seu cuidado o Poeta em fazer bella a materia com o artificio. Muitas vezes succede attenuar esta as verdades com o demasiado uso, e por isso naõ ficar apta a produzir maravilhas; e entaõ tem o engenhoso Poeta necessidade de fazer a esta materia por meyo do artificio poetico aquelle beneficio, que lhe naõ fez a natureza.

Ora isto, como já temos dito, se consegue, vestindo a tal materia com hum novo, e vistoso ornato, o qual faz, com que ella tome novo semblante; de maneira, que quando ella antes per si mesma naõ podia causar gosto, unida depois com o artificio facilmente o possa causar. Ora veja-se o quanto por causa da materia saõ nobres, e cheyos de hum suavissimo affecto estes seis versos de Tasso feitos á imitaçaõ de Virgilio. Veja-se quanto o artificio, bem que superficial, de repetir as palavras, accrescentou notavelmente a graça, e a natural belleza:

Noi canteremo i nostri versi a prova,
Qualunque paia il nostro modo, e l' arte;
E Corinna alzerem fino alle stelle,
Fino alle stelle inalzerem Corina,
Ch'io non fui degno di vederla in Terra,
Ma spero forse di vederla in Cielo.

Outra pintura com o mesmo colorido do artificio se achará no primeiro tom. da Collecçaõ dos versos Latinos da Arcadia em Roma,

ma, pag. 180, e 181. Chora hum Paſtor deſta Academia a morte do celebre Joaõ Bautiſta Zappi, chamado o Paſtor *Thyrſo Leucaſio*, em huma admiravel Elegia, e diz aſſim:

Dumque alii tibi dona ferent, dumque oſſa piabunt,
Dicemus laudes, ó bone Thyrſi, tuas.
. . . .
Sic tibi ſolemnes quoties ſtatuemus honores,
Dicemus laudes, ó bone Thyrſi, tuas.
Turba frequens Thyrſin, Thyrſin nemus omne ſonabit,
Thyrſin clamabunt littora, Thyrſin aquæ.

Outro lugar igualmente, que me parece bello por cauſa da materia, e que ao meſmo tempo deve grande obrigaçaõ ao artificio, ſe lê em Ovidio, repreſentando viviſſimamente a Ulyſſes, que expunha na praya do mar a Calypſo os ſucceſſos de Troya:

Hæc Troiæ caſus iterumque, iterumque rogabat:
Ille referre aliter ſæpe ſolebat idem.
Littore conſtiterant: illic quoque pulchra Calypſo
Exigit Odryſii facta cruenta Ducis.
Ille levi virgâ (virgam nam fortè tenebat)
Quod rogat, in ſpiſſo littore pingit opus.
Hæc, inquit, Troia eſt: (muros in littore fecit)
Hic tibi ſit Simois: Hæc mea caſtra puta.
Campus erat (campumque facit) quem cæde Dolonis
Sparſimus, Hæmonios dum vigil optat equos.
Illic Sithonii fuerant tentoria Rheſi:
Hac ego ſum captis nocte revectus equis.

Plu-

Pluraque pingebat: ſubitus cùm Pergama fluctus
Abſtulit, & Rheſi cum Duce caſtra ſuo.

O ſuaviſſimo Camões nos deixou no ſeu grande Poema muitos retratos deſte original. Baſtará por ora moſtrar dous, o primeiro do Cant. 8. Eſt. 28., e o ſegundo do Cant. 6. Eſt. 23.

Attenta n'um, que a fama tanto extende,
Que de nenhum paſſado ſe contenta,
Que a Patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre ſeus duros hombros a ſuſtenta.
* *Naõ o vês tinto de ira, que reprende*
A vil deſconfiança, inerte, e lenta
Do povo, e faz, que tome o doce freyo
De ſeu Rey natural, e naõ de alheyo?

Parece que eſtamos vendo com os olhos o animo, zelo, e ira do Condeſtavel Nuno Alvares Pereira, de quem trata eſta Eſtancia; porém ainda he mais expreſſiva a pintura da que ſe ſegue, na qual parece que vemos ao menino Melicerta hir brincando pela praya, e pegar nelle a Nereida Panopea, ou por hir cançado como menino, ou por evitarlhe as traveſſuras.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veyo a ter divino eſtado,
Comſigo traz o filho, bello infante,
No numero dos Deoſes relatado.
* *Pela praya brincando vem diante*

Com

Com as lindas conchinchas, que o ſalgado
Mar ſempre cria, e ás vezes pela arêa
No collo o toma a bella Panopea.

De tudo quanto temos dito ſe conclue, que a Poeſia, a qual naõ he outra couſa ſenaõ imitaçaõ, comprehende duas couſas; iſto he, a materia, ou ſeja o ſujeito, e fundo da imitaçaõ, e a maneira de imitar; e cada huma deſtas couſas póde conter belleza, e cauſar aſſim maravilha, como deleite. Para hum Poeta ſer bom, baſta que ſeja excellente na maneira de imitar, do meſmo modo, que baſta ao Pintor o ſaber imitar o que quer exprimir com o pincel; nem ha neceſſidade, que a materia, ou ſujeito ſeja ſempre maravilhoſo, novo, e bello per ſi meſmo; porque ſe iſto foſſe neceſſario, já mais poderia o Poeta repreſentar ſenaõ couſas, acções, coſtumes, affectos, e ſentimentos per ſi meſmos maravilhoſos. Taõ bom meſtre he aquelle, que pinta huma bella moça, como o que figura huma velha fea: nem fica inferior ao que pinta muitas figuras em hum painel, aquelle, que faz hum ſó retrato excellente.

CA-



CAPITULO XII.

Da belleza da materia, e como della se possaõ tirar verdades peregrinas.

NEnhuma outra cousa [segundo entendo] he o descobrir na materia, e extrahir della verdades peregrinas, senaõ o observar, e descobrir em qualquer materia, e objecto proposto ao Poeta as verdades, que outros observaõ mal, e que raras vezes, ou nunca, as costuma representar a natureza, (se bem que possa) aos sentidos, á fantasia, e ao engenho. Estas verdades descobre o Poeta, e ainda que sejaõ pintadas com locuções, e palavras simplices, com tudo sempre comsigo trazem maravilha, novidade, e por consequencia a virtude de nos deleitar, sem que o artificio se cance muito em fazer, com que appareçaõ maravilhosas: e como quer que as acções, os affectos, os costumes, e os conceitos dos homens sejaõ o principal sujeito da Poesia; nesta materia especialmente costuma descobrir o Poeta, e extrahir della verdades peregrinas. Entaõ descobrirá elle estas verdades, quando observar nos objectos, que se lhe propoem, aquellas qualidades, e acções, aquelles costumes, e affectos, que ordinariamente naõ produz a natureza, nem costuma

vir á comprehensaõ, e advertencia do povo.

Para chegarmos pois com a materia a causar maravilha, e deleite, he preciso representar os objectos dos tres mundos, naõ como elles ordinariamente saõ, mas como verosimilmente pódem, ou deveriaõ ser na sua completa fórma. Quando o Poeta intenta descrever a hum homem máo, ou bom, huma acçaõ louvavel, ou vituperavel, hum corpo proporcionado, ou disfórme, e o discurso de hum heroe, de hum servo, ou de hum pastor, busca, descobre, e exprime toda a perfeiçaõ, ou defeito destes sujeitos, fazendo delles huma pintura, como os deveria produzir a natureza, ou plenamente perfeita, ou defeituosa. Deve por tanto o Poeta descobrir nas cousas, e na materia tudo o que he mais raro, e maravilhoso, representando os objectos, mais do que elles ordinariamente naõ saõ: e para neste particular me poder propriamente explicar, seja-me licito, poder dizer sem escandalo, que o Poeta deve completar, e aperfeiçoar a natureza.

Póde haver esta perfeiçaõ em todas as quatro partes mais essenciaes dos Poemas, observadas por Aristoteles: isto he, na *Fabula*, ou seja nas Acções, nos *costumes*, na *sentença*, ou seja nos conceitos, e na *dicçaõ*, ou seja nas palavras. O sitio, e a tomada de Troya naõ se conseguiraõ com tantas admiraveis operações, assim de homens, como de Deoses, quantas representaraõ Homero, e Virgilio nos seus Poe-

Poemas. Eſtes Poetas com o ſeu divino engenho, e fecundiſſima fantaſia deſcreveraõ tal ſucceſſo, imaginando-o como elle poderia, ou deveria veroſimilmente ſucceder.

Igualmente deſcrevendo os *coſtumes* podemos aperfeiçoar a natureza. Se quizermos pintar os de hum magnanimo, ou covarde, de hum feroz, ou affeminado, de hum prudente, ou cruel, devemos pintar eſtes coſtumes, repreſentando-os como verdadeiramente pódem, ou veroſimilmente devem ſer no mais eminente, e completo gráo do tal coſtume, ou ſeja louvavel, ou vituperavel, ou indifferente. Aſſim o praticaraõ Virgilio com Eneas, e Sinaõ, Taſſo com Gofredo, Homero com Achilles, e Camões com Vaſco da Gama, cujas pinturas de valor, aſtucia, piedade, ferocidade, e animo heroico cauſaõ maravilha, e deleite, por ſerem obras de excellentes mãos. Talvez que os coſtumes deſtes ſujeitos naõ ſubiſſem a gráo taõ eminente, ou de perfeiçaõ, ou de defeito, mas veroſimilmente podiaõ, ou deviaõ ſer aſſim eſtes homens para merecerem o caracter de Heroes.

Na *ſentença*, e na *dicçaõ* he certo, que infinitamente ſe póde ainda augmentar a perfeiçaõ da natureza. Coſtumaõ os Poetas, quando fallaõ, ou introduzem alguem a fallar, naõ uſar daquelles conceitos conhecidos, e triviaes, que ordinariamente nos lembraõ, e ſe ouvem nos diſcurſos civîs, ou familiares; mas eſcolhem os mais nobres, os mais engenhoſos,

nhoſos, os mais ternos, os mais ridiculos, e facetos, que poderá dizer hum heroe, hum homem douto, hum amante, e hum louco &c.

Muitos exemplos poderamos moſtrar para prova deſta verdade; mas por fugirmos á prolixidade, apontaremos ſó alguns, que baſtaráõ para inſtruirem o Poeta. Em huma Tragedia, intitulada *Aſpaſia*, compoſta pelo celebre Poeta Ceſareo Pedro Antonio Bernardoni, lemos hum paſſo, que dá humas grandes luzes ao que dizemos. Introduz elle a Dario, filho de ElRey da Perſia, a fallar com Aſpaſia, dizendo-lhe, que a tinha pedido a ſeu pay para eſpoſa, e elle lhe tinha deferido como o ſeu amor deſejava. Diz elle a Aſpaſia:

Il Re dé Perſi a me vi dona.....

Reſponde-lhe ella logo:

.... Et io
Ch' impero ho più del Re dé Perſi in queſta
Libertà, che m' avanza, a voi mi tolgo.
Io del mio cor ſon donna, e ſola poſſo
Di lui, qualor mi piaccia,
Farne all' altrui virtute o premio, o dono.

Igualmente Lucano no liv. 4. da ſua *Farſalia* imaginou os conceitos mais nobres, que deveria conceber Afranio, homem animoſo, mas vencido por Ceſar, na occaſiaõ, em que ſe rendia ao vencedor:

Vi-

Victoris ſtetit ante pedes. Servata precanti
Maieſtas, non fracta malis; interque priorem
Fortunam, caſusque novos, gerit omnia victi,
Sed Ducis; & veniam ſecuro pectore poſcit.
Si me degeneri ſtraviſſent fata ſub hoſte,
Non deerat fortis rapiendo dextera letho.
At nunc ſola mihi eſt orandæ cauſa ſalutis,
Dignum donandâ, Ceſar, te credere vitâ.

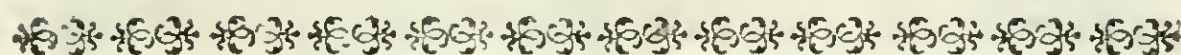
Naõ he juſto, que deixemos tambem de apontar hum exemplo do grande Camões no Cant. 7. Eſt. 69. introduzindo a fallar hum Mouro da noſſa Religiaõ com termos, e ſentimentos decentiſſimos, e adequados ainda ſegundo as leys do Alcoraõ. Ouçamos como o Poeta ſe moſtrou a todas as luzes admiravel neſta repreſentaçaõ pelas vozes taõ proprias, e perigrinas, de que uſou:

Tem a Ley de hum Proféta, que gerado
Foy ſem fazer na carne detrimento
Da Mãy, tal que por bafo eſtá approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor ſanguinolento
Das armas, no ſeu braço reſplandece;
O que em noſſos paſſados ſe parece.

Diſſemos acima, que os partos da natureza ordinariamente naõ ſaõ per ſi meſmos maravilhoſos, e novos na ordem das couſas; porque naõ ſaõ eminentes, e completos no ſeu genero. Póde com tudo algumas vezes ſucceder

der o contrario; porque com effeito tem havido Capitães, Principes, e Heroes de hum ſummo valor, e admiravel fortuna, ſobre ſerem ornados das mayores virtudes; e as ſuas emprezas chegaraõ com effeito áquella novidade, e perfeiçaõ, que o Poeta vay deſcobrindo na materia. Se eſtas taes emprezas, e perſonagens forem propoſtas para argumento de algum Poema, certo he, que naõ tem a fantaſia muito que ſe cançar em deſcobrir o admiravel da materia; porque a natureza per ſi meſma o manifeſtou, fazendo logo bella, e poetica a eſta materia. E taes deveriaõ certamente ſer as emprezas do Imperador Trajano na guerra contra os Dacios; porque ſe alegra muito Plinio o moço com hum certo Caninio, que queria deſtas acções formar hum Poema; pois tinha deſcoberto hum argumento de ſi meſmo poetico: diz aſſim na Epiſt. 4. l. 8. *Optimè facis, quod bellum Dacicum ſcribere paras. Nam quæ tam recens, tam copioſa, tam lata, quam denique tam poetica, & quamquam in veriſſimis rebus tam fabuloſa materia?* Mas porque deſtes aſſumptos, e de materia taõ eminente, e maravilhoſa coſtuma a natureza ſer muito avarenta, e por iſſo a eſta póde o Poeta, como temos dito, accreſcentarlhe alguma perfeiçaõ, e novidade; e deſte modo he, que elle póde aperfeiçoar a natureza.

CA-



CAPITULO XIII.

Como os Poetas buſcaõ o verdadeiro : *trata-ſe daquelle que he certo , do que he poſſivel , do que he crivel , e provavel , chamado por outro nome* veroſimil.

TEndo-ſe tantas vezes dito neſtes Capitulos, e eſtabelecido *o verdadeiro* por primeiro principio , e fundamento da belleza poetica ; e que o Poeta deſcobrindo na materia as verdades mais novas , maravilhoſas , e peregrinas , entaõ he que acha aquella belleza, que ſe buſca nos Poemas , eſtou perſuadido, que alguns entenderáõ, que he paradoxa eſta propoſiçaõ.

Quem ha , que ignore , que o buſcar a verdade naõ he proprio dos Poetas , mas ſim o affaſtarem-ſe della, quanto pódem , fingindo, e inventando fabulas , e mentiras , que certamente contém o que he falſo , e naõ o verdadeiro. Tanto he iſto aſſim , que aquelle , que melhor ſabe fingir , e mentir , eſſe he o melhor Poeta, ſegundo o proverbio , *Muitas mentiras dizem os Poetas* , como eſcreveo Ariſtoteles no livro da *Metaphyſica* , e Plutarco no Tratado *de aud. Poet.* logo como ſe póde dizer , que a belleza da materia poetica eſtá fundada no *verdadeiro* ?

Ceſſa-

Cessará talvez esta grande duvida, e justissima admiraçaõ, quando se entender bem a divisaõ do *verdadeiro*, do qual já demos huma breve noticia, e agora hiremos expondo com mayor clareza. De duas especies he o *verdadeiro* da natureza. Huma he aquelle *verdadeiro*, que com effeito he, ou foy: o outro he o que verosimilmente foy, e tambem podia, ou devia ser, segundo as forças da natureza. O primeiro *verdadeiro* buscaõ os Theologos, os Mathematicos, os Historiadores, e outras sciencias. O segundo pertence aos Poetas, que saõ os que principalmente o buscaõ. Do conhecimento do primeiro vem a *sciencia*, e do segundo a *opiniaõ*. Hum póde-se chamar verdadeiro, necessario, ou evidente, ou moralmente certo; como seria dizer: *Que Deos he Omnipotente, e Eterno; que a terra he redonda; que o Sol queima, e brilha; que Roma fora antigamente Republica, que conquistara muitas Provincias de Europa, e da Asia; e que os Christãos libertaraõ Jerusalem do poder dos Sarracenos, sendo Capitaõ Gofredo.* Outro póde-se chamar *verdadeiro*, possivel, provavel, e crivel, que vulgarmente se diz *verosimil*; como v. g. *Que a Lua contém em si, como a terra, variedade de corpos; que ha fogo debaixo da esféra da Lua; que huma loba criára a Romulo, e Remo; e que na conquista da Terra Santa, que fizera Gofredo, houvera hum fortissimo Sarraceno chamado Argante, e huma valerosa donzella com o nome de Clorinda.*

Po-

Porèm como todos os dias eſtamos infelizmente experimentado, que he difficil de achar o *verdadeiro*, certo, e evidente; por iſſo o noſſo entendimento, como o naõ póde conſeguir, ſe contenta, e deleita com o *veroſimil*, que até comprehende (além dos Poetas) tambem aos Theologos, aos Filoſofos naturaes, aos Hiſtoriadores &c. como prova o noſſo ſeguido Muratori tom. 1. pag. 72.

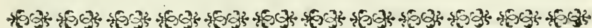
Eſtabelecida eſta doutrina, continuamos a dizer, que ſempre algum *verdadeiro* ſerve de fundamento ás invenções poeticas, e que eſtas naõ pódem ſer bellas, quando naõ nos fazem aprehender alguma verdade, ou certa, e evidente, ou tambem poſſivel, e veroſimil. Muitas ſaõ as verdades reaes, certas, e exiſtentes, que ſe encontraõ nos Poemas. Na Epopea, nas Tragedias, e em infinitas compoſições lyricas coſtuma ordinariamente ſer o ſujeito dos verſos alguma acçaõ, ſucceſſo, ou peſſoa, que verdadeiramente foy, ou realmente he.

Todos os dias nos moſtra a Poeſia mil pedaços de Hiſtoria, de Geografia, de Filoſofia, e de outras Sciencias, e Artes; mil deſcripções de lugares, de rios, de animaes, e de outras couſas, que ſaõ verdadeiras; antes pela mayor parte os conceitos de que ella uſa, contém a verdade evidente, e real. O reſto das outras invenções, e deſcripções dos outros ſucceſſos, e conceitos, que ella nos faz ver, e ouvir, e que induſtrioſamente finge,

ge, contém, ou deve conter o *verdadeiro* possivel, crivel, e provavel. Onde o entendimento naõ descobrir na séria, e nobre Poesia, e em qualquer das suas partes, ou o primeiro verdadeiro, ou o segundo; he certo, que a tal composiçaõ naõ causará deleite, nem parecerá bella, ainda que se encontre o novo, e o maravilhoso; porque nos ha de causar o falso hum grande desagrado, como cousa impossivel, incrivel, ou inverosimil. Por isso o Poeta, que he nobre, e sério, sempre nos representa as cousas verdadeiramente succedidas, certas, e existentes; ou tambem finge com a sua fantasia as que verdadeiramente pódem, ou podiaõ, devem, ou deviaõ ser, e succeder, causando deste modo, ou sciencia, ou opiniaõ em o nosso entendimento.

Naõ se póde dizer, que estes successos possiveis sejaõ falsos; porque ainda que seja evidente o naõ serem elles realmente verdadeiros, tambem he claro, que elles podiaõ, ou pódem verdadeiramente succeder; e o Poeta com elles faz, que o entendimento alheyo aprehenda hum verdadeiro, naõ real, e succedido, mas sim possivel, e verosimil, que antes naõ era conhecido. Estas cousas pois, que saõ criveis, possiveis, e provaveis, chamamos-lhe *verosimeis*; porque saõ semelhantes ao *verdadeiro* certo, evidente, e real; e tambem saõ certas na razaõ, e genero (digamos) de possibilidade, probabilidade, e credibilidade. Basta por ora deste assumpto; porque lar-

largamente difcorreremos do verofimil, e inverofimil, pelo difcurfo defta Arte, e faciaremos (quanto nos for poffivel) os defejos do leitor.



CAPITULO XIV.

Da belleza do artificio, *fua virtude, e feus exemplos &c.*

TEndo nós até aqui tratado das bellezas da materia, convem igualmente agora, que paffemos ás do artificio, e dizer nefte affumpto algumas coufas geraes para inftrucçaõ do Poeta, que as ignora. O artificio, como já temos dito, confifte na maneira de reprefentar, e exprimir as coufas; e com efta maneira recebe a mefma materia huma grande luz, novidade, e belleza. Naõ importa, que naõ feja de fi mefma maravilhofa, e extraordinaria huma verdade, huma acçaõ, e hum conceito; porque a maneira de a reprefentar, e pintar com palavras a fará extraordinaria, e maravilhofa tambem, a que per fi mefma já era tal, ficará com o artificio mais peregrina, e deleitavel, do que d'antes era.

Soccorrendo defte modo o Poeta com o feu artificio novo, e admiravel á materia, que naõ tem eftas duas circunftancias, dá huma nova alma ás coufas, e as vefte de modo,

que

que com a pompa poetica facilmente causa deleite. Huma viva metafora, huma engenhosa parabola, e allegoria, huma bella figura, huma disposiçaõ de palavras, huma evidencia no pintar, huma affectuosa, nobre, e extraordinaria imagem (que he em que consiste principalmente o artificio) faz muitas vezes, que hum successo, hum costume, hum affecto, e hum conceito nos deleite, e nos arrebate; o que talvez naõ succederia sem o soccorro do artificio. Apontaremos alguns exemplos, e seja so primeiro do suavissimo Poeta Italiano Francisco de Lemene em huma Cançaõ a Nossa Senhora: diz assim na segunda Estancia:

Chi sia costei più fra le belle Bella?
Chi sia costei più fra le saggie Saggia?
Chi sia costei più fra le Sante Santa;
Costei, che del suo lume il Sole ammanta,
Costei, sotto il cui piè Cintia s' irraggia,
Costei, cui fregia il crin più d' una Stella?
Costei, che al candor sembra
Dell' alma, e delle membra
La feconda Conchiglia, e Verginella?
Questa (ma pria ch'io 'l dica, oimè perdona
Al mio profano ardir, Vergin pudica)
Questa (ma pria ch'io 'l dica
Tu pensier puri, e puro stil mi dona)
Questa al fin, questa, il dirò pur (ma pria
Chino la fronte umil) questa è Maria.

Que admiravel artificio! Rarissimas copias

pias ſe poderáõ entre nós moſtrar deſte precioſo original, pelas bellas, ſuaviſſimas, e nobres expreſsões, com que eſtá pintado. Se eſte Poeta diſſera ſem outro artificio: *Que Maria entre todas as bellas he a mais bella; que entre todas as ſábias he a mais ſabia; que tem a Lua debaixo dos pés, e que de Eſtrellas ſe fórma a ſua coroa &c.* ſeriaõ eſtes conceitos bellos, mas ſó por virtude da materia: porém ſem comparaçaõ alguma ficaõ muito mais bellos pela maneira, e artificio, com que ſe exprimiraõ. Aquella interrogaçaõ unida ao paſmo, aquelle ſuſpender a reſpoſta, aquelle interrompella com imagens affectuoſas, e inſperados apoſtrofes dá hum tal ar de novidade, de ternura, e mageſtade á materia, que quaſi nos vem a parecer outra couſa, e que infinitamente nos deleita mais, tudo por cauſa do ornato, que lhe accreſcentou o artificio.

O grande Camõens em muitas partes do ſeu Poema naõ nos deixa de dar excellentes exemplos. No Canto 2. introduz a Venus fallando a Jupiter a favor dos Portuguezes com admiraveis imagens; porém na Eſtancia 41. diz aſſim:

Mas morra em fim nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fuy.... E niſto, de mimoſa,
O roſto banha em lagrimas ardentes,
Como co' orvalho fica a freſca roſa.
Callada hum pouco, como ſe entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedoſa,

Tor-

Torna a ſeguilla, e hindo por diante,
Lha atalha o poderoſo, e graõ Tonante.

Muito deve eſta Eſtancia ao artificio, que fez maravilhoſa a materia, que de ſi o naõ era. Se eſte Principe da Epica Portugueza fizera continuar a Venus na ſua falla, pouca, ou nenhuma novidade ſentiriamos: mas para a haver, e deleitar com ella aos leitores uſou, á maneira de Virgilio, artificioſamente da *reticencia*, ou *apoſiopeſis*, dizendo: *Que pois eu fuy*: queria continuar v. g. *deſgraçada*, *infeliz &c.* Como melindroſa imaginou o Poeta, que havia chorar, e explicou-ſe com hum particular artificio. Finalmente introduz eſta Deoſa a querer outra vez fallar, como he natural, em couſa, que importa muito; mas Jupiter compaſſivo lhe atalha as vozes; o que faz ſobreſahir notavelmente o artificio, e exceder eſta imagem a de Virgilio: *Quos ego &c.* taõ trivial aos que ſaõ dados á Poeſia.

Igualmente engenhoſo he o penſamento, que tranſcreve Luzan na ſua *Poetica* do diſcretiſſimo D. Luiz de Ulhoa. Diz aſſim eſte Poeta em huma Decima:

Mas quando al conocimiento
Se paſſa por los ſentidos,
Ya quanto eſtan defendidos
Se niega el entendimiento.
Deſvanece al penſamiento
Ver que en guerra tan trabada
Eſtè la fuerza aſſolada,

Y las potencias rendidas,
Quedando tan ſin heridas
Los que guardaban la entrada.

Obſervou eſte Poeta, que pelos ſentidos he que nos vem o conhecimento das couſas, as quaes para o entendimento as comprehender, he preciſo, que paſſem por eſtes orgãos; como he certo na doutrina antiga de Ariſtoteles, e na moderna.

Fundado neſte principio entra engenhoſamente Ulhoa a difficultar, como podéſſem as ſuas potencias internas namorarſe, ficando ao meſmo tempo os ſentidos livres deſta paixaõ amoroſa. Eſte penſamento de ſi meſmo pela materia era deleitavel, e ainda ſem adorno, e com palavras ſinceras podia conſeguir eſte fim; porém elle com o artificio o fez muito mais maravilhoſo, e novo, como vimos nos admiraveis verſos, que apontámos.

Em todo o tempo, e em todo o lugar, onde (ſegundo a tranſmigraçaõ das ſciencias) floreceraõ excellentes Poetas, e engenhos felices, ſempre a Poeſia ſe regulou pelos meſmos principios deſta belleza poetica, de que tratamos, e já temos tratado. Sempre o *verdadeiro* ſervia de fundamento ás fabulas, ás acções, aos coſtumes, aos affectos, aos conceitos, e a todo o trabalho poetico; porém ſempre o *verdadeiro* maravilhoſo, e novo, ou por cauſa da materia, ou do artificio, como tambem a fantaſia, e o engenho ſe empregavaõ

vaõ em deſcobrir na natureza eſte novo modo, ou em dar novidade a eſte verdadeiro trivial, e uſado.

A mais pura, ſanta, e antiga Poeſia foy ſem duvida a dos Hebreos. Della ainda nos reſtaõ os Canticos de Moyſés, e de outros Profétas, os Pſalmos de David, o Livro de Job, os Proverbios, as Lamentações de Jeremias, e outras obras mais, que ſaõ Poemas feitos em huma rithma, e metro particular dos Judeos, como affirma Philo, e Joſeph Hebreos, Origenes, Euſebio de Ceſarea, S. Jeronymo, e outros; ſe bem que Eſcaligero, e alguns modernos ſaõ com pouco fundamento de contrario parecer.

Neſta divina Poeſia achaõ-ſe infinitas imagens, figuras, e expreſsões verdadeiramente admiraveis, e novas, as quaes, quando pelas traducções paſſaraõ a outros idiomas, neceſſariamente perderaõ muito da ſua natural belleza, e força pela ruſticidade das linguagens. Póde haver Poeſia mais doce, e affectuoſa do que os Cantares de Salamaõ, nos quaes ſe repreſentaõ os terniſſimos amores da alma com Deos? Para explicar a ira divina, e para mover a pranto, e a piedade, ſaõ admiraveis os Livros de Jeremias, cheyos de maravilhoſos penſamentos.

E que ſumma nobreza ſe naõ encontra nos Pſalmos de David, cantando as grandezas, e miſericordias de Deos, e o arrependimento de huma alma fiel? Obſerve-ſe com que ſublime

blime penſamento nos faz no Pſalmo 103. conceber o grande poder de Deos, dizendo: *Qui reſpicit terram, & facit eam tremere.* Naõ ſe póde mais vivamente explicar a Mageſtade, e Omnipotencia Divina, ſenaõ com huma tal expreſſaõ, que he huma admiravel imagem. Naõ ſó os Hebreos, mas ainda aquellas nações, que temos por barbaras, cultivaõ a Poeſia com aquella belleza, que inſinuámos, e vamos inſinuando. O que he bello, ſempre o foy em todo o tempo, e lugar, porque ſempre foy, e ſerá huma ſó a natureza, que pintaõ os Poetas excellentes. Sómente a mayor, ou menor cultura dos eſtudos he que faz, com que mais em hum paiz, e menos em outro haja engenhos poeticos, mais, ou menos felices em compor Poemas; pois que as meſmas ſementes do que he bello, ſaõ commuas a todos os homens.

Os Arabes, os Turcos, os Perſianos, e os Gregos modernos, ainda que eſtejaõ pelo ordinario muy affaſtados dos eſtudos amenos, e graves, e por iſſo pouco favorecidos das Muſas; com tudo compozeraõ, e compoem muitos Poemas excellentes; aos quaes naõ ſabemos dar a devida eſtimaçaõ, por ignorarmos a lingua, em que eſtaõ compoſtos. Juſto ſerá, que deſta verdade apontemos algum exemplo. Entre os Poetas Perſianos floreceo hum com grande reputaçaõ, chamado Suzeno, homem certamente dotado do mais faceto, e agudo engenho, como teſ-

tifica Derbelot. Falleceo no anno de 1173. Na sua idade mais madura entrou a fazer penitencia dos seus peccados, e della deixou testemunhos em oito mil versos, que escreveo, nos quaes chora as culpas, que commettera. Fingiraõ cega, e superstitiosamente os Persianos, que este Poeta depois da sua morte apparecera a hum seu amigo, e lhe dissera, que Deos lhe perdoara os seus peccados por hum Disthico, que compozera. Traduzio-o Derbelot em Latim deste modo:

Quatuor tibi affero, ó Deus, quæ in Thesauro tuo non sunt:
Nihilum, indigentiam, peccatum, & pœnitentiam.

Como esta composiçaõ para muitos será cousa nova, será tambem justo, que a traduzamos em Portuguez, por servirmos áquelles, que ignoraõ a lingua Latina:

Eu, Senhor, quatro cousas te offereço,
Que naõ ha no teu thesouro,
O Nada, e a Indigencia,
Como tambem a Culpa, e Penitencia.

Ainda que este conceito esteja vestido á Persiana, com tudo he nobilissimo, engenhoso, e novo. Primeiramente causa maravilha, e deleite, querer apresentar a Deos, Senhor de tudo, quatro cousas, que elle naõ tem no seu thesouro, e descobrirse depois, que nelle verdadeiramente naõ ha as ditas cousas. Em segundo lugar, com muita belleza persuade o Poe-

o Poeta ao meſmo tempo a vileza, e miſeria de homem, de quem ſaõ proprias as quatro couſas, e a grandeza, e ſantidade de Deos, a qual dá a moſtrar que he immenſa, porque nos ſeus immenſos theſouros faltaõ as taes couſas. Finalmente abraçando em poucas palavras as razões de aplacar, de ter neceſſidade de Deos, e de arrependerſe das culpas paſſadas, naõ podia o Poeta pedir perdaõ com mais engenhoſa, e aguda brevidade.

Eisaqui como os Poetas ainda mais eſtranhos, eſtudando pela natureza, produzem tambem elles belliſſimos conceitos, imagens muy vivas, e verdades peregrinas; ainda que por cauſa da differente lingua ſeja algumas vezes muy differente o artificio em as exprimir.

Porém naõ quero acabar eſte Capitulo, nem deixar eſte ponto, ſem dar outro exemplo igual ao Perſiano, copiando huma cantiga, que Bernardino Tomitano confeſſou de ter ouvido na lingua Turca, e tambem Grega vulgar, e que elle a traduzira em Italiano. Contém os verſos o ſentimento de huma moça pela auſencia de ſeu amante, expondo os ſeus proprios affectos da maneira ſeguinte:

Baſilico hò piantato,
E Roſe ſon naſciute;
Dentro delli cui rami
Cantan le Rondinelle:
Deh Rondinelle mie:
Pregovi, non cantate;

Poiche 'l mio dolce amante
Radice del cor mio,
Si fá da me lontano,
Fuggendo il dolce porto,
Per ritrovar fra l' onde
Tempeſtuoſi travagli.
Deh Rondinelle mie,
Pregovi, non cantate:
Ma più toſto piagnete,
Se pietoſe voi ſiete.

Todos eſtes exemplos apontados ſervem para moſtrar, e fazer conhecer, que naturalmente qualquer homem, ſe naõ he de todo ruſtico, e falto de entendimento, póde achar, e goſtar da *belleza poetica*, e diſcernir o mais do menos bello, ou eſte conſiſta na *materia*, ou no *artificio*, ou em ambos eſtes principios. Porém já he tempo de entrarmos a diſtinguir melhor do engenho a fantaſia, e a expôr o como contribue para a Poeſia huma, e outra potencia, deſcobrindo, ou materia admiravel, ou nova, ou tambem fazendo-a tal por meyo do artificio.



CAPITULO XV.

Dá-ſe huma geral noticia da fantaſia; differença entre ella, e o entendimento, e comercio entre ſi; imagens fantaſticas, *e ſua diviſaõ &c.*

HE a fantaſia a fonte mais fecunda da maravilha, e belleza poetica, nem o engenho na Poeſia cria conceitos mais agradaveis, do que eſta potencia; por iſſo he, que nella damos principio a eſte novo argumento taõ deſconhecido de muitos, ou quaſi todos os que eſcreveraõ da Arte Poetica; como entre infinitos he hum delles o Padre Donato, e Voſſio, que tratando de todos os ſegredos, e eſpecies da Poeſia, naõ nos deixaraõ inſtrucçaõ alguma ſobre a fantaſia. Porém para caminharmos com mais luz neſte tenebroſo caminho, he preciſo explicar, que couſa he *fantaſia.* Todo o objecto, que ſe repreſenta aos olhos, aos ouvidos, e aos outros ſentidos, lança hum compendio, huma imagem, huma ſimilhança de ſi meſmo, a qual ſendo recebida pelos ſentidos, paſſa pelos nervos, e orgãos corporeos, até que chega a imprimirſe em o noſſo cerebro. A potencia, ou faculdade da alma, que aprehende, e conhece eſtes objectos ſenſiveis, ou para melhor dizer, as ſuas

ſuas imagens, he a fantaſia, ou imaginativa, a qual porque eſtá (ſegundo o noſſo modo de entender) na parte inferior da alma, lhe poderemos chamar *aprehenſiva inferior*. Tem a noſſa alma outra aprehenſiva das couſas, a que podemos dar o nome de *ſuperior*; porque eſtá collocada na parte ſuperior, e racional da alma, e commummente lhe chamamos *entendimento*. O officio da fantaſia naõ he propriamente o inquirir, e entender ſe as couſas ſaõ verdadeiras, ou falſas, mas ſómente o aprehendellas. O officio do entendimento he inquirir, e entender ſe eſtas ſaõ falſas, ou verdadeiras. Porém para meditar, e formar penſamentos, unem-ſe entre ſi eſtas duas potencias, adminiſtrando a inferior á ſuperior as imagens dos objectos, que lhe communica ſem ſe valer dos ſentidos; porque já em ſi as tem. Tambem póde a potencia inferior per ſi meſma valerſe deſtes objectos para imaginar as couſas já aprehendidas, ou para fabricar outros objectos; porque tambem ella tem força para conceber novas imagens.

Depois deſta geral noticia, he preciſo entender mais preciſamente o comercio, que ha entre o entendimento, e a fantaſia, e em quantos modos formaõ eſtas duas potencias dentro de nós as imagens, e os penſamentos, de que ſe compoem os diſcurſos, que fazem os homens. Em tres maneiras pois ſe fórmaõ as imagens. A primeira he formando-as o entendimento com a ſua racional, e penetrante

virtude, ſem que a fantaſia lhe adminiſtre alguma couſa. A ſegunda he unindo-ſe o entendimento com a fantaſia, concebendo-as juntamente. E a terceira he concebellas a fantaſia ſó, ſem ſe aconſelhar com o entendimento. A primeira ſuccede, quando o entendimento, depois de ter bem julgadas, e eſcolhidas as imagens, que a fantaſia aprehendera antes, fórma ſobre ellas, e cria novas imagens, que antes a fantaſia naõ tinha aprehendido. Vê v. g. o noſſo entendimento, que a fantaſia aprehendera, e formara em ſi muitas imagens de homens; que faz? A junta-as, e de tantas imagens particulares, que recolhera a aprehenſiva inferior, tira elle, e fórma huma imagem, que antes naõ havia, concebendo, *Que todo o homem tem a potencia de rir; que os vicioſos naõ devem ſer louvados; que aquelle homem, que preſume, que ſó elle he ſabio, deve ſer reputado por louco &c.*

Eſtas imagens propriamente ſaõ intellectuaes, ou engenhoſas; nem os ſentidos as pódem mandar á fantaſia; mas ſó o entendimento as concebe, e depois faz, com que tambem a fantaſia as aprehenda. A ſegunda maneira ſuccede, quando a fantaſia aconſelhando-ſe com o entendimento, e valendo-ſe da ſua luz, expoem aquellas imagens, que lhe vieraõ pelos ſentidos: ou tambem quando unindo, ou ſeparando eſtas, fórma outras novas, que antes naõ havia; porém nunca perdendo de viſta o imperio do entendimento.

A ter-

A terceira maneira ſuccede, quando a fantaſia domîna abſolutamente a alma, e pouco, ou nada attende para os conſelhos do entendimento, como v. g. nos ſonhos, nas febres, nos effeitos melancolicos &c. Eſta terceira claſſe da fantaſia naõ tem lugar algum na faculdade poetica; porque a naõ regula o entendimento, e ſó a ſegunda he muy propria do Poeta, como diremos, conſiderando aquellas imagens, que ſe concebem quando a fantaſia unindo-ſe com o entendimento pacificamente concebem, e expoem as couſas.

A fantaſia pois unida com o entendimento (e por iſſo obrigada a procurar alguma verdade) póde, e coſtuma produzir imagens, que ou directamente ſaõ para ella *verdadeiras*, ou que tambem directamente parecem taes ao entendimento. Como v. g. quem deſcreve vivamente, e com palavras proprias o *Arco Iris*, *a batalha de dous guerreiros*, *hum generoſo cavallo*, *hum tigre feroz*, *o movimento*, *que faz na agoa de hum lago pequeno huma pedrinha*, e outras couſas ſimilhantes.

Eſtas imagens repreſentaõ huma verdade vinda á fantaſia pelo ſentido, e que como tal a conhece tambem o entendimento. Pódem tambem eſtas imagens directamente ſerem ſó *veroſimeis* á fantaſia, e ao entendimento, como v. g. o imaginar a *Scena funeſta da ruina de Troya*, *a chegada de Oreſtes a Tauro*, *a morte de Niſo*, *e Eurialo*, e outras infinitas couſas imaginadas pela fantaſia, e as quaes parecem poſſi-

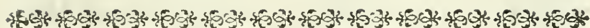
possiveis, e verosimeis tanto a ella, como ao entendimento.

Pódem finalmente estas imagens serem directamente *verdadeiras*, ou *verosimeis* á fantasia, e indirectamente parecem taes ao entendimento; como v. g. vê a fantasia hum rio, que faz mil gyros pela planicie de huma selva; imagina, e parece-lhe cousa verdadeira, ou verosimil, que elle esteja namorado daquelle florído lugar, e que naõ saiba, ou naõ queira buscar modo de o deixar. Esta imagem, naõ directamente (porque o sentido directo he falso) mas indirectamente faz, com que o entendimento conceba, que isto he verdade; isto he, a amenidade daquelle sitio, e os gyros deliciosos daquelle rio.

Ainda que todas estas diversas imagens reconheçaõ a fantasia por sua mãy, e se lhe poderiaõ chamar fantasticas, para as distinguir das intellectuaes, e engenhosas; com tudo, só ás ultimas daremos propriamente o nome de *fantasticas*; isto he, á quellas, que directamente contém o que he verdadeiro, ou verosimil; porque nestas, mais que nas outras, apparece a força da fantasia. As primeiras, e as segundas imagens saõ formadas pela fantasia, só com pintar as cousas, como ellas saõ, ou pódem ser, e parecer naturalmente a ella, aos sentidos, e ao entendimento; e por isso em parte saõ intellectuaes, e lhes convém o nome de *simplices*, e *naturaes*. As terceiras porém, reconhecem com mais evidencia, que devem

devem o feu fer á fantafia, a qual une duas, ou mais imagens verdadeiras, e naturaes, para formar huma nova, que nunca naturalmente houve, nem póde haver, e parecer tal ao entendimento, e por iffo chamaremos a eftas imagens *artificiaes fantafticas*. O voar v. g. he qualidade propria, e natural fó do que he animado, e tem azas; porém a fantafia agitando as fuas imagens, e unindo a do voar com a da fama, imagina, que a fama voa, falla, e opéra, como fe tiveffe alma. Igualmente o faudar he fó proprio do homem; com tudo, a fantafia une efta imagem com a de huma ave, e imagina, que os paffarinhos faudaõ com o feu canto o nafcimento da Aurora. Difto fe comprehende, que efta cafta de imagens faõ propriamente produzidas pela fantafia, que vay imaginando coufas maravilhofas, e novas, que aliás faõ falfas a quem fó vay bufcar o fentido directo. Mas porque indirectamente fazem eftas perceber alguma coufa, que he verdadeira, ou verofimil ao entendimento, por iffo a elle lhe agradaõ, e na formaçaõ dellas fe une com a fantafia, permittindo-lhe hum taõ bello delirio, e entregandolhe ás vezes imagens intellectuaes, para que ella as vifta, e orne com as fuas bellas, e admiraveis cores, fe bem que mentirofas. Porém jufto he, que expliquemos com alguns exemplos, em que confifte a força das imagens da fantafia, tanto as *fimplices*, e *naturaes*, como as *artificiaes fantafticas*. Principiemos pelas primeiras.

CA-



CAPITULO XVI.

Moſtra-ſe com exemplos, em que conſiſte a força das imagens ſimplices, e naturaes da fantaſia.

JA' diſſemos no Capitulo paſſado, dividindo as imagens da fantaſia, que as ſimplices, e naturaes ſaõ aquellas, que deſcreve a meſma fantaſia, ou ſeja imaginativa dos Poetas, as quaes naturalmente viriaõ pelos ſentidos, e que directamente tambem ſaõ verdadeiras, ou veroſimeis ao entendimento. Igualmente já temos dito, que hum dos mayores cuidados, e perfeições da Poeſia conſiſte no deſcobrir couſas admiraveis, e no aperfeiçoar a natureza; iſto he, em formar os ſeus partos mais perfeitos, e completos na ſua eſpecie, achando novas, e maravilhoſas couſas, acções, coſtumes, e conceitos. Conſiſte a outra perfeiçaõ, e cuidado da Poeſia no modo de bem pintar, imitar, e repreſentar os partos da meſma natureza.

Eſta perfeiçaõ (como já temos explicado) naõ pertence á *materia*, e couſas, que ſe haõ de repreſentar, pertence eſpecialmente ao *artificio*, e maneira, com que a poetica fantaſia deve repreſentar eſtas couſas. Agora neſte Capitulo moſtraremos, que outro naõ menor

nor gosto experimenta a nossa alma, quando a fantasia alheya pinta, e representa á nossa as cousas fóra do lugar, ou do tempo; e de tal modo, que vivamente as vemos com os olhos internos do entendimento, como se usassemos da vista, e dos sentidos externos. Nesta viva pintura consiste huma das principaes delicadezas da Arte Poetica; e ainda que possa dizerse, que o Poeta sempre imita, e pinta, com tudo, mais precisa, e propriamente faz elle este officio, quando entra a colorir, e a pôr diante dos olhos internos da alma com evidencia, e com força os successos, os costumes, os conceitos, e todos os mais objectos, que elle pinta, e imita. Assim he o Pintor, o qual geralmente sempre imita, e he imitador, ainda quando sem usar de cores, e só com a penna, ou com o lapis dibuxa as figuras simplesmente a claro, e escuro: porém muito mais precisamente imita, e pinta, quando a estas figuras ajunta o trabalho de lhe fazer as cores, e as sombras; porque no primeiro modo mais depressa mostra a sua tençaõ, do que as cousas, que intenta pintar; e no segundo naõ só mostra a sua tençaõ, mas faz ver as mesmas cousas, que intentara.

Desta pois vivissima imitaçaõ das cousas, feita pelos Poetas tiramos nós hum grande deleite pela razaõ fundamental, de que a todos he deleitavel o maravilharse, e ao mesmo tempo instruirse. Grande obrigaçaõ devemos áquelle Poeta, e Pintor, que com as suas Artes

tes

tes nos conduzem a vêr, como ſe foſſe com os proprios olhos v. g. a famoſa ruina de Troya, as acções de Achilles, ou de Eneas, e os trabalhos de Ulyſſes gyrando pelo mar. A pezar do tempo paſſado, e de lugares taõ diſtantes, vemos preſentes aquellas couſas, e aquellas acções; ouvimos as ſuas palavras, e os ſeus conceitos quaſi do meſmo modo, que no las fariaõ vêr, e ouvir os ſentidos externos.

Maravilhoſo he certamente Ovidio neſta caſta de imagens, e pinturas, expondo ordinariamente as couſas, como ſe as vira, e pintando-as com tal viveza, que tambem os leitores entendem, que as eſtaõ vendo. Veja-ſe como elle repreſenta ao velho Sileno, que vinha das Indias em companhia de Baccho. Deſcreve-o embriagado, ſobre hum jumento, pegandoſe-lhe ás crinas para naõ cahir; mas porque ſe lhe turba a viſta em ſeguir, e olhar para as Bacchantes, que o vaõ cercando, e porque vay obrigando ao nimal a apreſſar os paſſos, cahe em terra, donde os Satyros logo o levantaõ. Mas ouçamos a viva expreſſaõ do Poeta, no qual naõ ha palavra, que naõ ſeja huma excellente cor, que aviva a Poeſia:

Ebrius ecce ſenex pando Silenus aſello
Vix ſedet, & preſſas continet arte jubas.
Dũ ſequitur Bacchas, Bacchæ fugiũtque petũtque,
Quadrupedem ferulâ dum malus urget eques;

In

In caput aurito cecidit delapſus aſello.
Clamarûnt Satyri : ſurge, age, ſurge, Pater &c.

Continûa o Poeta a deſcrever a chegada de Baccho á preſença de Ariadne, que ſe queixava pelo deſamparo, em que a deixara o desleal Theſeo ; e diz aſſim :

Jam Deus è curru, quem ſummum cinxerat uvis,
Tigribus adjunctis aurea lora dabat.
Et color, & Theſeus, & vox abiere puellæ :
Terque fugam petiit : terque retenta metu.
Horruit, ut ſteriles, agitat quas ventus, ariſtæ :
Ut levis in madidâ canna palude tremit.
Cui Deus : En adſum tibi cura fidelior, inquit.
Pone metum ; Bacchi, Gnoſſias, uxor eris.
Dixit, & è curru, ne tigres illa timeret,
Deſilit : impoſito ceſſit arena pede.

Ora vejaõ os leitores ſe ſe podiaõ mais vivamente exprimir as imagens daquella acçaõ da fantaſia do Poeta, e fazer conceber aquelle caſo com cores mais proprias, e vivas. Naõ he menos admiravel a imagem, com que D. Luiz de Ulhoa pintou a turbaçaõ, ſobreſalto, e medo da formoſa Judia Rachel, quando entraraõ os conjurados em ſua caſa para a matar ; diz aſſim :

Traidores fue a decirles, y turbada
Viendo cierca de el pecho las cuchillas ;
Mudò la voz, y dixo : Cavalleros,
Porque infamais los inclitos aceros ?

O fa-

O famoso Petrarca he cheyo destas bellas imagens; e por naõ copiarmos infinitos lugares seus, daremos só a ler hum, em que elle nobremente imagina o acto, em que lhe pareceo, que a sua Laura entrava no Ceo:

Gli Angeli eletti, e l' Anime beate
Cittadine del Cielo, il primo giorno
Che Madonna passò, le furo intorno,
Piene di meraviglia, e di pietate.
Che luce è questa? E qual nuova beltate?
(Dicean tra lor) perch' abito sì adorno
Dal Mondo errante a quest' alto soggiorno
Non salì mai in tutta questa etate &c.

Porém entre todos os Poetas modernos entendo, segundo o meu juizo, que naõ houve algum taõ maravilhoso nas suas imagens, como o Padre Thomaz Ceva no seu Poema Latino, intitulado *Jesus Puer*. Descreve elle hum conductor de camellos, que tornando de Nazareth, o cercaõ os póvos, e todos lhe pedem, que lhe dem novas de Maria, refugiada no Egypto. Narra este homem muitas cousas; mas apenas acaba de fallar, logo entraõ os outros de novo a fazerlhe mais perguntas. Esta pintura certamente naõ póde ser mais viva; porém, eu por fugir á prolixidade, só apontarey huma naturalissima circunstannia, com que o Poeta dá mais alma á sua obra:

Nunc sequar (hospes ait) siccis permittite labris,
(Nam crudis cæpis vox aspera faucibus hæsit)

Tan-

Tantisper liquido verba irrorare lyæo.
Sic ait, appoſitoque mero, ut gens priſca ſolebat,
Implevit pateram, manibusque utrinque prehenſam
(Quod felix, ſocii, fauſtumque ſit omnibus) hauſit,
Bisque interrupit ſinceris laudibus hauſtum,
Inverſâque manu barbâ, atque ora hiſpida terſit.

Veja-ſe como eſte excellente Poeta tendo fixos os olhos da fantaſia para o coſtume, e caracter de hum homem ruſtico, o exprimio todo com palavras admiravelmente ſignificantes. Aquelle pedir vinho para (como nós ainda vulgarmente dizemos) *molhar a palavra*; por ter a voz aſpera, e ſecca pelas cebollas cruas, que comera: aquelle pegar na taça com ambas as mãos, beber á ſaude de todos, e interromper duas vezes a bebida para louvar o vinho, e com louvores *ſinceros*: aquelle enxugar a barba com as coſtas da maõ, ſaõ tudo humas belliſſimas, e viviſſimas imagens, que pintaõ, e fazem vêr as couſas com evidencia.

Naõ poſſo proſeguir aos exemplos de outros Poetas, ſem trazer outro deſte admiravel Pintor dos coſtumes, e da natureza. Veja-ſe como elle narra, que eſtando huns meninos brincando, veyo Maria, e interrompeo-lhes o brinco, dizendo-lhes, que lhe levaſſem hum recado, para o que a cada hum deu ſua fruta. Arrebata certamente eſta imagem a quem tem bom goſto poetico, pelas admiraveis cores, com que pinta o caracter, ou coſtume, e acçaõ de taes peſſoas;

Sum-

...... Summo ſpeculati in vertice nidum
Luſciniæ, jactis glebis, ſaxisque per auras
Dejicere inſtabant.

....

Hùc, ait. Et poſitis ſaxis accedere coram
Improbulos, cœnoque manus abſtergere juſſit;
Eduxitque ſinu tria perſica, & oſcula ritè
Ferre prius manibus docuit; primumque Menaſſi;
Tum Jonathæ, Phineique dedit. Dein jam fugientes,
Acceptis donis, cupidosque oſtendere, rurſum
Ad ſeſe revocat, prohibens ea lædere morſu,
Ferre intacta jubet. Veſtris & matribus, inquît,
Si vos fortè rogent, Maria hæc Jeſſeia nobis,
Dicite, dona dedit, gravibus jam libera curis
Huc reditura brevi. Memores hoc deinde tenete:
Dicite, Judithbam mihi ſervent, quam meus infans
Vult caſtis thalamis jam nunc ſibi nubere Jeſus.
Audiſtis? Júditha meo deſponſa Puello eſt:
Hic meus, hanc, inquam, ſibi nuptam deſtinat infans.
Sic inſtat, nomenque iterum, & mandata repoſcit,
Ut memores ſervent, recitentque fideliter omne;
Et blæſas voces, ſemeſaque dicta reformat.
Tantaque ſimplicitas erat, ut jam ferre docentem
Præcupidi haud poſſent. Ite ocyus, ite, Puelli.
Ocyus exiguos per culta virentia greſſus
Accelerant læti; procul & clamoribus altis
Dona manu oſtentant: Maria hæc pulcherrima donat.

Obſerve o leitor eſte verdadeiro coſtume, ou caracter pueril; admire eſtas propriiſſimas imagens: aquelle depôr das pedras, e fazer com que eſtes meninos limpaſſem as mãos ſujas da

 terra;

terra; aquelle enſinarlhes a beijar a maõ primeiro, que recebeſſem a fruta; aquelle querer elles fugir logo, para moſtrarem o que lhes deraõ, e ſerem chamados a voltar a traz; aquelle repetirlhes tres vezes, e inculcarlhes a meſma couſa, para que ſe lhes imprimiſſe bem na ſua fraca memoria; aquelle fazerlhes repetir o que ſe lhes tinha dito, e ajudallos a pronunciar bem as palavras; aquella impaciençia delles; depois a preſſa, com que foraõ para caſa, começando de longe a levantar as mãos, para moſtrar a fruta, que lhe deraõ &c.

Toda eſta viva pintura he filha de huma viviſſima fantaſia poetica, a qual, depois de ter bem concebido com miudeza as partes, e as verdades mais vivas do coſtume pueril, felizmente o colorío depois com palavras proporcionadas.

Eſtas meſmas virtudes acharemos em muitas partes do Poema, e Rithmas do grande Camões, inſigne Pintor de imagens fanraſticas; mas por fugirmos á extenſaõ de demaſiados exemplos, que a muitos pareceráõ prolixos, daremos hum ſó, que pertence, como o de cima, á *particularidade*, ou expreſſaõ individual de qualquer objecto, reduzido do univerſal ao particular. Abramos o Canto 6. da *Luſiada*, e admiraremos a Eſtancia 16., e as ſeguintes:

Tritaõ, que de ſer filho ſe gloría
Do Rey, e da Salacia veneranda,

Era

Era mancebo negro, forte, e feyo,
Trombeta de ſeu pay, e ſeu correyo.
Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eraõ
Huns limos prenhes de agoa, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceraõ:
Nas pontas pendurados naõ fallecem
Os negros mixilhões, que alli ſe geraõ:
Na cabeça por gorra tinha poſta
Huma muy grande caſca de lagoſta.
O corpo nu, e os membros genitaes
Por naõ ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animaes
Do mar, todos cubertos cento, e cento:
Camarões, e cranguejos, e outros mais,
Que recebem de Phebe creſcimento;
Oſtras, e bribigões de muſgo ſujos,
A's coſtas com a caſca os caramujos &c.

A quem naõ parecerá neſta viviſſima deſcripçaõ, e imagem poetica, que eſtá vendo com os ſeus proprios olhos a eſte monſtro marinho? Quanto melhor he eſta hipotipoſi feita em eſtylo Aſiatico, do que a que nos deixou Virgilio do meſmo monſtro, retratando-o com idéa Attica na popa de huma náo, dizendo na Eneada liv. 10.

Hunc vehit immanis Triton, & cærula conchâ
Exterrens freta, cui laterum tenus hiſpida nanti
Frons hominem præfert, in priſtin deſinit alvus.

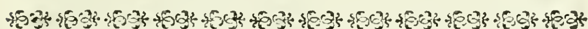
Ignacio Garcez Ferreira nas Notas, que

fez a este Poema, judiciosameute diz destas Estancias: *Entra o Poeta a fazer huma admiravel hipotiposi do Tritaõ, em que se observa huma singular fecundidade de imagens poeticas, todas propriissimas, e (a meu vêr) todas originaes do seu raro engenho.* Naõ nos esqueceremos igualmente de huma vivissima imagem, que lemos em Pedro Jacome Martelli na sua *Arte d' amar a Dio*, na qual pinta vivissimamente hum raro costume, mas natural, de hum Pastor cego. Pergunta a este Nicoláo Pepoli, porque está taõ triste em hum Paiz taõ delicioso? Responde-lhe o cego entre outras cousas:

Se vuoi saper, con che ragione io piango,
Vè in alto là; quella è la mia Capanna:
Quì accenava il buon Cieco, alzando il dito,
Ed accennò tutto contrario al sito.

Temos dito o que basta, para perceber por meyo de exemplos em que consiste a força das imagens simplices, e naturaes da fantasia; resta por ora só advertirmos, que na classe destas imagens se naõ comprehendem (como erradamente quizeraõ alguns pouco versados nesta materia) as *amplificações*; isto he, o extender com muitas palavras huma verdade, que de si he breve, descrevendo os antecedentes, os consequentes, os concomitantes, as causas, os effeitos, os relativos, e outros similhantes modos, com que melhor se vem os objectos, segundo ensinaõ os Mestres da Eloquencia. Se o Poeta der em amplificar as cou-

cousas, nem por isso poderá justamente dizer, que as pintou, antes muitas vezes causará tédio aos leitores; porque a amplificaçaõ naõ he propriamente aquella viva pintura, e evidencia, que se fórma pela fantasia poetica. Porém sobre este particular fallaremos largamente pelo discurso deste Livro, e o provaremos com evidentes exemplos de alguns Authores, que usaraõ de amplificações pouco nobres, engenhosas, e agradaveis.



CAPITULO XVII.

Das imagens fantasticas artificiaes; sua excellencia. Imagens verdadeiras á fantasia por causa dos sentidos; *outras verdadeiras, ou verosimeis por causa do affecto: como se fórma o engano da fantasia &c.*

ENtramos agora a fallar das imagens *fantasticas artificiaes*, que saõ as que mais propriamente, do que as *simplices*, e *naturaes*, reconhecem a fantasia por sua mãy. Tem esta outra maneira, e outro artificio, para pintar bem as cousas, e augmentar á materia a novidade, e belleza. Consiste pois este artificio em explicar as cousas com translações, expressões, e imagens, que sim saõ falsas a quem observa o sentido directo, mas com toda a sua falsidade saõ taõ vivas, que imprimem mais

mais fortemente na fantasia, e entendimento alheyo alguma verdade; o que se naõ conseguiria com palavras proprias, e com imagens simplices, e directamente verdadeiras. Se dissermos v. g. *Que o mar está em tempestade; que hum Heroe sempre he victorioso; que a belleza do semblante em toda a parte attrahe os corações &c.* naõ poderemos com estas expressões causar aquelle deleite, e novidade, que causariamos, dizendo: *Que o mar irado faz guerra ás prayas; que sempre a victoria fielmente segue todos os passos daquelle Heroe; que o formoso semblante he hum poderoso iman, que attrahe os corações em toda a parte.* He certo, que similhantes expressões admiravelmente explicaõ, e representaõ com viveza huma verdade, ainda que directamente sejaõ falsas ao entendimento; pois naõ he verdadeiro, que a belleza seja iman, que o mar tenha colera &c. mas dizemo-lo deste modo, para poder imprimir com deleite estas mesmas cousas na fantasia alheya; o que naõ conseguiriamos, se usassemos de palavras proprias, e de expressões, que logo parecessem verdadeiras. Saõ por tanto summamente estimaveis estas imagens, e tanto mais o seraõ na Poesia, quanto mais forem vivas, maravilhosas, novas, insperadas, nobres, e delicadas; isto he, quanto mais fortemente fizerem conceber a qualidade dos affectos, e das cousas, que quizermos representar. Para darmos logo ao principio hum exemplo destas imagens, recorramos ao insigne Mestre o Padre Ceva

no

no liv. 2. do ſeu aureo Poema do *Puer Jeſus*:

Nox erat. In nidis volucres, in frondibus auræ,
Ipſa etiam ripis ſtagna acclinata quierant;
Et dormire putes, pictaſque in gurgite ſtellas
Eſſe quieſcentis nitidiſſima ſomnia lymphæ.
Cum levis in nimbo delapſa velucribus alis
Lætitia in terras ſtellato ex æthere venit:
Cui comes ille ciens animos, & pectora verſans
Spiritus à capreis montanis nomen adeptus,
Ignotum Latio nomen; pictoribus ille
Interdum aſſiſtens operi, nec ſegnius inſtans
Vatibus ante alios, Muſis gratiſſimus hoſpes &c.

Veja-ſe quanto ſaõ delicadas eſtas imagens artificiaes da fantaſia poetica, e com quanta novidade, e deleite pinta o Poeta em nós algumas verdades. Obſerve-ſe aquelle parecerlhe, que durmaõ as agoas das alagoas; que as eſtrellas apparentes por cauſa do reflexo nas meſmas alagoas ſejaõ reſplandecentes ſonhos da agoa adormecida; cujo conceito tambem foy do ſuaviſſimo Maggi, dizendo:

L'onda dorme, e ſcintillante
Con riverbero di ſtelle,
Par che ſogni luci belle,
Fantaſie di Cielo amante.

Parece tambem ao Poeta, que a alegria, como couſa animada, deſça do Ceo á Terra, e que traga comſigo o *capricho*, eſpirito amiciſſimo dos Poetas, e dos Pintores. Outra imagem deſtas igualmente admiravel achamos em

em Gabriel Pereira de Castro na sua *Ulyssea* cant. 3. Estanc. 2. Concebeo elle na sua fantasia, que hia hum rio lentamente correndo pela planicie de hum sitio delicioso de plantas, flores &c. Pareceo-lhe, que era verdadeiro, ou verosimil, que á vista de tanta delicia ficasse o rio namorado do lugar, e que por esta causa, ou naõ queria partir dalli, ou naõ sabia o caminho para o seu curso, e diz assim este Poeta:

Corre por entre os bosques divertido
Com curso taõ quieto, e socegado,
Que nas ondas se mostra arrependido,
De levar agoa doce ao mar salgado:
Deixava o arvoredo ao Ceo subido,
Dentro no espelho d'agoa seu traslado;
E em suavissima sombra lhe pagava
O ser, e a vida, que a seus troncos dava.

Estas imagens fantasticas humas vezes consistem em huma só palavra, como v. g. as metaforas &c. outras em hum sentido, e periodo, como os hyperboles, as allegorias &c., e outras vezes em parabolas, e outras similhantes imagens, de que se formaõ composições inteiras. Imagem fantastica artificial he a metafora, com que o mesmo Gabriel Pereira descreve no seu Poema a amenidade de hum prado, dizendo:

Mostrava a terra verde as bellas flores
Vestidas com tal graça, e alegria,

De mais finas, e mais ſuaves cores,
Que eſtarſe rindo o prado parecia.

Com igual conceito, e imagem deſcreveo huma manhã Luiz Allamani, celebre Poeta Italiano:

E i depinti augelletti a lei d'intorno
Salutavan cantando il nuovo giorno.

Com a meſma imagem ideou por boca de Camões Vaſco da Gama a ElRey de Melinde a grande eſtatura do gigante Adamaſtor, dizendo:

Taõ grande era de membros, que bem poſſo
Certificarte, que eſte era o ſegundo
De Rhodes eſtranhiſſimo Coloſſo,
Que hum dos ſete milagres foy do mundo.

Porém naõ he eſte o lugar muy proprio para eſtes exemplos, ſem primeiro expormos as imagens, que naturalmente parecem verdadeiras á fantaſia por cauſa dos ſentidos. Saõ eſtas aquellas, que o ſentido naturalmente introduz na fantaſia como verdadeiras, ainda que o entendimento facilmente as deſcubra logo por falſas. Quem v. g. no fim da tarde eſtá no alto mar, e naõ vê mais que Ceo, e agoa, quando o Sol ſe poem, parece-lhe, que entra no mar, o que certamente jurariaõ os olhos. Eſta imagem, que de ſi naõ he verdadeira, mas ſó o parece á fantaſia por cauſa do ſentido, he admiravel para o Poeta, uſando

do della para causar gosto, e maravilha; porque parece cousa estranha, e maravilhosa o vêr, que este ardente Planeta sem detrimento seu se recolha nas agoas, e que na manhã seguinte se levante dellas mais resplandecente: por isso os Poetas para exprimir o occaso do Sol, disseraõ com liberdade: *Que se mette no mar; que vay a dormir nas agoas; e que se lava nas ondas &c.* Do mesmo modo disseraõ, que as figuras de huma pintura bem feita *fallaõ, e saõ animadas*, porque assim parece aos olhos; por isso Tasso descreveo em dous bellissimos versos as figuras de relevo, que estavaõ no palacio de Armida, dizendo:

Manca il parlar, di vivo altro non chiedi;
Ne manca questo ancor, se a gli occhi credi.

Sendo pois certo, que os nossos olhos verdadeiramente vem taõ estranhas cousas, naõ podemos dizer, que o engano provêm delles, mas sim do entendimento, quando este queira cegamente crer o que lhe propoem os sentidos; por isso dizemos, que taes imagens saõ verdadeiras á fantasia, ainda que directamente o naõ sejaõ ao entendimento. Assim saõ estas, que agora propozemos com o exemplo do occaso do Sol, ao qual podemos ajuntar o de nos parecer tambem, *que as Estrellas cahem do Ceo em huma noite serena de veraõ; que diversas cores andaõ como ondeando no pescoço das pombas; e que as prayas, e terras fogem, quando os navegantes se partem dellas &c.*

como

como fantasiou Virgilio, dizendo no 3. liv. da *Eneida*:

Provehimur portu, terræque, urbesque recedunt.

Este estranho effeito, ainda que falsissimo, parece com tudo verdadeiro aos olhos dos navegantes; e o confirmou Lucrecio com estes versos do livro 4.

Quâ vehimur, navis fertur, quum stare videtur;
Quæ manet in statione, ea præter creditur ire;
Et fugere ad puppim colles, campique videntur.

Ha outras imagens fantasticas, as quaes por causa dos affectos saõ directamente verdadeiras, ou verosimeis á fantasia; e destas he que na verdade deve estar muy rico o thesouro poetico: por isso será util, que digamos qual he a sua natureza, e em que consiste a sua belleza. Formaõ-se similhantes imagens pela fantasia, quando ella por algum affecto movida une duas diversas imagens simplices, e naturaes, e da-lhes hum ser differente de quanto lhe representa o sentido. Deste modo ordinariamente dá a fantasia em imaginar, que saõ animadas as cousas, que naõ tem alma. Saõ infinitos os exemplos para prova do que dizemos. Diz Virgilio na primeira Ecloga, que as fontes, e as arvores chamavaõ por Titiro, que se tinha ausentado dos seus campos:

.... *Ipsæ te, Tityre, pinus,*
Ipsi te fontes, ipsa hæc arbusta vocabant.

E na

E na Ecloga 10. diz que as arvores, e as pedras choraraõ, ouvindo o pranto, e o lamente de Gallo:

Illum etiam lauri, illum etiam flevere myricæ;
Pinifer illum etiam solâ sub rupe canentem
Mænacus, & gelidi fleverunt antra lycæi.

Igualmente na Ecloga 5. imitando, como na antecedente a Theocrito, finge que os leões, os campos, e os bosques choraraõ a morte de Daphne:

Daphni, tuum pænos etiam ingemuisse leones
Interitum, montesque feri, sylvæque loquuntur.

Hum dos Poetas mais admiraveis, e felices nestas imagens foy o celebre Petrarca. Descreve elle a sua Laura passeando pelo campo, e diz assim:

L'erbetta verde, e i fior di color mille
Sparsi sotto quell' elce antica, e nera,
Pregan pur, che'l bel piè li prema, o tocchi.

Muy similhante a esta imagem he outra do mesmo Poeta posta no Soneto 12. da 2. p. onde diz:

L'acque parlan d' amore, e l' ora, e i rami,
E gli augelletti, & i pesci, e i fiori, e l' erba,
Tutti insieme pregando, ch' io sempre ami.

Certamente todas estas imagens naõ podiaõ vir á fantasia por meyo dos olhos, ou dos ouvidos; porque naõ se vê, nem ouve, que

que as fontes, as arvores, os campos, e as féras chorem, nem que as flores, as aves, e os peixes roguem a alguem alguma cousa, como fazem os homens. Por isso a fantasia agitada do affecto, e movendo as imagens simplices, ajunta v. g. a de huma flor com as acções, que se costumaõ ver nos homens; e com este artificio dá alma a humas imagens taõ bellas, como saõ estas.

Eisaqui como as paixões v. g. da ira, do temor, dos zelos, da esperança, e da gloria recebem na fantasia de hum Poeta alma, corpo, e tambem movimento. Porém de todos os affectos, e paixões nenhuma he taõ querida, e frequente nos Poetas, como a do amor, ou seja por uso, e abuso, ou talvez porque he a paixaõ mais agradavel, e confórme á nossa natureza. Continuemos a recrear o leitor com exemplos destas imagens, e sirva-nos de prova a paixaõ amorosa. Ouçamos o que em huma das suas Eclogas disse o Principe de Esquilache:

Que puedo hazér, Pastores?
Aconsejadme fuentes, selvas, prados;
He de morir de amores?
Mas que podeis decir, si enamorados,
Quando Filida os pisa,
Verteis las flores, y doblais la risa?

Ouçamos igualmente a Camões aquella vivissima, e summamente expressiva imagem do Canto 9. Est. 31. tratando da fragoa do amor:

Nas

Nas fragoas immortaes, onde forjavaõ
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha coraçoens ardendo estavaõ,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As agoas, onde os ferros temperavaõ,
Lagrimas saõ de miseros amantes:
A viva chamma, o nunca morto lume,
Desejo he só que queima, e naõ consume.

Veja-se como por causa do affecto he artificiosa esta imagem fantastica, vestida de huma taõ bella galla de novas, e originaes cores poeticas. Taes saõ (como diz Garcez Ferreira) as da exquisita parabola de *corações por lenha*, e do *desejo por lume*. Até na dicçaõ he admiravel esta Estancia, para em tudo ser optima; pois os versos naõ pódem ser mais numerosos, nem os periodos mais bem compassados. He, como dizem os Pintores, huma pincellada de mestre, se bem que naõ em tudo original; porque tambem figurou a mesma imagem Scipiaõ Herrico na sua *Babylonia Distrutta* C. 5. p. 30., e Mario de Leo nas Oitavas do *Amor preso*. Passemos do Canto 9. ao 3. Est. 135. do mesmo Camões, onde naõ se contentando só de usar desta casta de imagens, adiantou tambem a imitaçaõ dos antigos Poetas; pois naõ só introduzio as Nynfas do Mondego a chorar a morte de Dona Ignez de Castro, mas até quiz imitar as metamorphoses dos mesmos Gentios, inventando com feliz fantasia huma transformaçaõ das

das lagrimas daquellas Nynfas em fontes:

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraraõ;
E por memoria eterna em fonte pura,
As lagrimas choradas transformaraõ:
O nome lhe puzeraõ, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaraõ:
Vede, que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas saõ agoa, e o nome amores.

Esta Estancia he huma das mais sublimes da Lusiada pela estranha imagem fantastica, de que usou o Poeta por causa da paixaõ, fingindo a bellissima, e propriissima metamorphose em allusaõ á *fonte dos amores*, que ainda hoje existe em Coimbra em huma quinta, que fora jardim do palacio, em que vivera esta infeliz Princeza. Naõ se contentou de dizer aqui o Poeta, como já tinha dito tambem patheticamente no mesmo Canto, Est. 84. fallando da morte de ElRey D. Affonso I. com huma imagem das que já tratámos, apontando alguns exemplos:

Os altos Promontorios o choraraõ,
E dos rios as agoas saudosas
Os semeados campos alagaraõ,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaraõ
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamaráõ
Affonso, Affonso os eccos, mas em vaõ.

Em

Em hum amante ſempre a fantaſia eſtá cheya deſtas imagens, que provêm do objecto amado. O Affecto violento lhe faz v. g. conceber como rara, e invejada fortuna o eſtar perto da couſa, que ama. Daqui vem imaginar verdadeira, e naturalmente a fantaſia, que todas as outras couſas, como hervas, flores, (ſegundo os exemplos, que trouxemos) deſejem, e ſuſpirem por eſta meſma felicidade. Naõ ſe póde com razaõ duvidar, que eſta imagem naõ pareça á fantaſia verdadeira, ou ao menos veroſimil: e por iſſo tem o Poeta ſufficiente fundamento para a abraçar, e uſar della na Poeſia, a qual eſpecialmente requer a pompa de humas propoſições maravilhoſas, e novas; como no noſſo caſo he ver fazer acções proprias de couſas animadas ás que naõ tem alma. He iſto hum engano da fantaſia namorada; mas o Poeta o repreſenta a outrem do modo que lhe naſceo na ſua imaginaçaõ, para lhe fazer comprehender vivamente a violencia do affecto, e paixaõ interna.

Que verdadeiramente haja eſte engano, e ſe forme na fantaſia huma tal imagem, os meſmos Poetas o confeſſaõ algumas vezes, affirmando, que lhes paſſa pela fantaſia aquella imagem, mas naõ accreſcentando, que o crêm. Gabriel Pereira na ſua *Ulyſſea* C. 7.

Moſtrava a terra verde as bellas flores,
Veſtidas com tal graça, e alegria,

De

De mais finas, e mais suaves cores,
Que estarse rindo o prado parecia.

Eisaqui como o Poeta descreve, segundo lhe passava pela fantasia, esta imagem, que já copiámos, se bem que para outro fim. Diz elle, que lhe *parecia*, que o prado se estava rindo: como se dissera; á minha fantasia parecia isto assim; mas naõ digo, que seja verdade. Igualmente Petrarca no Soneto 132. part. 1. vendo passar a sua Laura por hum prado, diz, que á sua fantasia lhe parecia, que dos pés desta dama sahia huma virtude tal, que dava vida ás flores:

Come il candido piè per l' erba fresca
I dolci passi onestamente move;
Virtù, che intorno i fiori apra, e rinove,
Dalle tenere sue piante par ch'esca.

Taõ naturaes saõ estas imagens, que ainda os mesmos Oradores usaõ dellas, quando achaõ lugar proprio, se bem que a sua obrigaçaõ he de usar de estylo sincero. Veja-se como huma destas vivas imagens passava pela fantasia de Cicero, quando em publico agradecia a Julio Cesar a graça de ter chamado do desterro a Marco Marcello: *Parietes* (diz elle) *medius fidius, C. Cesar, ut mihi videtur, hujus Curiæ tibi gratias agere gestiunt, quod brevi tempore futura sit illa authoritas in his maiorum suorum, & suis sedibus.* Que as paredes do Senado Romano dessem os agradecimentos a Ce-

ſar, por querer em breve tempo reſtituir á Republica a ſua antiga dignidade, he certo, que he huma imagem directamente falſa; mas como verdadeira a concebeo a fantaſia de Cicero, fazendo, com que os ouvintes percebeſſem a grandeza do goſto, que haveria em todos pela acçaõ generoſa de Ceſar. Naõ quiz porém uſar livremente deſta imagem, ſem pôr aquella limitaçaõ *ut mihi videtur*, para moſtrar, que era opiniaõ, e imagem da ſua fantaſia, e que como tal he que ſe animava a uſar della.

Eſta liberdade, que com moderaçaõ póde alguma vez entrar na Oratoria, apenas tem lugar na Hiſtoria, cuja modeſta mageſtade quaſi naõ ſoffre algum ornato, ſenaõ o da pura verdade; por iſſo me parece fóra de propoſito huma imagem, de que uſa Solis na ſua *Hiſtoria de Mexico* liv. 1. cap. 8. dizendo: *Llegaron à un promontorio, ò punta de tierra introducida en la juriſdiccion de el mar, que al parecer ſe enfurecia con ella ſobre cobrar lo uſurpado, y eſtaba en continua inquietud, porfiando con la reſiſtencia de los peñaſcos.*

Eſta liberdade, que naõ lograõ os Hiſtoriadores, e tem com muita ſobriedade os Oradores, ſó nos Poetas tem toda a ſua juriſdicçaõ; porque pódem livremente expor quantas bellezas vem á ſua fantaſia; nem eſtaõ obrigados á limitaçaõ, dizendo-nos, que *lhes parece*; porque deixaõ iſſo aos leitores. Por iſſo Horacio naõ diſſe, que parecera á ſua fan-

fantasia ver a Baccho pelas montanhas ensinando versos ás Nynfas; mas para logo disse, que o vira. Igualmente Virgilio descrevendo a navegação de Eneas com seus companheiros pelo Tibre, disse resolutamente, que as ondas daquelle rio, e os bosques se admiravaõ de ver aquella gente armada, e aquellas náos pintadas:

..................Mirantur & undæ,
Miratur nemus insuetum fulgentia longe
Scuta virûm fluvio, pictasque innare carinas.

Com o exemplo de Virgilio disse Ovidio, que as agoas se admiraraõ, quando no mar appareceo a primeira náo:

Prima malas docuit, mirantibus æquoris undis,
Peliaco pinus vertice cæsa vias.

E Estacio fallando do rio Ismeno no liv. 9. da *Thebaida*, diz:

...............Stupet hospita belli
Unda viros, clarâque armorum incenditur umbrâ.

Tambem naõ sey, que Author discorrendo da alegria do Tejo, por passar por elle huma grande Personagem, disse resolutamente como Horacio, quando vio a Baccho:

Vidi ego, Neptunus vidit, nutuque probavit,
In mare jam verti; quod modo flumen erat.

Finalmente daremos fim a este Capitulo, mostrando hum admiravel exemplo de Camões

no Cant. 10. Est. 12. da sua *Lusiada*; onde dando alma ás cousas inanimadas, usa de huma imagem artificiosamente fantastica, sem dizer que a sua fantasia se engana no que diz; mas affirmando resolutamente, que a náo, e o mar sentiriaõ o pezo de Duarte Pacheco, e que por esta causa gemeriaõ tambem os troncos dentro da agoa, &c.

E canta como lá se embarcaria
Em Bellem o remedio deste damno,
(Sem saber o que em si o mar trazia)
O graõ Pacheco, Aquilles Lusitano.
O pezo sentiráõ, quando entraria,
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'agoa os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

Veja-se quanto mais melhorada está a imagem, do que a de Virgilio, quando disse no liv. 6.

.... *Simul accipit alveo*
Ingentem Æneam; gemuit sub pondere cymba,
Sutilis, & multam accepit rimosa paludem.

Mas entre estes bellos enganos da fantasia naõ ha talvez algum, que seja mais conhecido, e usado dos Poetas, como aquelle, que faz animado ao amor. Considerava a fantasia dos antiquissimos Poetas gentios quanta fosse a virtude, e força do amor, e pareceo-lhe, que elle tinha hum naõ sey que de divino; e cresceo tanto este idolo fantastico, que imaginaraõ ser verdadeiramente hum Deos. Este erro,

erro, que tiveraõ os Poetas antigos, e ainda os meſmos Filoſofos, naõ tem o entendimento dos Chriſtãos, os quaes bem ſabem pelas luzes da noſſa verdadeira Religiaõ, que o amor naõ he divindade, como ſe fingio, mas ſim unicamente huma paixaõ do noſſo animo. Com tudo quando os noſſos Poetas trataõ de algum ſujeito namorado, ou elles tambem o eſtaõ, parece-lhes na ſua fantaſia, que eſtaõ vendo o amor como peſſoa animada; e que fallaõ com elle, attribuindo-lhe todas as acções, naõ ſó de peſſoa animada, mas ainda dotada de hum poder divino. Deſtas determinadas imagens, com que a fantaſia ſe deixa enganar, foy fecundiſſimo o engenho de Camões. Leaõ-ſe as ſuas Rithmas, que ſe encontraráõ para exemplos muitos Sonetos. Admiravel he o 20. da 1. part. dizendo:

N'um boſque, que de Ninfas ſe habitava,
Sibella, linda Ninfa, andava hum dia,
E ſubida em huma arvore ſombria,
As amarellas flores apanhava.

Cupido, que alli ſempre coſtumava
A vir paſſar a ſéſta á ſombra fria,
Em hum ramo arco, e ſettas, que trazia,
Antes que dormeceſſe, pendurava.

A Ninfa, como idoneo tempo vira
Para tamanha empreza, naõ dilata;
Mas co' as armas foge ao moço eſquivo:

As

As settas traz nos olhos, com que atira;
Oh Pastores fugi; que a todos mata,
Senaõ a mim, que de matarme vivo.

Igualmente no Soneto 8. da 1. part. pareceo â fantasia poetica do nosso Poeta, que vira ao amor, que lhe mostrava vivas faiscas &c. diz assim:

Amor, que o gesto humano n'alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro crystal se derretia,
Por entre vivas rosas, e alva neve &c.

Seria hum nunca acabar, se quizessemos buscar neste Poeta similhantes imagens, para authorizar o que dizemos. Passe o leitor pelos olhos as suas Rithmas, e fará com que naõ sejamos prolixos; vicio, em que cuidamos muito naõ cahir, para que se naõ diga, que queremos ostentar erudiçaõ. Porém antes que acabemos este Capitulo, parece-nos justo apontar alguns exemplos de Petrarca, que verdadeiramente foy o mais delicado Pintor destas imagens. Pareceo á fantasia deste Poeta, que o amor, isto he, aquella imaginada divindade para se vingar hum dia de tantas offensas, que elle lhe fizera, occultamente o ferira com huma setta, e diz assim:

Per far' una leggiadra sua vendetta,
E punir' in un dì ben mille offese,
Celatamente Amor l' arco riprese,
Com' uom, che a nuocer luogo, e tempo aspetta &c.

No

No Soneto 28. part. 1. claramente diz, que diante da ſua fantaſia tinha a imagem animada do Amor: e depois de ter dito, que andava cuidadoſamente pelos lugares ſolitarios, para que ninguem ſoubeſſe, que elle tinha taõ violenta paixaõ amoroſa, accreſcenta eſtes tres verſos, que na Pintura poetica merecem particular eſtimaçaõ:

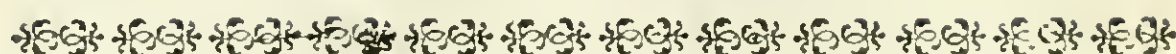
Ma pur sì aſpre vie, nè sì ſelvagge
Cercar non ſo, che amor non venga ſempre
Ragionando con meco; ed io con lui.

O que tornou a repetir no Soneto 25. da 2. p. dizendo com eſta belliſſima imagem, que entre as dos Poetas bons he como hum quadro de Rafael:

Amor, che meco, al buon tempo ſtavi
Fra queſte rive a' penſier noſtri amiche,
E per ſaldar le ragion noſtre antiche,
Meco, e col fiume ragionando andavi.

Eisaqui como os bons meſtres concebendo com arte os affectos, e paixões proprias do ſeu aſſumpto, voaõ com a fantaſia á mais alta regiaõ ſem o riſco de cahir; porque ſempre levaõ por guia o juizo, a arte, e a prudencia. Pelo contrario os máos Poetas entregando-ſe totalmente ao arbitrio da ſua deſordenada imaginaçaõ, e correndo á redea ſolta, porque naõ buſcaõ a guia da Arte, facilmente cahem naquelles precipicios, que já he tempo advertir, e os moſtraremos no Capitulo que ſe ſegue.

CA-



CAPITULO XVIII.

Da proporçaõ, relaçaõ, e ſimilhança, com que o juizo regula as imagens da fantaſia.

SE as imagens fantaſticas bem pintadas daõ alma á Poeſia, as que ſaõ formadas ſem juizo, e ſem arte lhe tiraõ toda a viveza, e os bons intelligentes as reputaõ por cadaveres. Na proporçaõ, na ordem, e unidade he que conſiſte a belleza poetica; de ſórte, que as couſas, que directamente ſe lhe oppoem ſaõ a deſordem, a impropriedade, a deſproporçaõ, e a deſuniaõ. He ſentença de Horacio na ſua Poetica, dizendo, que todos ſe ririaõ, ſe hum Pintor fizeſſe hum painel, no qual pintaſſe huma cabeça de mulher com peſcoço de cavallo, e remataſſe eſta figura com huma cauda de peixe:

Humano capiti cervicem Pictor equinam
Jungere ſi velit, & varias inducere formas,
Undique collatis membris, ut turpiter atrum
Deſinat in piſcem mulier formoſa ſupernè,
Spectatum admiſſi riſum teneatis amici?
Credite, Piſones, iſti tabulæ fore librum
Perſimilem, cujus, velut ægri ſomnia vanæ
Fingentur ſpecies, ut nec pes, nec caput uni
Reddatur formæ.

Naõ

Naõ ſeria eſta figura mais ridicula, e disforme, que a de huma imagem da fantaſia eſtragada, ſem connexaõ, ſem juizo, e (como ſe coſtuma dizer) ſem pés, nem cabeça. He a fantaſia poetica como hum cavallo muy fogoſo, o qual para naõ ſer deſenfreado, he preciſo, que ſe ſujeite ás regras da Arte. A meſma deſordem, que ha, faltando eſta ao bruto, ſe experimenta na fantaſia, quando as ſuas imagens, por naõ ſerem dirigidas pelo entendimento, naõ tem a ſua devida proporçaõ, e fundamento, para naõ ſerem tidas por exceſſivas, atrevidas, ou improprias. Eſtas circunſtancias faltaõ certamente em muitas obras de Poetas, que tem conſeguido grande nome; porque floreceraõ em ſeculo, em que reinava hum goſto eſtragado, naõ ſó em Portugal, e Heſpanha, mas ainda por Italia, e França. Para moſtrar, que naõ havendo proporçaõ nas imagens fantaſticas da Poeſia, neceſſariamente haõ de ſer eſtas monſtruoſas, uſaremos de huma juſta critica, apontando alguns exemplos, entre infinitos, que ſe poderiaõ tranſcrever. Principiemos por hum delirio de Luiz Peres de Montalvaõ na ſua Comedia do *Marechal de Biron.* Diz elle aſſim, deſcrevendo o merecimento de hum Principe:

Aquel, de cuyo coraçon valiente
El Sol es Coroniſta ſolamente,
Porque a ſus hechos ſolos
Aun eſtrechos le vienen ambos polos.

Y aſſi

Y assi el Ciel, que sabe,
Que en solo su papel su nombre cabe,
Deve ya detener sin duda alguna
Descombrada la esfera de la Luna,
Para que en su distancia
Vaya escriviendo sus Anales Francia.

Ainda que esta imagem per si mesma fosse bem formada, com tudo naõ devia (como diremos em seu lugar) entrar em huma Comedia (ou seja Tragedia) onde a fantasia de quem falla, imitando a natureza, e o costume, se regula sevéramente pelo entendimento. Porém deixando á parte esta observaçaõ, e considerando esta imagem em si mesma, naõ podemos deixar de dizer, que seu Author a naõ formou, segundo a natureza das cousas, nem traz comsigo hum tal fundamento, que a possa fazer parecer verosimil á fantasia, e merecer por isto a approvaçaõ do entendimento. Supponhamos muito embora, que o Ceo seja animado, e que conheça, como imaginou a fantasia, o merecimento daquelle Principe; pede sempre a razaõ, que se attribuaõ acções proprias, e verosimeis a este Ceo animado.

Ora naõ só he pouco verosimil, mas totalmente cousa desproporcionada a acçaõ, que o Poeta lhe attribue. O Ceo se tivesse alma, nunca entenderia, que sómente nos seus immensos espaços (que tanto quer significar com a metafora pouco bem considerada do

pa-

papel) he que poderia caber o nome daquelle Heroe ; e menos lhe viria já mais ao pensamento de fazer á Lua tal prejuizo, para que na sua esféra se podessem descrever as acções deste Principe. Fazendo-se esta mesma consideraçaõ sobre huma imagem de Marino, póde ser que naõ a approve o bom juizo critico, ou seja como nascida do entendimento, ou da fantasia. Falla elle da cithara de Orpheo morto, e diz, que se vio hirem as abelhas chupar mel das cordas:

Dalle stemprate corde
Raccontasi che furo
Sugger dolcezze Iblee vedute l' api.

Ainda que as abelhas tivessem alma racional (como póde imaginar a fantasia de hum Poeta) e percebessem a virtude de Orpheo, e da sua cithara, com tudo nunca seria verosimil, e proprio da sua natureza o chupar mel daquellas cordas, as quaes sem duvida naõ tinhaõ a propriedade das flores, nem a natureza de poder dar mel; isto he, fazer ridiculas, e nescias ás que saõ taõ engenhosas, e astutas, naõ tendo alma racional. Igualmente deveriamos reputar ridiculo o Ceo, quando sendo animado, obrasse como pretende o talento, e boa idéa de Montalvaõ. Nem se me diga, que sahindo da cithara de Orpheo, em quanto vivo, huma maravilhosa doçura, se podia tambem dizer, que della sahia mel, como já disse-

disseraõ Homero da lingua de Nestor, e Ovidio da de Pisaõ, no verso:

Inclita Nestorei cedit tibi gratia mellis.

Por quanto demos de barato, que se possa dizer, que de huma cithara, ou da boca de hum homem sahe mel (o que naõ disse Homero, mas só que da bocca de Nestor sahiaõ palavras mais doces, que o mel) com tudo como o entendimento sabe, que este mel he só imaginado pela fantasia poetica, e naõ verdadeiro, naõ póde elle, ou naõ deve approvar a outra imagem fundada na primeira; porque nem ainda á imaginaçaõ he verosimil, que as abelhas queiraõ chupar este mel sonhado. Este modo de conceituar he o mesmo, que fazer huma fabrica sem fundamento algum, que vem logo a baixo com qualquer impulso do vento.

Continuemos o nosso assumpto. Naõ seria proposiçaõ paradoxa, e muy rara, se se podesse provar, que nem por isso está ausente huma pessoa, ainda que esteja muy distante? He certo, que sim: pois Lope da Vega no Soneto 94. pertende provar este paradoxo, formando huma falsa illaçaõ do Sol verdadeiro a hum metaforico:

Si de mi vida con su luz reparte
Tu Sol los dias, quando verte intente,
Que importa, que me acerque, ò que me aparte?

Don-

Donde quiera ſe vê ſu hermoſo oriente;
Pues ſi ſe vê deſde qualquiera parte,
Quien es mi Sol no puede eſtar auſente.

Veja-ſe quanto he fraco o fundamento deſte conceito, e a baſe deſta imagem; pois attribue o Poeta ao Sol metaforico de huma dama as meſmas qualidades, e attributos, que tem o verdadeiro. O meſmo Poeta em outro Soneto tirou huma concluſaõ tal como a paſſada, dizendo:

Dentro de el Sol ſin abraſarme anduve.

Como ſe naõ foſſe couſa muito facil, e natural, que naõ abraſaſſe hum Sol metaforico. Eſtes caſtellos armados no ar ſaõ fabricas, que agradaraõ a Calderon, dizendo tambem eſte conceito em huma Copla:

Ardo, y lloro ſin ſociego,
Llorando, y ardiendo tanto,
Que ni al fuego apaga el llanto,
Ni al llanto conſume el fuego.

Naõ advertio eſte grande Comico do ſeculo paſſado, que ſó o fogo real ſe apaga com a agoa, e naõ o que he imaginario, como o do amor. O meſmo paſſou por alto a Gongora, dizendo em hum Soneto a Santo Ignacio:

Ardiendo en aguas muertas llamas vivas.

Como ſe fora milagre (ſegundo diz judicioſamen-

ſamente Luzan) que ardaõ chammas vivas em hum lugar chamado *Aguas mortas*, e mayormente ſe foſſem eſtas chammas metaforicas do amor divino. Porém leamos deſte meſmo Poeta huma imagem bem disforme, que traz no ſeu *Poliſemo*, Eſtanc. 53. introduzindo a eſte gigante a fallar com Galatea, a quem diz, como em hum dia ſereno ſe vira nas aguas de huma praya:

Mirême, y luzir vi un Sol en mi frente,
Quando en el Cielo un ojo ſe veîa,
Neutra el agua dudava, a qual ſe preſte,
Al Cielo humano, ò al Ciclope celeſte.

Naõ ha conceito mais falſo, nem imagem mais inveroſimil. Em que convem o Ceo com Polifemo, e Polifemo com o Ceo, para o *Ceo ſer hum celeſte Poliſemo, e Poliſemo hum humano Ceo*? Tirou o Poeta eſta illaçaõ, porque na linguagem das metaforas chama-ſe ao Sol *Olho do Ceo*, e aò olho *Sol da cara*. Eisaqui como por falta dos fundamentos, que temos allegado, ſe eſtraga a fantaſia poetica; e neſte exemplo ſe vê quanto fica eſcura, e remota toda a translaçaõ, que naſceo de outra. Neſte meſmo vicio, e ſobre eſte meſmo ſujeito de Polifemo cahio Thomaz Stigliani no ſeu Poema paſtoral intitulado *Poliſemo*, quando diſſe no liv. 2.

Chi più bello del Ciel, da cui ſi ſuole
Ogni bellezza derivar frà noi?

E pur

E pur' hà un' occhio in faccia, io dico il Sole,
Con cui mira dá Mori a'liti Eoi;
Egli nel mar, io nel mio ſcoglio il celo,
Egli gran Poliſemo, io picciol' Cielo.

Naõ conſiſte niſto a belleza poetica, ainda que a muitos pareça o contrario, por ſerem como os meninos, ou hum ſimples ruſtico, que eſtimaõ o lataõ como o ouro, e o cryſtal como o diamante. Como eſtes leitores naõ penetraõ o fundo das couſas, ficaõ na ſuperficie. A belleza poetica eſtá fundada na verdade, e compoem-ſe de perfeições reaes, naõ de deſconcertos, ou illusões aereas. Nunca ao entendimento póde directa, ou indirectamente parecer verdadeiro o que he falſo, porque foy creado para conhecer a verdade, excepto ſe elle eſtá depravado, pelo deſconcerto dos orgãos.

Similhantes ſofiſmas ſó em dous caſos ſe pódem permittir. O primeiro he no eſtylo jocoſo, no qual o fim como he promovêr o riſo, muito bem ſe conſegue com eſtes conceitos falſos no ſentido metaforico, ou equivocô, ſegundo todos os Authores. Por iſſo devemos louvar ſimilhantes imagens no *Poliſemo* de Jacintho Freire de Andrade por eſcrever eſta fabula em tal eſtylo, e nas obras de outros Poetas, que eſcolheraõ o meſmo, como ſaõ as do famoſo Cego Joſeph de Souſa, que modernamente ſe imprimiraõ. O ſegundo caſo he, quando o Poeta moſtra, que eſtá delirante,

rante, e frenetico por causa da paixaõ, que o violenta. Entaõ pede a natureza, que hum homem como louco naõ atine a discorrer formalmente, e a formar conceitos verdadeiros. He natural, que o que só he imaginaçaõ, o crea como realidade. Assim o observou o nosso Diogo Bernardes excellente Poeta Bucolico, quando disse na Ecloga 3.

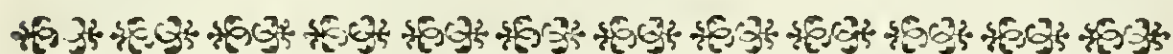
A viva chamma, aquelle intenso ardor,
Que brando sinto já pelo costume;
De noite de si dá tal resplendor,
Que mil Pastores vem a buscar lume.

Finge o Poeta, que tem a imaginaçaõ estragada á violencia do seu amor; e por isso assenta, que do fogo, em que se abraza o seu peito, sahe hum tal resplendor, que os Pastores pódem accender lume neste fogo metaforico. Imitou Bernardes neste conceito falso a Porcio Licinio Poeta antigo, o qual em hum elegante Epigramma, disse tambem:

Custodes ovium, teneræque propaginis agnûm,
Quæritis ignem? Ite huc: quæritis? Ignis homo est.
Si digito attigero, incendam sylvam simul omnem,
Omne pecus flamma est, omnia quæ video.

Igualmente fingio este Poeta Latino, que por causa do amor estava frenetico, e o delirio lhe fez imaginar, que era verdadeiro fogo o que nascia da sua paixaõ amorosa; e por isso capaz de abrazar quanto tocasse com o dedo. Bastem estes poucos exemplos, entre innumeraveis,

veis, que se poderiaõ transcrever, para mostrar, que sem a *Relaçaõ*, *Proporçaõ*, e *Similhança* naõ póde o entendimento regular as imagens da fantasia.



CAPITULO XIX.

Dos raptos, e extasis da fantasia

QUanto mais forte for a paixaõ reinante da fantasia do Poeta, tanto mais vivas, e atrevidas pódem sahir as imagens. Nem por isso deixaráõ de ser mais bellas; porque explicaõ maravilhosamente a violencia do affecto; e esta serve de fundamento á fantasia, para crer estas imagens como verdadeiras, ou verosimeis. Quando melhor se conhece esta verdade, he naquelles delirios poeticos, a que nós damos o nome de *raptos*, e *extasis* da fantasia, que saõ o ultimo, e glorioso excesso desta potencia. Saõ, torno a dizer, bellissimas estas imagens, porque nunca perdem de vista a natureza. Quando os Poetas em honra de Baccho entravaõ a compor versos Dithirambicos, fingiaõ, que estavaõ embriagados. Como quem assim está naturalmente fórma na fantasia humas imagens muy estranhas, irregulares, e inverosimeis, por isso estes Poetas costumavaõ usar destes raptos, a fim de fingirem, e representarem, que estavaõ em-

briagados. Ninguem duvidará, que elles nisto imitavaõ a natureza, reprefentando naõ fó o que he verofimil, mas ainda verdadeiro nas operações de quem tem bebido muito; e o mefmo fuccede, quando ha outra paixaõ tambem forte, que occupa a fantafia do Poeta, como já apontámos no Capitulo antecedente.

Hum admiravel extafis he o que lemos no liv. 2. *Od.* 20. do Principe dos Lyricos Latinos. Defejava, e efperava Horacio, ou para melhor dizer, cria como certa a eternidade do feu nome por caufa dos verfos, que fizera, os quaes elle muito bem conhecia, que eraõ dignos de immortalidade. Com efta taõ jufta ambiçaõ começou a agitarfe a fua fantafia; motivo porque lhe veyo a parecer, que já naõ era homem daquella baixa condiçaõ, de que a fortuna o fez nafcer, mas que fe havia transformado em hum candido Cifne, e que livremente voava, difcorrendo pela terra, fegundo lhe parecia. Brada depois efte Poeta, e quer, que lhe poupem as lagrimas, e a pompa da fepultura; porque elle já naõ ha de morrer mais, nem tem neceffidade de fepulchro. Ouçamo-lo, como falla a Mecenas:

Non ufitatâ, nec tenui ferar
Pennâ, biformis per liquidum æthera
Vates; neque in terris morabor
Longius, invidiâque maior.
Urbes relinquam &c.
Jam jam refidunt cruribus afperæ

Pelles,

Pelles, & album mutor in alitem
Superna: naſcunturque leves
Per digitos, humerosque plumæ.

Eu perſuado-me, que Horacio neſte extaſi, que fingio, imitou a Ennio, o qual, ſegundo A. Gellio, tambem ſe fez paſſaro no Epitafio, que compoz para ſi, dizendo, que ainda depois de morto voava vivo nas bocas dos homens:

Nemo me lacrymis decoret, nec funera fletu
Faxit; cur? Volito vivu' per ora virûm.

Naõ ſe póde negar, que eſtas, e outras imagens fantaſticas uſadas por Horacio naõ ſejaõ muito eſtranhas. Com tudo conſiderando-ſe eſte delirio como hum rapto da fantaſia, agitada de hum intimo deſejo da gloria, e do conhecimento do proprio merecimento, facilmente o reputamos bello, e judicioſo, exprimindo com admiravel força o conceito do Poeta. Além deſte fogo da paixaõ, tem a imaginativa eſquentada outro fundamento para ter por veroſimil a transformaçaõ de hum Poeta em hum Ciſne. Muitas vezes tem ella ouvido dizer, que aos Poetas ſe dá o nome de Ciſne, e que eſtes cantaõ com a meſma ſuavidade, com que o vulgo crê, que cantaõ os Ciſnes; e tanto aſſim, que o meſmo Horacio, ſem ſe ſuppor arrebatado, uſou deſta meſma imagem no Panegyrico a Pindaro, liv. 4. *Od.* 2. No meſmo Poeta ſe póde obſervar outro

extasi, que lhe causou Baccho, para que cantasse os louvores de Augusto. Principia assim a Ode:

Quo me, Bacche, rapis tui
Plenum? Quæ in nemora, aut quas agor in specus? &c.

Mas passemos dos antigos aos modernos Poetas, nos quaes naõ faltaõ exemplos, com que provemos os raptos poeticos. Celebrou o Padre Antonio Vieira em verso a delicadeza, e perfeiçaõ de huma Custodia feita de cortiça; e finge a sua fantasia arrebatada, ou elle mesmo pela Musa, dizendo deste modo a respeito de ter já deixado a Poesia havia muitos annos:

Quò me Musa rapit? Longumque relictus Apollo
Extinctos iterum, juvenes, quos lusimus, ignes,
Frigentemque ætate jubet recalescere flammam?
Corticis est quæ forma senem pulcherrima Vatem
Concipere Aonios effætâ mente furores,
Suspensamque lyram, fractumque resumere plectrum
Cogit, & oblitos reminisci carmine fontes.

Porém como naõ he sempre possivel, que haja huma paixaõ taõ violenta, nem he licito aos Poetas usar a miudo destes taes extasis da fantasia, ha outra especie de movimentos internos, que saõ os chamados *Voos poeticos*, dos quaes usaraõ mais os Poetas. Ainda que elles naõ finjaõ, que se vem voando pelo ar, como parece á sua fantasia, com tudo sempre he poeticamente verdade, que voaõ, ou tem

tem virtude de voar. Isto succede quando elles tendo a fantasia cheya de algum forte affecto, e agitando-a com vehemencia, discorrem com o pensamento por diversas, e estranhas imagens, sem observar ordem, nem uniaõ, que ordinariamente costuma haver, quando a fantasia quieta se regula pelo entendimento. Confirma esta sentença hum lugar de Lucrecio, que diz:

Avia Pieridùm peragro loca, nullius ante
Trita solo; juvat integros accedere fontes,
Atque haurire; juvatque novos decerpere flores,
Insignemque meo capiti petere inde coronam;
Unde prius nulli velarínt tempora Musæ.

Igualmente me parece admiravel outro rapto, ou voo poetico, que li em hum Poema, que anda com outros mais em huma Collecçaõ intitulada: *Applausos da Universidade de Coimbra a ElRey nosso Senhor D. Joaõ IV.* feitos na Acclamaçaõ deste Principe. Veja-se a pag. 34. v.

Quid tamen aspicio? Densam per compita turmam
Ire equitum video? Mediâ sub nocte refulget
Germano sine Sole dies? Quàm læta paratu
Pompa animos, avidosque oculos prædatur! Olympi
Quantùm sydereos rapiunt spectacula Cives!

Outra imagem similhante de voo fantastico lemos no livro *Carmina selecta* do nosso celebre Padre Macedo, descrevendo a coroaçaõ de Alexandre VII, e principia assim:

Quas

Quas ego conſpicio per nubila rupta cohortes
Aligeram properare viam? Stellasque ſequentes
Inclinare polum (tanta eſt ea turba) Juventus
Quò Romana ruit ſtimulis agitata videndi,
Quæ vetus exhibuit nunquàm ſpectacula Roma? &c.

Porém quando fazem melhor effeito na Poeſia eſtes voos, que perturbaõ a ordem, e uniaõ ordinaria da fantaſia, he quando o Poeta ora falla com hum objecto, que eſtá muy diſtante, e que tambem o ſuppoem animado a ſua imaginaçaõ, ora falla comſigo meſmo, ora ſe entriſtece, ora ſe alegra, ora ſe encoleriza, e em huma palavra, voa por mil differentes paixões, e imagens. Foy Petrarca taõ divino neſtes voos, que he preciſo recorrer a elle, primeiro que a outros Poetas. Chegou-lhe á noticia, que morrera a ſua Laura: e para explicar as duas paixões de ſentimento, e de amor, que vivamente batalhavaõ no ſeu coraçaõ, falla ao Amor com eſta belliſſima imagem:

Che debb' io far? Che mi conſigli, Amore?
Tempo è ben di morire,
Ed ho tardato più, ch'io non vorrei.
Madonna è morta, ed ha ſeco il mio core,
E volendol ſeguire
Interromper convien queſti anni rei &c.

Continùa a diſcorrer com o Amor neſta Cançaõ, e logo irado ſe volta a fallar com o mundo, porque naõ chora com elle:

Ahi

Ahi! Orbo mondo ingrato,
Gran cagion' hai di dover pianger meco,
Che quel Bel, ch'era in te, perduto hai ſeco.

Deixa de diſcorrer com o mundo, e paſſa a fallar comſigo meſmo, e a conſiderar a belleza, e predicados da ſua Laura, com a qual falla tambem depois, e logo com as mulheres, rogando-lhes, que tenhaõ piedade delle. Finalmente diz, que já a ſi meſmo ſe teria morto, ſe o Amor lho naõ impedira, fallando-lhe no coraçaõ; e paſſa a narrar as meſmas palavras, que lhe pareciaõ ſer ditas pelo Amor. Admiravel he certamente eſta Cançaõ para provar quaes ſaõ os voos poeticos, que pódem arrebatar a quem conhece, em que conſiſte a belleza, e bom goſto da Poeſia. Por obſervar brevidade a naõ copiamos toda; mas rogamos ao Leitor, que a lea para ſe recrear. He a primeira da ſegunda Parte.

Igualmente inſigne na delicadeza de formar os voos poeticos foy Virgilio. Diz elle na Ecloga 3. por boca de Dametas:

Oh quoties, & quæ nobis Galatea loquuta eſt!

Voa a fantaſia namorada deſte Paſtor a formar huma imagem de ternura, que ninguem eſperaſſe, e contiuùa, dizendo:

Partem aliquam, venti, Divûm referatis ad aures.

Naõ ſe podia deſcobrir couſa, que moveſſe

mais

mais a ternura, do que rogar aos ventos, que queiraõ levar alguma parte daquellas ſuas doces palavras aos ouvidos dos Deoſes; quaſi imaginando, que ellas naõ ſó eraõ dignas de que elles as ouviſſem, mas ainda poderoſas de accreſcentar ás Divindades a ſua bemaventurada felicidade. Tanta doçura acha eſte Paſtor nas palavras daquella Nynfa!

Naõ he menos bello outro voo do meſmo Poeta na Ecloga 8. onde depois de dizer o meſmo Dametas, que a formoſa Niſa, a quem elle amara muito, caſara com Mopſo Paſtor muy feyo, voa com enfaſe a dizer:

Mopſo Niſa datur. Quid non ſperemus amantes?

Entre todos eſtes voos enfaticos da Poeſia merece hum particular louvor o de *Efigenia* na Tragedia de Monſieur *Racine*. Finge o Poeta a eſta donzella amante, e amada de Achilles, já deſtinada a ſer victima no altar por determinaçaõ do Oraculo, que aſſim o diſpozera. Oppondo-ſe Achilles a hum taõ barbaro ſacrificio, manda Agamemnon a ſua filha, que naõ falle mais com Achilles, mas antes o aborreça. Narra Efigenia eſte preceito, e voa depois em hum inſtante com o penſamento aos Deoſes, dizendo: *O' Deoſes mais benignos! Vós naõ pediſtes mais, que a minha vida.*

Dieux plus doux! Vous n' avez demandè que ma vie.

Naõ ſe podia mais viva, e engenhoſamente expli-

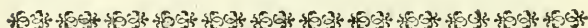
explicar a violencia do amor, que Efigenia tinha a Achilles, nem dizerse com mais belleza, que ella reputava por partido muito mais duro o naõ dever amar a Achilles, que o dever ficar sem vida, mostrando ao mesmo tempo ser mayor a crueldade de seu pay, que a dos Deoses, que a queriaõ sacrificada.

Na mesma Tragedia Agamemnon, que quer obedecer ao Oraculo sacrificando sua filha, e enternecendo-se, ouvindo as queixas de Clitemnestra, volta-se a fallar com os Deoses lembrado de que era pay, e diz-lhes: *Como deviaõ deixarlhe hum coraçaõ de pay, impondo-lhe huma ley taõ violenta?*

Helas! En m' imposant une loy si severe,
Grãds Dieux, me deviez-vous laisser un cœur de Pere?

Porém quanto tem de attractivos estes voos poeticos, tanto tem de difficultosos. Deve o Poeta advertir, que está obrigado a medir as qualidades do sujeito, e observar, se elle póde natural, e verosimilmente mover tanto a fantasia, que racionalmente se possaõ usar estes voos poeticos. Se se propozerem á sua Musa objectos grandes, magestosos, e naõ ordinarios, ou seja por belleza, ou por virtude, ou por vicio, ou por outra qualquer causa, poderá agitarse muito a fantasia quasi sempre com verosimilhança; e seraõ por isto naturaes os voos, e igualmente convenientes as figuras sublimes, e as imagens magestosas. Pelo contrario as cousas humildes, e aquellas,

naõ tem, ou naõ pódem ter força para excitar huma paixaõ vehemente na nossa fantasia, pedem aquella moderaçaõ, e aquella ordem de discorrer, que em tal caso costuma ter a fantasia, que naõ está esquentada. Aos objectos, v. g. pastorîs, como saõ humildes, naõ se concede facilmente a liberdade, e uso dos voos sublimes. Naõ podemos negar, que tambem nestes sujeitos se move, e esquenta a fantasia, porém naõ de modo, que queira subir ao ar, e bater as azas com força: *In parvis rebus* (dizia Cicero no 2. liv. de Orat.) *non sunt adhibendæ dicendi faces.*



CAPITULO XX.

Do engenho, e das imagens intellectuaes, ou engenhosas; imagens de similhança; varios modos de usar dellas; formaçaõ das metaforas.

DEpois de termos discorrido com a brevidade, que nos foy possivel, da *fantasia*, a qual mostrámos ser (digamo-lo assim) como hum toucador, em que se encontraõ todos os enfeites para ornarse a belleza poetica; resta agora fallar alguma cousa sobre o *engenho*, o qual he outro thesouro das Musas naõ menos importante. Nenhuma outra cousa he o engenho, senaõ aquella virtude, e força activa, com que o entendimento recolhe, une,

une, e acha as ſimilhanças, as relações, e as razões das couſas. Para melhor ſe entender eſta tal qual definiçaõ, he preciſo obſervar, que de dous modos póde eſpecialmente o entendimento exercitar a ſua força, e virtude, a que nós chamamos *engenho*. O primeiro modo he penetrando o interior das couſas, e comprehendendo a ſua razaõ, qualidade, e natureza. O ſegundo he voando velozmente ſobre mil objectos differentes, e diſtantes, e depois recolhendo as ſimilhanças, as correſpondencias, e os laços, que prendem a eſtes diverſos objectos. O que ſouber obrar com o ſeu entendimento do primeiro modo, he dotado de engenho penetrante, e agudo; e o que tiver mais actividade para diſcorrer do ſegundo, he ornado de engenho vaſto: e de ambas eſtas operações do entendimento naſcem, como de duas abundantiſſimas fontes, conceitos bellos, e nobres para adorno da Poeſia. Comecemos pelas ſimilhanças, moſtrando como o entendimento poſſa fazer iſto.

Qualquer que puzer fixamente os olhos do entendimento nos objectos, de que ſe compoem a grande Republica dos tres mundos, de que já tratámos, facilmente verá, que todos eſtes objectos, ainda que eſtejaõ, ou pareçaõ diſtantes, diverſos, e ainda muitas vezes entre ſi contrarios, com tudo concordaõ, e ſaõ em alguma parte ſimilhantes por alguma ſua qualidade, e razaõ. De ſua natureza he entre ſi couſa bem diverſa hum *rochedo*, e

huma

huma *mulher*; com tudo ſe eſta for dotada de huma ſevéra honeſtidade, e reſiſtir fortemente aos aſſaltos de quem a ama, ella ahi ſimilhante a hum rochedo, que com igual reſiſtencia naõ faz caſo dos aſſaltos das ondas. O meſmo ſe póde dizer de todas as couſas, de que ſe compoem eſte mundo.

Ora eſta, e outras ſimilhanças, que o entendimento achou, e recolheo, ſaõ as que chamamos *imagens intellectuaes*, ou *engenhoſas*, para que ſe naõ confundaõ com as da fantaſia: naõ já porque a fantaſia naõ ſirva ao entendimento no achar, e unir as ſimilhancas; mas porque parece eſta operaçaõ mais propria do entendimento, parecendo-lhe eſtas imagens directamente verdadeiras, ou veroſimeis. A fantaſia lhe repreſenta os objectos entre ſi diverſiſſimos, e diſtantes; elle fixando a viſta, recolhe quanto verdadeiramente ha de ſimilhança entre elles. Tanto mais ſeráõ bellas eſtas imagens, quanto mais ſe forem buſcar as ſimilhanças a objectos entre ſi remotos, e nobres, e quanto mais novas, e inſpiradas forem; porque da novidade he que naſce a maravilha, e o deleite. Com eſta ſentença naõ ſe perſuada alguem, que he pouco abundante eſta fonte de imagens engenhoſas, e que o Poeta uſando muitas vezes dellas correria no perigo de cauſar tédio ao leitor.

Saõ tantos, e taõ varios os modos, com que ſe póde, e coſtuma uſar das ſimilhanças, que he facil aos Poetas extrahir innumeraveis

con-

conceitos ſem o temor de enfaſtiar. De dous modos porém he que pela mayor parte ſe uſa dellas na Poeſia. O primeiro he quando ſe trazem unicamente por ornato, a fim de explicar melhor huma couſa, ou pintalla, e exprimilla com mais valentia. Chamaõ-ſe entaõ a eſtas ſimilhanças *comparações*, fazendo-ſe parallelo entre huma couſa, e outra. Nellas foy verdadeiramente admiravel o noſſo Camões. Lea-ſe a Eſtanc. 38. do Cant. 2. que diz, fallando de Venus:

E moſtrando no angelico ſemblante
Co' riſo huma triſteza miſturada,
Como Dama, que foy do incauto amante
Em brincos amoroſos maltratada;
Que ſe queixa, e ſe ri n'um meſmo inſtante,
E ſe torna, entre alegre, magoada;
Deſta arte a Deoſa, a quem nenhnma igualla,
Mais mimoſa, que triſte, ao Padre falla.

Igual viveza, e propriedade ſe conhece em outra comparaçaõ, de que uſou eſte Poeta no meſmo Cant. 2. Eſtanc. 43. tratando do mimo, com que Jupiter conſolou a Venus choroſa:

E co' ſeu apertando o roſto amado,
Que os ſoluços, e lagrimas augmenta,
Como menino da ama caſtigado,
Que quem o affaga, o choro lhe accreſcenta &c.

Merece Eſtacio, que neſte lugar façamos tambem memoria de huma ſua feliciſſima compara-

paraçaõ, que traz no liv. 10. da sua *Thebaida* nestes versos:

Ut lea, quam sævo fætam pressere cubili
Venantes Numidæ, natos erecta superstat
Mente sub incertâ, torvum ac miserabile frendens.
Illa quidem turbare globos, & frangere morsu
Tela queat; sed prolis amor crudelia vincit
Pectora; & in mediâ catulos circunspicit irâ.

Cuja comparaçaõ felizmente imitou o Ariosto no Canto 19. do seu *Orlando Furioso*, mudando de leoa para ursa, com a qual compara a Medoro, que queria defender a sua vida dos inimigos, mas ao mesmo tempo naõ queria apartarse do amado cadaver do seu Rey. Igual, ou mayor estimaçaõ merecem as comparações de Virgilio, principalmente a das formigas do liv. 4. da Eneada:

Ac veluti ingentem formicæ farris acervum
Cùm populant, hyemis memores, tectoque reponunt;
It nigrum campis agmen, prædamque per herbas
Contrectant calle angusto . . . .

O que tambem imitou Camões na sua *Lusiada*, como quem quasi sempre seguia os vestigios de Virgilio, tratando no Cant. 2. Estanc. 23. das Nynfas, que estorvavaõ aos Portuguezes a sua viagem:

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitaõ, de inimigas

De

Do inimigo inferno congelado:
Alli ſao ſeus trabalhos, e fadigas,
Alli moſtraõ vigor nunca eſperado:
Taes andavaõ as Nynfas eſtorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

Quem deſejar ler mais comparações deſte noſſo grande Poeta todas belliſſimas, e naturaliſſimas, lea no Canto 1. a Eſtanc. 35. deſcrevendo o tumulto dos Deoſes; no Canto 2. a Eſtanc. 27. deſcrevendo o medo dos Mouros, e comparando-os ás rans: a Eſtanc. 49. do Cant. 3. comparando a acçaõ de tomar apreſſadamente as armas ſem tino, com a preſſa dos Paſtores atemoriſados, quando os deſperta o incendio, que ſe ateou no campo: a Eſtanc. 106. do meſmo Canto, em que compara a Rainha Dona Maria de Caſtella, pedindo a ſeu Pay ſoccorro a favor de ſeu Marido, com Venus fazendo a meſma ſupplica a Jupiter para ſeu filho Eneas. Finalmente lea o curioſo eſte Poema, que nelle achará outras muitas comparações feitas com particular artificio, e grande naturalidade, no que verdadeiramente foy divino eſte Poeta.

Tem depois delle hum diſtincto lugar, a reſpeito deſtas imagens, Antonio da Fonſeca Soares na ſua *Filis.* Compara eſte Poeta ao gado errante, e ſem Paſtor, o povo Troyano, dizendo no Canto 1. Eſtanc. 19. *De las ruinas;*

No assi ganado sin Pastor errante
Se esparce, y vaga por el verde suelo,
Quando a golpes se vê del gran Tonante
Caer en fuego el ayre, en lluvia el Cielo:
Como el pueblo de Troya, a cada instante,
Attonito en su daño, y en su recelo,
Vaga confuso, viendo en sus desmayos
Caer las muertes, y llover los rayos.

Mais exemplos deste Poeta poderamos allegar; porém por fugirmos á extensaõ, apontaremos só os lugares. Veja-se do mesmo Poema no Canto 3. *Los affectos* a Estanc. 6. comparando gentilmente a formosura de Filis com a rosa: no Canto 9. *Los extremos* a Estanc. 80. comparando a firmeza de huma alma á de huma enzinheira, e de huma rocha: no mesmo Canto a Estanc. 56. comparando ao cháos a confusaõ, e o horror de huma batalha; e ultimamente lendo-se outras muitas Estancias, se acharáõ diversas, e propriissimas comparações.

Este he o primeiro modo, de que usaõ os Poetas para pintar, e exprimir vivamente huma cousa, ajudando-se da outra. O segundo modo de usar das similhanças he quando se usa dellas, naõ como comparações puras, e discretas, que se poderiaõ tirar do discurso, sem lhe causar prejuizo, mas indirectamente como cousa intrinseca daquelle conceito, que se propoem. Tem estas o seu uso, quando v. g. para explicarmos, e provarmos huma

cou-

couſa, nos valemos da ſimilhança de outra. O Cardeal Pallavicino no capitulo 9. do ſeu *Tratado do Eſtylo*, moſtrando a utilidade, que ſe tira do bom uſo das comparações, faz, que o ſeu meſmo conſelho nos ſirva de louvavel exemplo. Diz elle aſſim: *Non dee il Filoſofo uſarle ſenza utilità di maggior chiarezza, e ſolo per luſſo d' ingegno: adirandoſi il lettore,* * *che la Guida gli faccia allungar la via, non a fin di condurlo per la più piana, ma ſolo per fargli veder le ricchezze delle ſue poſſeſſioni.*

Eisaqui como eſte Author prova admiravelmente com huma ſimilhança, e explica com ella o conceito propoſto, dizendo, que o Filoſofo naõ deve uſar das ſimilhanças ſó por oſtentar engenho, mas para dar mayor clareza ao que diz; a fim de que o leitor ſe naõ enfade de que o guia o leve por caminho mais longe, naõ para o conduzir pelo melhor, mas para lhe moſtrar as terras, que poſſue. Uſou igualmente Petrarca de huma imagem, quanto póde ſer, nobre neſte genero. Dá elle a razaõ, porque começou a amar tanto a Laura, e vay deſcrevendo a formoſura, que nella obſervou da primeira vez, que a vio, com eſta bella imagem, que formou na ſua fantaſia:

Non era l' andar ſuo coſa mortale;
Ma l'angelica forma, e le parole
Sonavan'altro, che pur voce umana.

Em outra parte dá o meſmo Poeta a razaõ,

K por-

porque á sua Dama se lhe naõ dava de morrer, estando na flor dos seus annos, e diz:

Che gentil pianta in arido terreno
Par che si disconvenga; e però lieta
Naturalmente quindi si diparte.

Maravilhosa he tambem a belleza de huma imagem de Tasso, descrevendo laconicamente com duas similhanças magestosas a gentileza, e o valor de Rinaldo:

Se 'l miri fulminar tra l' armi avvolto,
Marte il diresti; Amor, se scopre il volto.

Naõ falta igualmente esta casta de similhanças no nosso Camões, e entre muitos exemplos apontarey só alguns. Diz elle no Soneto 45. da primeira Parte imitando a Petrarca no Soneto 49. acima allegado, e tratando de huma Dama isenta em amar:

Gentil planta disposta em secca terra,
Lindo fruto de dura maõ colhido;
Lembranças de outro amor, e fé prejura.

Naõ he imagem menos nobre, e bella outra similhança do mesmo Poeta, que lemos no Soneto 38. da primeira Parte principiando-o assim, á imitaçaõ tambem de Petrarca, nos versos de que acima fizemos mençaõ: *Non era l' andar suo &c.*

Formosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do Ceo certissimos sinais,

Se

Se quereis conhecer quanto possais,
Olhay-me a mim, que sou feitura vossa &c.

Veja-se igualmente a similhança, com que principia o Soneto 90. da primeira Parte, em que com primoroso pincel pinta a formosura da sua Dama:

A perfeiçaõ, a graça, o doce geito,
A Primavera cheya de frescura,
Que sempre em vós florece, a que a ventura,
E a razaõ entregaraõ este peito.

Como tratamos destas similhanças, devemos precisamente tratar alguma cousa tambem das metaforas, que tem nellas o seu fundamento. Nestas imagens v. g. de Camões, em que diz, que a Primavera florece sempre na sua Dama, tem a fantasia a sua parte por causa da metafora; e assim dizemos, que se costuma usar das similhanças tambem nesta fórma; isto he, transportando o nome do objecto similhante em outro objecto. A estas transposições commummente se dá o nome de metaforas; e com effeito estas naõ saõ outra cousa, senaõ humas similhanças, e comparações compendiadas: e todos sabem, que das similhanças até aqui descriptas passaõ os Poetas sem trabalho a formar translações. Quem v.g. diz, que *Filis he na figura bella como a mesma Primavera*, usa da similhança puramente, e a faz servir só por comparaçaõ. Mas quem passa a dizer, *Filis na formosura he huma Primave-*

ra, usa da mesma similhança, mas transportando o nome do objecto similhante em outro objecto. Naõ devem estas translações ter o nome de imagens do entendimento, mas sim da fantasia; pois naõ contém directamente o que he verdadeiro proprio do entendimento. Porque he verdadeiro, segundo o entendimento, que Filis he similhante á Primavera, por isso propriamente attribuimos ao entendimento a primeira imagem. Porém a segunda sómente á fantasia parece verdadeira, e por este motivo lhe chamamos fantastica. Pertence por tanto primeiro ao entendimento (ou seja engenho) o descobrir similhança entre os objectos, e depois sobre este fundamento he que entra a fantasia a levantar as suas imagens. O entendimento v. g. sabe, que o *luxo*, e o *ladraõ* saõ entre si similhantes, porque ambos roubaõ; e assim com verdade se póde affirmar, que o luxo he como o ladraõ: porém a fantasia naõ se contenta com este conceito, e diz, que com effeito o *luxo he hum ladraõ*. O Padre Sidronio Hoskio na sua primeira Elegia nos dá hum exemplo para provar o que dizemos:

Vita mare est, res plena metu, res plena tumultu
Utraque; mortales, credite, vita mare est.

Tambem o confirma Dante em hum Terceto do 11. liv. do seu Purgatorio, onde, para descrever a Fama, descobre tambem a similhan-

lhança, que ha entre ella, e o vento, exprimindo-a em fórma de metafora:

Non è il mondan rumore altro, che un fiato
Di vento, ch'or vien quinci, ed or vien quindi,
E muta nome, perchè muta lato.

Deftas coufas cada vez podemos hir aprendendo a differença, que ha entre as imagens fantafticas, e as intellectuaes. Eftas faõ directamente verdadeiras, e taes parecem ao noffo entendimento; e aquellas directamente faõ falfas ao entendimento, ainda que indirectamente elle as conheça por verdadeiras. Poderfe-hia compor hum volume completo fómente fobre as metaforas, porque he affumpto muy copiofo; porém a nós bafta-nos o ter apontado efta taõ ampla, e ufada maneira de nos fervirmos das fimilhanças; e remettemos o leitor ao que efcreveraõ nos feus livros os Meftres da Eloquencia.

Unicamente nos parece neceffario dizer aqui alguma coufa aos principiantes, pelo que toca ás comparações, e metaforas. A refpeito deftas dizemos, que deve haver grande cautella nas regras, e exemplos, que fobre ellas dá o Conde Manoel Thefauro no feu *Cannocchiale Ariftotelico*; porque talvez foy o que tratou peyor defte affumpto, fendo o que delle efcreveo com mais extenfaõ. Eu perfuado-me, que quem fouber, que coufa feja bom gofto, ha de reprovar muitas metaforas, que elle approva; como v. g. que as neves

faõ

saõ *lyrios frios dos Alpes*, e os lyrios *neves animadas dos jardins*: que as gottas de sangue, que Christo suou no Horto, foraõ outros tantos *globos*, *ou mundos*, *debaixo de cujo pezo gemia o divino Atlante*: Que a abelha he *huma Amazona com azas*, *huma Maga volante*, *e huma aljava com settas*. Que o alambre he *huma luz viscosa*, *e hum ouro fragil*: Que o rouxinol he *hum orgaõ sem canudos*, e o orgaõ *hum rouxinol sem pennas*: e outras muitas similhantes a estas, em que naõ ha proporçaõ por falta de similhança de figura, de ministerio, e de acçaõ; o que sempre deve haver, para serem bem fundadas as translações.

Este Author era homem de grande doutrina, e de hum engenho vivo, ainda que daquelles, a que os Francezes chamaõ *brilhantes*; porém a destemperada ambiçaõ de novidade lho depravou: por isso quiz enganar o mundo com o nome de Aristoteles, e o encheo de conceitinhos, e de argucias frivolas, ridiculas, puerîs, insulsas, e irreverentes, como saõ as metaforas apontadas; o que tudo diz o insigne Salvini nas Notas a Muratori tom. 1. pag. 249. Muito ajudou a Thesauro em estabelecer o pessimo gosto Lourenço Gracian na sua *Arte*, *y Agudeza de Ingenio*, infestando tanto a Hespanha, como o outro a Italia, e ambos o mundo; porém entendo, que em parte nenhuma foraõ taõ bem recebidos como em Portugal, como se vê pela experiencia. Sobre este uso das metaforas lease

ſe a Leitaõ Ferreira na ſua *Arte de Conceitos*, p. 1. liç. §. 4. n. 20.

A reſpeito das comparações temos tambem, que advertir, que deve haver grande decóro na proporçaõ, e veroſimilhança da couſa, que ſe compára com a comparada. Contra eſta regra infallivel peccou Barbuda no ſeu *Virginidos*, comparando no Canto 1. Eſtanc. 118. a Adaõ, por comer o pomo prohibido, com hum cavallo que tomou o freyo entre os dentes, e ſem tino corre a deſpenharſe.

Vay-ſe Eva atraveſſando o Paraiſo,
A levar da maçã parte ao eſpoſo;
Que por lhe converter o pranto em riſo,
Lhe vay dar hum bocado venenoſo:
De Adaõ quer penetrar o alto juizo,
Pelo tornar, qual bruto, que furioſo,
O bocado entre dentes em tomando,
Se deſpenha, da redea naõ curando.

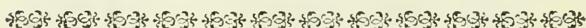
Outro vicio igual a eſte commetteo o meſmo Author no Canto 1. Eſtanc. 65. deſcrevendo a batalha de S. Miguel com Lucifer. Indecoroſamente compara eſte Archanjo a hum leaõ feroz, que com unhas, e rugidos vence os outros brutos. Eſtas *armas* proprias do leaõ ſaõ indecoroſamente impropriiſſimas em S. Miguel, porque falta a proporçaõ, e ſimilhança:

Oppoem-ſe-lhe Miguel vibrando a lança;

D' ar-

D'armas brancas vestido o corpo etherio,
E co'as aladas hostes, com que avança
Lá no Impyrio, de Deos defende o Imperio:
E valor fulminando, á similhança
De leaõ, que rugindo, em vituperio
Do bruto opposto, vibra lingua, e garra,
Que c'huma atemorisa, e outra agarra.

Para se naõ cahir neste vicio, he preciso, que o Poeta tenha sempre diante dos olhos do juizo se a comparaçaõ, que intenta fazer, he evidente na proporçaõ, verosimil, modesta, decorosa, e sem affectaçaõ, nem humildade, excepto se esta for necessaria para bem pintar a imagem, segundo o objecto, de que se tratar; por isso entre outras he muy propria a comparaçaõ, que no Canto 5. Estanc. 21. fez Camões do vapor com a sanguesuga. Porém em outro lugar trataremos deste assumpto com mais individuaçaõ.



CAPITULO XXI.

Das imagens intellectuaes de relaçaõ, *e das engenhosas de* reflexaõ; *seus exemplos.*

JA' se tem visto como as similhanças, que o entendimento descobrio em cousas entre si remotissimas, e diversas, daõ o ser a varios conceitos, ou sejaõ imagens engenhosas: agora

ra he neceſſario obſervar mais miudamente, que, além das ſimilhanças, ha outras infinitas dependencias, e uniões entre as couſas do Univerſo, ſobre as quaes ſe fundaõ outras innumeraveis imagens do entendimento. Algumas deſtas uniões, ou prizões, ás quaes chamamos *relações*, ſaõ taõ claras, e manifeſtas, que qualquer peſſoa ruſtica as poderá perceber; outras porém ſaõ muy occultas, e pouco obſervadas pelo artificio, e idéa, que encerraõ. Quem diſcorre de hum Principe grande, e valeroſo, facilmente ſabe, que lhe dizem reſpeito, e relaçaõ os mageſtoſos palacios, as riquezas, os póvos ſeus ſubditos, as Cidades, os ſoldados, os inimigos, os antepaſſados glorioſos, e outros ſimilhantes objectos. Porém naõ ſaberá v. g. taõ facilmente, que tenhaõ connexaõ com aquelle Principe o Ceo, as Muſas, os montes, os Heroes da antiguidade, e outros taes ſujeitos, ainda mais diverſos, e remotos. Querendo pois hum Poeta louvar a hum Principe excellente, poderá lembrarſe, *que nos palacios magnificos, e nos ſeus riquiſſimos ornatos ſe póde ler a mageſtade de tal Rey; que os póvos ſujeitos gozaõ com effeito da idade de ouro, que ſonharaõ os antigos; que debaixo da ſua conducta naõ ha empreza marcial, em que ſeja difficil alcançar a victoria, tendo ſoldados taõ valeroſos, que os meſmos inimigos confeſſaõ temeroſos a gloria, e o valor de taõ grande Principe &c.*

Outras ſimilhantes imagens filhas do entendi-

tendimento ſe poderáõ extrahir, para as quaes concorrerá tambem a fantaſia com algum ornato, obſervando as connexões de outros tantos objectos com o tal Principe: razaõ porque affirmamos, que o conhecer bem as reflexões, que ha entre todas as couſas, e o reſpeito, que dizem humas ás outras, he huma abundantiſſima fonte, da qual ſe coſtumaõ extrahir muitos novos, e excellentes ſentimentos ſobre qualquer materia. E verdadeiramente o noſſo entendimento he huma potencia grande, e univerſal, que ſe póde extender com linhas infinitas por infinitos objectos, aſſim paſſados, e preſentes, como futuros. Póde examinar, e recolher todas as relações, e connexões mais accommodadas, que ha entre aquelles objectos, e aquelle, que ſe tomou por aſſumpto para diſcorrer. Quem for dotado de hum engenho vaſto deſcobrirá as couſas de mais longe, e achará entre ellas connexões nobres, e nunca obſervadas por outros entendimentos; motivo porque formará imagens maravilhoſas, e agradaveis, viſto ſerem novas, e naõ eſperadas. Naõ ſómente he util, mas ainda neceſſario, que o entendimento ſe empregue neſtes deſcobrimentos, porque ſó aſſim ſe diſcorre bem em hum aſſumpto. Ordinariamente qualquer argumento naõ he per ſi meſmo taõ rico, e fecundo, que poſſa ſoccorrer com muitos conceitos o entendimento do Poeta; e por iſſo convém, que elle comece por neceſſidade a ſahir (digamo-lo aſ-

ſim)

fim) das entranhas, e centro da materia, e a defcobrir aquellas connexões, que com elle tem as outras coufas.

Como nós tratando dos voos poeticos diffemos, que nelles as imagens humas vezes faó propriamente concebidas pela fantafia, e outras pelo entendimento, he precifo agora nefte lugar dizer alguma coufa fobre o modo, com que o entendimento fó per fi recolhe as relações, e connexões, moftrando ao mefmo tempo, como a fantafia unida com elle caufe utilidade. Quando os Poetas, efpecialmente os lyricos, entraõ a tratar de algum affumpto, coftumaõ confiderallo de dous modos: ou em fi mefmo, ou com as relações, que tem com elle infinitas coufas. No primeiro modo bufcaõ a belleza interior da materia, no fegundo a belleza exterior, e tanto de hum, como de outro fe valem para ornar as fuas compofições. Confifte efta belleza externa em defcobrir as connexões, e relações, que tem os objectos exteriores com o fujeito, que fe tomou por argumento. Deftas ou fe ferve o entendimento, que as defcobrio, ou tambem a fantafia, para formar fuas imagens, humas vezes intellectuaes, outras fantafticas, como moftraremos com exemplos. Seja o primeiro o do infigne Hefpanhol Lupercio Leonardo de Argenfola, efcrevendo huma Cançaõ em louvor de ElRey Filippe II. na occafiaõ das feftas da Canonizaçaõ de S. Diogo. Inflammada a fantafia defte Poeta com a grandeza

deza do aſſumpto, remonta-ſe, como em extaſi, a imaginar na ſantidáde daquelle Monarcha, e nos ſeus futuros milagres:

En eſtas ſacras ceremonias pias,
Donde tu gran piedad, Philipo Auguſto,
Con admirables rayos reſplandece
Verás como dexando el cetro juſto,
Deſpues de largos, y felices dias,
Al nuevo tronco, que à tu ſombras creſce;
Nueſtra Madre ſantiſſima te ofrece
Los miſmos cultos, y la miſma palma,
Que yà nos mueſtra como en cierta idea,
Que tal quiere, que ſea
La gloria entonces de tu cuerpo, y alma,
Y que al immenſo Templo, que edificas
Al gran Levita, que en ardiente llama
Examinò la de ſu amor divino,
Ha de venir gozoſo el peregrino
No ſolo convidado de ſu fama
Por contemplar las aras de oro ricas,
Sino por ver ſi à ſu dolencia aplicas
Saludable remedio deſde el Cielo
Como lo dàs à todos en el ſuelo.

Voa depois eſte ſuaviſſimo Poeta com a meſma fantaſia a eſpecificar as virtudes particulares daquelle Monarcha, como a juſtiça, a clemencia, o valor, a prudencia, a politica; e confuſa entre tantas virtudes a ſua imaginaçaõ, duvîda por qual dellas ſerá elle invocado dos homens. Naõ copiamos eſte lugar, por ſer muy extenſo, e o leitor o poderá ler

na

na *Poetica* de Luzan pag. 161. Ora nesta Canção certamente, que parecia serem objectos muy remotos, e muy alheyos do assumpto *o applicar remedio ás doenças, o ser invocado &c.*, e depois passar a discorrer com as imagens *de espada rigorosa, de trombetas, de exercitos, de ballas, de victorias, de tempestades, de sementeiras, e colheitas &c.* de que tudo usa na passagem, que naõ copiamos. Porém o engenho do Poeta soube descobrir as relações, e connexões, que todos estes objectos podiaõ ter com o seu principal assumpto, e achou meyo de as enlaçar, e unir.

Passemos desta Cançaõ a huma de Alexandre Guidi, que lemos na Collecçaõ da Poesia vulgar dos Arcades. Quer este Poeta provar, que he preciso á Arcadia ter leys para se dirigir bem, e entra a discorrer da idade de ouro. He certo, que muitos engenhos naõ poderáõ facilmente descobrir a connexaõ, ou ao menos aquella bella correspondencia, que elle achou entre estes dous objectos. Eisaqui como elle discorre:

Io non adombro il vero
Con lusinghieri accenti:
La bella età dell' oro unqua non venne.
Nacque da nostre menti
Entro il vago pensiero,
E nel nostro desio chiara divenne.

Costumaõ os outros Poetas contar entre as suas historias a da idade de ouro; porém es-

te

te inſperadamente começa a dizer, que nunca ſe vio no mundo eſta feliz idade, e que ſó os noſſos deſejos he que a fizeraõ famoſa. Dá depois engenhoſamente a razaõ diſto, dizendo, que em todo o tempo viveraõ homens máos, os quaes pelos ſeus vicios mereceraõ o caſtigo do Ceo; e accreſcenta:

Or, ſe del Fato infra i teſor felici
Il ſecol d'or ſi ſerba,
Certo sò ben, che non apparve ancora
Un lampo Sol della ſua prima Aurora.

Do que ſe ſegue, ſegundo a mente deſte engenhoſo Poeta, que em todo o tempo houve neceſſidade de refrear com as leys a perverſa inclinaçaõ dos homens. Eſta he a inſperada connexaõ, e o reſpeito, que diz o aſſumpto, que tomou, com a idade de ouro. Do meſmo modo Nero, e Romulo parecem, e ſaõ na verdade dous objectos bem remotos para provar a neceſſidade das leys, e por iſſo naõ dizem reſpeito algum com o ſujeito propoſto; com tudo lembrando-ſe o meſmo Poeta, que o primeiro depois de ter governado cinco annos, praticando excellentes virtudes em utilidade dos póvos, ſe fez hum dos Tyrannos mais crueis, de que ha memoria; e que o ſegundo, ainda que profeſſaſſe a vida de Paſtor, que he o meſmo, que dizer, que tinha coſtumes innocentes, e coraçaõ brando, com tudo arraſtado da ambiçaõ, chegou a matar a ſeu irmaõ; daqui toma aſſumpto o entendimen-

mento para provar quanto ſaõ preciſas as leys em todo o eſtado; para que naõ entendaõ v. g. os Paſtores da Arcadia, que pódem ſem leys viver com innocencia, e pureza.

Temos dito o que baſta para ſe vir no conhecimento do que ſaõ as imagens intellectuaes de relaçaõ, e provado iſto com os exemplos apontados; e ſe eſtes naõ baſtarem a alguns entendimentos, lea-ſe a Horacio, que he Meſtre taõ inſigne na Theorica, como na Pratica. Elle melhor, que outro algum Poeta, poderá enſinar eſte modo de deſcobrir as relações remotas de hum objecto, e a ſua connexaõ. Obſerve-ſe entre outras Odes a 13. do liv. 2. que principia: *Ille, ó nefaſto te poſuit die &c.* em que o ſeu aſſumpto he tratar de huma arvore, que cahio improviſamente perto delle, e com grave perigo da ſua vida. Nella uſa de objectos bem diverſos, e que pareciaõ muy remotos para haverem de convir a huma arvore; como ſaõ os parricidas, os traidores aos hoſpedes, os feiticeiros, os marinheiros Carthaginenſes, o Bosforo Thracio, os Soldados Romanos, os Parthos, os Reinos de Proſerpina, o Juiz Eaco, os Campos Elyſios, o Poeta Alceo, a Poetiza Sapho, Tantalo, Orion, Prometheo, &c. Porém o ſeu engenho ornou aſſumpto taõ eſteril, deſcobrindo razaõ de convir, e connexaõ entre eſtas couſas com o argumento propoſto.

Paſſemos agora a dizer alguma couſa ſobre as imagens engenhoſas de reflexaõ. Já aci-

acima diſſemos, que (ſegundo a noſſa opiniaõ) nenhuma outra couſa he o engenho humano, ſenaõ aquella virtude, e força activa, com que o entendimento deſcobre, e recolhe ou as *ſimilhanças*, ou as *relações*, ou as *razões internas das couſas*. Já diſcorremos, como ſoubemos, das primeiras virtudes do entendimento; entremos agora a tratar da terceira, iſto he, do recolher, e deſcobrir as razõens; donde (ſe nos naõ enganamos) ſe argumenta a penetraçaõ, e agudeza do engenho de cada hum. A eſte deſcobrimento das razões internas, e á conſideraçaõ, ou contemplaçaõ, que faz o entendimento ſobre as couſas, chamamos nós *reflexaõ*, vocabulo, que ignoraraõ os antigos, e percebem preſentemente os modernos, por ſer muy proprio, e accommodado a explicar eſtas contemplações do entendimento. Para ſe ſaber pois, que couſa ſejaõ eſtas reflexões, deve-ſe primeiramente dizer, que os Poetas nem ſempre ſabem, ou querem, ou pódem reveſtir as ſuas compoſições de imagens fantaſticas, de ſimilhanças, e de relações; e muitas vezes ſerá preciſo naõ uſar dellas. Por iſſo recorrem elles a outra fonte, que he a das reflexões, e obſervações. Fórma eſtas o noſſo entendimento, quando elle medindo, e penetrando com a ſua agudeza o interior, e natureza das acções, dos coſtumes, e em huma palavra de todas as couſas, deſcobrimos verdade nellas, a qual naõ deſcobririaõ facilmente outros engenhos,

ou

ou naõ a esperariaõ os ouvintes, e leitores.

Ora esta verdade por causa da consideraçaõ, e reflexaõ do entendimento, toma o mesmo nome, e chama-se *reflexaõ.* Similhantes imagens saõ taõ commũas aos Oradores, como aos Poetas; porém como naõ ha Author, que busque mais que o Poeta o que he maravilhoso, por isso a elle mais, que a qualquer outro, lhe he necessario, e util o uso dellas. Aclaremos esta doutrina com alguns exemplos, que mostrem o fino de huma engenhosa reflexaõ. Principiemos por Camões, que foy certamente nesta materia taõ admiravel na Poesia Bucolica, que lhe podemos dar o nome de Teocrito Portuguez. Na sua Ecloga 2. introduz ao Pastor Almeno queixoso do rigor da sua Nynfa, e diz assim:

O' Nynfa delicada!
Honra da natureza!
Como póde isto ser,
Que de taõ perigrino parecer,
Podesse proceder tanta crueza?
Naõ vem de nenhum geito
De causa divinal contrario effeito.
Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fóra he de natural minha tristeza.
Mas a mim, que me espanta?
Naõ basta (ó Nynfa bella)
Que pódes preverter a natureza?
Naõ he a gentileza

L *De*

De teu gesto celeste
Fóra do natural?
Naõ póde a natureza fazer tal.
Tu mesmo, ó bella Nynfa, te fizeste;
Porém porque tomaste
Taõ dura condiçaõ, se te formaste?

Veja-se, que admiraveis imagens reflexas se incluem nestes versos; sempre nelles está o Poeta a reflectir, e com observações taõ perigrinas, novas, e elevadas, que bastaria este exemplo para prova da nossa doutrina. Iguaes virtudes poeticas descobrimos no primeiro ramo da Cançaõ 1. dizendo:

Fermosa, e gentil Dama, quando vejo
A testa de ouro, e neve, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O collo de crystal, o branco peito;
De meu naõ quero mais, que o meu desejo,
Nem mais de vós, que ver o lindo gesto.
Alli me manifesto
Por vosso a Deos, e ao mundo; alli me inflãmo
Nas lagrimas, que choro;
E de mim, que vos amo,
Em ver, que soube amarvos, me namoro:
E fico por mim só perdido, de arte,
Que hey ciumes de mim por vossa parte.

Repare-se na reflexaõ conceituosa destes versos; onde diz o Author da *Arte de Conceitos*, ponderando esta imagem reflexiva, que merece Camões ser chamado o nosso Anacreon-
te;

te: e com justo fundamento; porque naõ ha cousa mais nobre, que reflectir este Poeta, dizendo, que tinha tal satisfaçaõ de saber amar, e desejar a sua Dama, que por esta fineza se namorava de si proprio; e que com tal extremo estava por si perdido, que este amor de si mesmo lhe causa ciumes pela parte della, que a contemplaçaõ unio a si; isto he, os que elle de si lhe causaria, se amara outra formosura, e aspirara a outra dita.

Passemos de Camões a Euripedes. Introduz este Poeta Tragico a Andromaca reflectindo sobre a morte de seu filho Astianates, mandada executar pelos Gregos. Naõ attribue ella a causa desta morte á crueldade dos vencedores, mas descobre outro motivo, para causar mais ternura, e maravilha aos ouvintes, e diz deste modo, fallando com seu filho: *O' amado filho, tu deixando-me aqui em pranto, morrerás ás mãos do cruel inimigo; porém o que mais me peza he considerar, que quem te mata he o valor de teu pay, que a tantos servio de escudo, e defensa.* Parece cousa estranha, e nova, que o valor de Heitor fosse o que désse a morte a seu filho Astianates; porém, se bem se considera, a causa porque foy morto este menino, foy justamente a que deu sua mãy; porque temendo os Gregos, que no filho resuscitasse o valor do pay, quizeraõ com sua morte livrarse deste receyo. Eisaqui como esta verdade se faz nova, e admiravel ao auditorio, que talvez entendia, ou atten-

dia ao contrario. Naõ menor novidade descobrimos igualmente em hum verso de Publio Mimo, o qual fazendo reflexaõ sobre os avarentos, deduz engenhosamente esta verdade:

Tam deest Avaro quod habet, quàm quod non habet.

Como os avarentos naõ usaõ do que possuem, antes o tem enterrado, pode-se dizer com verdade, que tanto lhes falta o que possuem, como o que ainda naõ tem. He quanto póde ser engenhosa esta reflexaõ, e poucos com o seu engenho chegariaõ a reflectir nesta verdade. Naõ he menos engenhoso outro pensamento reflexo do Conde de Villamediana, dizendo sobre os effeitos do amor profano, e da belleza:

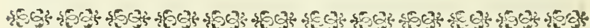
Amor no guarda ley: que la hermosura
Es licita violencia, y tyrania,
Que obliga con lo mismo, que maltrata.

De similhantes imagens de reflexaõ usaraõ com economia os melhores Poetas. Digo com economia; porque os prudentes sabem, que ellas mais convém ao Filosofo moral, que ao Poeta, e que saõ pedras preciosas para ornar com parcimonia, e naõ com prodigalidade o corpo das composições poeticas. Se o Poeta tomasse por assumpto a Filosofia dos costumes, naõ duvidamos, que entaõ poderia usar mais livremente destas imagens, importando isto muito á gravidade do sujeito. Assim o pra-

praticaraõ os Poetas mais infignes da Grecia, como fe vê do Poema de Hefiodo, intitulado *As obras*, e *Os dias*, das compofições de Theognides, Phocilides, Tirteo, Solon, Simonides, e outros muitos. O mefmo fez Maggi em Italia, e entre nós Francifco de Sá de Miranda, ambos copias de Seneca, tratando em verfo de materias moraes.

Naõ nos extendemos a mais exemplos; porque he coufa facil achallos entre os que poetizaõ com bom gofto, e com engenho penetrante, e agudo. Porém he precifo advertir, que nem todas as imagens do entendimento faõ fempre bellas, e bellas em tudo. Por efte motivo he neceffario faber em que defeitos coftumaõ cahir as ditas imagens, e como pódem ficar improprias, por naõ fe feguir os paffos da natureza, a qual devemos por meyo da Arte Poetica melhorar, e naõ offender. Duas (fegundo nos parece) pódem fer as caufas principaes, que injuriem a natureza, por ferem defeituofas as taes imagens. A primeira he, o naõ conterem eftas o que real, e internamente he verdadeiro; e ifto fuccede quando faõ fundadas em algum fofifma, ou principio falfo. A fegunda he, o naõ ferem verofimeis ás peffoas, que o Poeta introduz a fallar. A eftes dous defeitos das imagens podemos tambem accrefcentar terceiro, que he a affectaçaõ, a qual confifte em fazer as ditas imagens demafiadamente engenhofas, confideradas, e fubtîs; de que he caufa o mui-

o muito eſtudo de dizer couſas novas para oſtentar engenho com a novidade. Será pois juſto, que digamos alguma couſa ſobre eſtes tres defeitos, em cujo exame certamente ſeremos util ao leitor. Principiemos pelo primeiro.



CAPITULO XXII.

Das imagens verdadeiras, e das falſas; examinaõ-ſe os conceitos do Conde Manoel Theſauro.

NAõ ſerá a primeira vez, que temos dito, que o noſſo entendimento naturalmente buſca o que he verdadeiro, e que eſte, ou o veroſimil he o principal fundamento da belleza poetica. Por tanto, para que as imagens da reflexaõ contenhaõ ſempre eſta belleza, convém muito, que ſejaõ fundadas ſobre o que he verdadeiro. Porém como as imagens da fantaſia naõ deixaõ de ſer bellas, ainda que ſe conheça ſerem falſas, diſſemos tambem já, que até as meſmas imagens fantaſticas tem a obrigaçaõ de enſinarem ao noſſo entendimento alguma couſa, que ſeja verdadeira, ou veroſimil, reveſtida com o que he falſo. As imagens intellectuaes, e engenhoſas pelo contrario naõ ſó repreſentaõ o que he verdadeiro, ou veroſimil real, mas tambem o exprimem por meyo do que he verdadeiro; fazendo com

que

que as palavras sejaõ externamente hum puro, e vivo retrato daquellas verdades, e razões internas, que directamente argumentando descobrio, e concebeo o nosso entendimento. Veleio Paterculo no liv. 1. das suas Historias, fallando de Codro Rey dos Athenienses, o qual disfarçando-se de proposito para naõ ser conhecido, voluntariamente se deixou matar pela saude da Republica, escreveo desta maneira: *Codrum cum morte æterna gloria, Athenienses sequuta victoria est. Quis eum non miretur, qui illis artibus mortem quæsierit, quibus ab ignavis vita quæri solet?* Eisaqui por exemplo huma imagem intellectual de similhança, na qual se descobre o que interna, e realmente he verdadeiro, e este explicado com palavras verosimeis. Todas as vezes, que se fugir desta regra taõ confórme á razaõ, qualquer parto será monstruoso: seraõ sofismas as reflexões, e imagens intellectuaes, e engenhosas, quando naõ forem fundadas no que he verdadeiro. Na apparencia contém verdade estes argumentos sofisticos; porém internamente os descobre com facilidade por falsos o engenho, que he penetrante, e agudo. Saõ á maneira daquelles vidros, ou crystaes, que vulgarmente chamamos *pedras falsas*, as quaes apparentemente parecem diamantes, rubins, e esmeraldas, mas naõ tem a belleza interna destas pedras preciosas.

Por desgraça nossa, assim como naõ ha cousa taõ bella, que naõ desagrade a alguem, assim

assim igualmente naõ ha cousa taõ fea, que naõ tenha no mundo a alguem que a ame, e estime. Começaraõ estes falsos conceitos a reinar, ainda quando florecia o Imperio Romano, tendo seus apaixonados, huns com mais, outros com menos tenacidade. Marcial, Poeta de tanta graça, como agudeza, teve por verdadeira, mais que todos os seus antecessores, a esta moeda falsa. Houve innumeraveis, que o seguiraõ, principalmente ha perto de hum seculo, e foy dos principaes o Conde Manoel Thesouro, que naõ só seguio a Marcial, mas até escreveo o seu decantado *Cannocchiale Aristotelico*, para que todos adoecessem como elle deste achaque literario.

Ainda que já temos dito, que a falsidade destes conceitos logo se descobre, tanto que se medem pelas regras da Logica, e da razaõ, com tudo he justo, que agora, por fallarmos deste Author, descubramos de todo a chaga, e mostremos aos apaixonados de tal estylo quanto he falso, e debil o fundamento, com que formaõ as suas agudezas. Fundaõ-se estes em imagens fantasticas, e tomaõ por verdadeiro intellectual, e real ao que sómente he verdadeiro, ou verosimil á fantasia, misturando, e confundindo os partos de huma, e de outra potencia. Daqui nascem mil antitesis, mil agudezas, e conceitos falsos, que, segundo Thesauro, causaõ singular maravilha, e deleite a quem os ouve; quando (segundo os de bom gosto) só causaõ motivo de riso.

Ex-

Expliquemos melhor isto com hum exemplo, e vejamos como este infeliz Mestre de conceitos conceitúa sobre esta proposiçaõ: *Magdalena Christum amat, ejusque pedes lacrymis rigat.* Começa elle a observar, que o amor se chama *fogo*, e as lagrimas *agua*, e diz assim: *Quid hoc prodigii? Acqua, & flamma discordes olim rivales, socordes modò contubernales in Magdalenæ oculis convivunt? Apage te flebilis amatrix Magdalena, pedes istos nè vel aduras, vel mergas. Fallor, jam merserat, ni flammis undas exsiccasset; adusserat, nisi unda temperasset incendium. Fontem anhelas, viator? Ad Magdalenæ oculos diverte: frigidam propinant. Pastor, ignem quæris? Ad eosdem oculos diverte: ferulam inflammabis. Unis in oculis fontem habes, & facem; ac ne desit utilitati miraculum, ex aquá ignem elicies, aquam ex igne. Audieram Ætnæo in monte impunita cum nivibus incendia colludere. Fidem astruit fabuloso monti Magdalenæ oculus. Hæc defuit portentis appendix, ut rivuli flammis, flamma rivulis aleretur &c.* Bastaõ estas poucas regras para exemplo, e recreaçaõ do leitor; que se naõ seguir os mesmos passos, certamente naõ poderá soffrer o riso, lendo conceitos taõ puerîs, e imagens taõ loucas. Toda esta machina se funda em duas imagens da fantasia, isto he, sobre duas metaforas. Em muitas cousas he similhante ao fogo a paixaõ amorosa, pois ás vezes consome aos amantes, porque os enche de espiritos inquietos, e porque lhes parece, que internamente trazem hum fogo,

que

que os abraza : efte he o fundamento, que tem a fantafia, para dizer, que *o Amor he hum fogo*. Sabendo nós igualmente, que entre os olhos de quem chora, e huma fonte de agua, ha grande fimilhança, diz tambem a fantafia, que *os olhos faõ fontes de lagrimas, e de agua*. Eftas duas imagens faõ verdadeiras, ou verofimeis á fantafia, e bafta efte fundamento para ferem bellas; porém naõ faõ verdadeiras, nem verofimeis ao entendimento, quando elle attende para o fentido directo.

A' vifta defta doutrina tantas vezes ponderada, bem fe póde contentar a razaõ de que a fantafia chame *fogo* ao *Amor*, e aos *olhos* huma fonte: porém naõ já, que fe tomem eftas imagens como directamente verdadeiras, fegundo o entendimento, e que fobre ellas fe fórme hum fillogifmo, que he coufa, em que a fantafia naõ póde ter parte, mas fim o entendimento: Porém aquelles, que andaõ bufcando conceitos, ordinariamente cahem nefte erro, pondo as imagens da fantafia como fundamento das do entendimento. Efte mefmo difcurfo de Thefauro nos dará a prova. Diz elle:

O Amor he hum fogo, e os olhos chorofos faõ duas fontes. He proprio do fogo o abrazar, e das fontes o lançar agua. Logo a Magdalena, que nos olhos tem o amor, e o pranto, lavando os pés a Chrifto, poderá abrazallos, e fubmergillos: *Pedes iftos nè vel aduras, vel mergas*. Todo o maravilhofo defta imagem, ou de huma tal confequencia, eftá fun-

fundado ſobre a propoſiçaõ, que concebeo a fantaſia, e ſobre huma imagem, que ſómente a eſta potencia he verdadeira. Naõ póde o entendimento valerſe della paia fundamento de algum ſeu raciocinio; pois he cauſa evidente, que ſe val de hum fundamento falſiſſimo, e que diſto naſce hum ſophiſma, que facilmente ſe deſata deſte modo. O amor he hum fogo: *diſtingo*, natural, he falſo, imaginado da fantaſia, he verdadeiro. He proprio do fogo o queimar: *diſtingo*, do fogo natural, he verdade: do fogo imaginado ſómente pela fantaſia, he falſo. Logo o amor da Magdalena choroſa poderá abrazar os pés de Chriſto: he falſiſſima eſta conſequencia; porque o amor da Magdalena he fogo ſó imaginado da fantaſia, e naõ natural. Concedamos a Theſauro, que a ſua fantaſia imaginaſſe ao amor como fogo, e o chamaſſe tal; mas como póde elle ſuppor argumentando, que he propoſiçaõ verdadeira, ſegundo o entendimento, a que ſó he verdadeira, ou veroſimil á fantaſia? Porém ainda creſce mais o imprudente atrevimento de alguns, que muitas vezes uſaõ de propoſições, que nem ainda á fantaſia ſaõ verdadeiras, ou veroſimeis; e iſto para o fim de ſerem premiſſas de alguma maravilhoſa conſequencia. Taes ſaõ os que ſe empenhaõ em amplificar com demaſia as imagens fantaſticas, e formar metaforas ſobre metaforas. Parece veroſimilmente á fantaſia, que as lagrimas ſejaõ agua: mas ſe ſe amplifica eſta translaçaõ, e ſe faz

eſte

este argumento: *As lagrimas saõ agua, a neve tambem he agua, logo as lagrimas saõ neve*, fica a proposiçaõ, que antes era verdadeira, ou verosimil á fantasia, sendo inverosimil ainda á mesma fantasia; porque já a esta potencia naõ he verosimil, *que as lagrimas sejaõ neve.*

Isto assim estabelecido, seria cousa maravilhosa, e estranha dizerse, que a neve conversava familiarmente com o fogo; porque esta proposiçaõ naõ sómente he falsa, segundo o entendimento, mas tambem segundo a fantasia, á qual naõ póde parecer cousa verdadeira, ou verosimil, que as lagrimas sejaõ neve, pois naõ se descobre alguma boa similhança, entre estes dous objectos. Naõ discorria com esta filosofia taõ natural o bom Thesauro, porque disse: *Audieram Etnæo in monte impunita cum nivibus incendia colludere: fidem astruit fabuloso monti Magdalenæ oculus.* Naõ contente este Author de ter feito duas fontes dos olhos da Magdalena, passa a dizer, que saõ banhos, e entra a convidar os doentes para recuperar a saude: *Vos ergo, debiles, morbidique ad ista vaporaria Leucadio fonte salubriora balneator Amor accersit.* Eu persuado-me, que naõ se póde ouvir conceito mais desordenado que este, em que faz ao Amor enfermeiro de banhos; porém contende sobre a primazia esta imagem com aquella, em que convida ao Pastor, que vá accender luz nos olhos da Magdalena: *Pastor, ignem quæris? Ad eosdem oculos diverte; ferulam inflammabis.* Esta ima-

imagem ſó podia ter lugar (como já diſſemos) na boca de quem imaginaſſe, que eſtava louco por cauſa de alguma paixaõ : e deſte modo he que podemos admittir como engenhoſo o Epigramma de Porcio Licinio, reputando-o como delirio de hum entendimento namorado. Veja-ſe (ſegundo já apontamos) a Aulo Gellio nas ſuas *Noites Atticas* liv. 19.c.9.

Seria muy prolixo, ſe quizera fazer mençaõ de todos os conceitos puerîs, e eſtranhos, de que eſtaõ quaſi cheyas as obras deſte infeliz Meſtre, e Expoſitor dos preceitos Ariſtotelicos, a quem tantos ſeguiraõ, e ſeguem, ou por pertinacia, ou por ignorancia. Naõ quero contar neſte numero ao Conde de Villamediana; mas ſó direy, que tambem muitas vezes adoeceo deſte achaque. Louva elle a huma Dama, que ſe eſtava penteando poſta ao Sol, e diz, que ella com hum dourado baixel de candido metal ſurcava bellos golfos; que a ſua maõ envergonhava a prata, e os ſeus cabellos os rayos do Sol:

Al Sol Niſe ſurcava golfos bellos,
Con dorado baxel de metal cano:
Afrenta de la prata era ſu mano,
Y afrenta de los rayos ſus cabellos.

Acaba eſte Soneto, dizendo, que aquelles cabellos eraõ cadeas, e redes, que prendiaõ a quem queria fugir; e que tambem eraõ tremulas ondas de tempeſtuoſo ouro, e Ceos navegados:

En

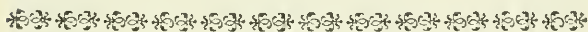
En red, que prende mas al que ſe eſcapa,
Cadenas ſon, y de oro proceloſo
Tremulas ondas, navegados Cielos.

Acabemos eſte Capitulo com hum Epigramma de Hugo Grocio, homem aliás de hum ſublime engenho, feito em louvor da famoſa Joanna d' Arc, chamada vulgarmente a *Pucelle d' Orleans*, a qual foy condenada pelos Inglezes a morrer queimada:

Gallica non unquam perituræ laudis Amazon,
Virgo intacta viris, ſed metuenda viris.
Cujus non oculis ſedet Venus, atque Cupido,
Sed Mars, atque horror, ſanguineæque vices.
Hæc eſt, cui Salicæ leges, cui Patria ſeſe
Debet, & in veras reddita ſceptra manus.
Nec fas eſt de morte queri; namque ignea tota,
Aut nunquam, aut ſolo debuit igne mori.

A razaõ, que deſcobrio eſte Poeta, pela qual naõ pareceſſe cruel a morte, a que foy deſtinada eſta valeroſa Donzella, he eſta. Ella era toda fogo; logo ou nunca devia morrer, ou a morrer, devia ſer ſómente no fogo. Na verdade era huma couſa maravilhoſa deſcobrir hum fundamento, que parecia impoſſivel acharſe, pelo qual ſe provaſſe, que naõ fora barbara, mas natural a morte deſta Donzella, quando nós a temos por muito barbara, e deſmerecida. Porém o entendimento facilmente conhece ſer falſa, e ſofiſtica a razaõ, e fundamento com que Groſſio conceituou, e deu fim

fim ao Epigramma; pois o ser *toda fogo*, nenhuma outra cousa quer dizer, senaõ que aquella Donzella tinha hum animo cheyo de espiritos valerosos. Ora que tem isto, para daqui se deduzir a reflexaõ de dizer, que naõ deve parecer tyrannia a morte desta mulher? Ou ella morresse no fogo, ou em agua, ou em hum patibulo, he certo, que sempre o entendimento havia fundamentalmente abominar esta morte, e julgalla por cruel. A' vista disto, onde está aquella maravilha, que o Poeta queria causar, descobrindo huma razaõ taõ occulta? Onde está aquelle deleite, que tem o entendimento bem regulado em saber huma cousa, que ignorava, e aquella verdade, que tanto lhe agrada, se nenhuma cousa de novo póde apprehender com a reflexaõ deste Poeta?



CAPITULO XXIII.

Do verosimil, e inverosimil das imagens; duas especies de verosimil.

JA' temos dito, que a principal base, em que se funda a belleza das imagens intellectuaes, he ou a verdade, ou a verosimilhança interna; porém naõ basta só isto, para que as reflexões, e conceitos sejaõ completamente bellos. He tambem necessario, que estes contenhaõ

tenhaõ outra eſpecie de veroſimil, a que chamaremos *relativo*, porque diz relaçaõ a quem falla. Eſte pode-ſe conſiderar de dous modos; ou como veroſimil, que convém á qualidade, condiçaõ, e gráo da peſſoa, que falla, ou como veroſimil, que convém ao affecto, e paixões, que ha, ou ſe ſuppoem em quem falla. Pelo que reſpeita aos conceitos veroſimeis á condiçaõ de quem falla, quem naõ ſabe, que as reflexões, e imagens, que viráõ ao entendimento de hum Paſtor ſempre creado nos boſques, e apartado das Cidades, haõ de ſer differentes das que conceberá, ou poderá conceber hum Cidadaõ, hum Guerreiro, hum Heroe, e hum Principe? Saõ neſte particular bem ſolidos os verſos de Horacio, enſinando-nos que diverſamente ha de fallar o ſervo do ſenhor, e o moço, do velho. Pelo que pertence ao veroſimil, que convém ás paixões da peſſoa, que falla, todos igualmente ſabem, que as imagens, que ſaõ proprias a quem falla ſem paixaõ alguma, ficaráõ improprias a quem diſcorre movido de algum affecto violento. Humas devem ſer as imagens para aquelle, que ſe introduz a fallar com penſamentos meditados, e outras as que convém áquelle, que ſe finge diſcorrer de repente, e com diſcurſo continuado, como ſuccede na converſaçaõ civil. Largamente trataremos deſta materia, quando fallarmos da Tragedia, e da Epopea; por ora contentamo-nos com apontar alguns exemplos, para

ra

ra que facilmente ſe comprehenda eſta doutrina.

Para mayor clareza he preciſo ſaber, que em tres modos ſe coſtuma repreſentar a Poeſia. O primeiro he quando o Poeta moſtra, que naõ falla, mas introduz peſſoas, que fallem ſempre, como ſe pratîca na Tragedia, na Comedia, e em algumas Eclogas, onde ſómente os interlocutores he que fallaõ, ſem que o Poeta falle, e ſe deſcubra. O ſegundo modo he quando ſó o Poeta he o que falla, ſem introduzir outras peſſoas a fallar, como ſuccede nas Satyras, nos Dithirambos, e nas mais Compoſições lyricas, em que elle ſómente he o que diſcorre. O terceiro he o que participa dos dous modos antecedentes; e he quando o Poeta, ou falla como hiſtorico, ou finge, que fallaõ outras peſſoas, como ordinariamente ſe pratîca nos Poemas Heroicos, e algumas vezes nas Eclogas, e em outros Poemas lyricos. Quando falla o Poeta meſmo, ſem introduzir peſſoa alguma, he certo, que os ſeus conceitos, ainda que muito eſtudados, e engenhoſos, facilmente nelle ſeráõ veroſimeis, com tanto que eſtas imagens, que elle formar, ſejaõ internamente verdadeiras; e naõ tenhaõ eſcuridade, deſordem, e outros defeitos, que coſtumaõ affear a belleza poetica. Quando porém o Poeta introduz peſſoas, que fallaõ, como v. g. nas Comedias, muitas vezes nos Poemas Epicos, e algumas vezes nos lyricos, entaõ os

 ſeus

ſeus conceitos poſtos na boca daquellas peſſoas facilmente poderáõ ſer inveroſimeis, ſenaõ refrear a fantaſia, e os impetos do engenho, e ſe com prudencia ſe naõ reveſtir do caracter daquellas peſſoas, conſiderando a natureza, as circunſtancias, e as paixões dellas.

Dizemos conſiderando a natureza; porque ella he em toda a occaſiaõ a que julga o que he veroſimil; mas com iſto naõ queremos dizer, que baſta ao Poeta imitar a natureza imperfeita, e fallar como ordinariamente fallaõ os homens: dizemos, que elle deve aperfeiçoalla, e fallar como melhor deveriaõ, ou poderiaõ as gentes. De duas maneiras ſe faz iſto: a primeira he fingir o Poeta, que as peſſoas introduzidas a fallar em verſo ſaõ as mais perfeitas, que naturalmente no ſeu genero poſſaõ darſe; e entaõ conceber, e eſcolher os penſamentos mais bellos, e nobres, que veroſimilmente poderiaõ vir ao entendimento daquellas peſſoas. A ſegunda maneira he, reveſtindo com cores poeticas, e ornando com bellas fraſes todos aquelles conceitos, que elle imaginou ſerem proprios daquellas peſſoas. Se ſe introduz hum Paſtor, hum Soldado, hum Principe, hum valeroſo, hum fraco &c. a cada hum deſtes deve o Poeta ſuppor, que he excellente, e perfeito no ſeu genero, e que tem hum optimo engenho para poder exprimir a ſua paixaõ proporcionalmente, ſegundo o ſeu genio. Iſto preſuppoſto, deverá depois attender para a natureza

de

de quem falla, e ás ſuas paixões, conſiderando bem, ſe naquella peſſoa ſuppoſta perfeita no ſeu genero ſeraõ veroſimeis as imagens engenhoſas, ſe lhe convém os delirios da fantaſia, e ſe o que falla he demaſiadamente eſtudado, conſiderado, e engenhoſo.

Os delirios, que Lucano poz na boca de Ceſar no liv. 5. da *Farſalia*, certamente naõ ſaõ falſos, antes eſta imagem eſtá pintada com viviſſimas cores. Introduz eſte Poeta a Ceſar entrando de noite em huma barca com animo de paſſar o mar; e porque o pobre barqueiro Amyclas temia a tempeſtade, que já principiava a ſentirſe, finge Lucano, que eſte Capitaõ lhe falla aſſim;

...... *Italiam ſi Cœlo auctore recuſas;*
Me pete. Sola tibi cauſa hæc eſt juſta timoris,
Vectorem non noſſe tuum; quem Numina nunquam
Deſtituunt, de quo malè tunc Fortuna meretur,
Quum poſt vota venit. Medias perrumpe procellas.
Tutelâ ſecure meâ. Cœli iſte, fretique,
Non puppis noſtræ, labor eſt. Hanc Cæſare preſſam
A' fluctu defendet onus, nec longa furori
Ventorum ſævo dabitur mora: proderit undis
Iſta ratis &c.....Quid tantâ ſtrage paratur,
Ignoras? Quærit pelagi, Cælique tumultu
Quid præſtet fortuna mihi &c.

A alguem pareceráõ maravilhoſos eſtes penſamentos, e com effeito ſaõ quanto pódem ſer engenhoſos; porém a mim parece-me, que naõ ſaõ muito veroſimeis na boca

 de

de Cesar. Tenho para mim, que aqui ha hum naõ sey que de Roldaõ, e de Ferrabraz; porque naõ me sey persuadir, que Cesar, homem ainda que muito afortunado, todavia prudente, houvesse de fallar deste modo com conceitos taõ hyperbolicos, e estudados. Naõ me parece provavel, que elle dissesse: *Anda homem, se o Ceo o prohibe, eu to mando. Tu justamente temes, porque naõ conheces quem te manda. Sabe que os Deoses nunca me desampararaõ, e que me dou por offendido da fortuna, quando ella para me favorecer, espera, que eu primeiro mostre, que desejo os seus favores. Esta agitaçaõ naõ he de nossa barca, he dos ares, e do mar. Contra estes, e naõ contra ella, he que os ventos combatem. O pezo de Cesar a defenderá das ondas, ou esta mesma barca livrará as ondas da tyrannia dos ventos &c. Queres tu saber, porque se levantou taõ grande tormenta? Quer a fortuna com hum tal tumulto dos ares, e do mar acreditarse mais comigo, fazendo-me beneficios, quando me podia causar damnos.* Certamente (segundo a nossa opiniaõ) a mayor parte destes conceitos saõ pouco verosimeis em Cesar, o qual naquella occasiaõ, conforme dizem os Historicos, naturalmente, e tambem com muito engenho disse: *Anda, bom homem; segue animosamente a tua viagem, e naõ temas, porque levas comtigo a Cesar, e a fortuna de Cesar.* Se Lucano quando compunha estes versos perguntasse de quando em quando a si mesmo, se era verosimil, que este prudente Heroe podesse, ou devesse

fallar

fallar naquella occaſiaõ com tanto eſtudo, e temeridade, certamente deixaria eſte Poeta de conceber conceitos taõ declamatorios, e buſcallos-hia mais naturaes, como ſempre obſervou Virgilio, admiravel na contemplaçaõ da natureza. A reſpeito deſte ſublime Poeta naõ ſey, que bom fundamento teve o Padre Bouhours para lhe reprovar aquelle lugar, em que introduz a Mezencio fallando com o ſeu cavallo, antes de morrer. Eu pelo contrario tenho eſte diſcurſo por muito veroſimil em tal occaſiaõ. Era aquelle bruto muy amado de Mezencio, ou para melhor dizer, era couſa que mais amava depois da morte de ſeu filho. Manda pois que lho tragaõ á ſua preſença, e cheyo de raiva, de dor, e de deſeſperaçaõ lhe falla, como ſe o cavallo o podeſſe entender:

. . . . Equum duci jubet. Hoc decus illi,
Hoc ſolamen erat: bellis hoc victor abibat
Omnibus. Alloquitur mœrentem, & talibus inſit:
Rhæbe diu (res ſiqua diu mortalibus ulla eſt)
Viximus &c.

Todos os dias vemos gentes fallarem aos ſeus caens, cavallos, e outros animaes, como ſe tiveſſem entendimento para perceberem: quanto mais naturalmente o podia fazer Mezencio movido da paixaõ, e com hum cavallo, que elle tanto amava? Na força das paixões violentas até ſe falla com couſas, que nem tem alma ſenſitiva. Quem v. g. deſgraçadamen-

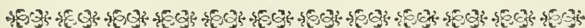
damente tivesse morto com huma espada a hum seu amigo, era natural, que deitasse fóra a espada, e fallasse com ella, dizendo: *Vay-te embora, cruel espada, pois foste causa do mais horroroso attentado, que já mais se commetteo &c.* Poderia desafogar com ella a sua ira, e dor, como se aquelle ferro inanimado tivesse culpa, e entendesse o que se lhe dizia. Por isso huma das mais bellas imagens, que tem o mesmo Virgilio sempre foy aquella, em que Dido rompe ternissimamente na Apostrophe:

Dulces exuviæ, dum fata, Deusque sinebant &c.

Por tanto se consultarmos a natureza, veremos, que totalmente he verosimil a falla de Mezencio ao seu cavallo, e a de Rugerio ao seu Frontino, como se lê em Ariosto no Canto 45. do seu *Orlando furioso*; e sómente se lhe podia censurar o fazer ao seu Heroe taõ erudito nesta parte.

Mayor liberdade do que estes Poetas tomou Homero, porque naõ se contentando de introduzir a Achilles fallando com os seus cavallos, faz tambem com que estes no liv. 19. da *Iliada* fallem, e lhe respondaõ. Porém nem ainda nesta parte póde entrar a Critica justa, porque o Poeta vence a difficuldade, dizendo, que Juno lhes dera voz; e deste modo, como elle cria, que os Deoses podiaõ tudo, fica o que era incrivel sendo crivel, e verosimil, principalmente ornado com as cores poeticas.

ticas. Baſte por agora de diſcorrer mais neſta materia, que em ſeu lugar expenderemos melhor, e paſſemos a dizer algumas couſas ſobre a affectaçaõ, como promettemos.



CAPITULO XXIV.

Da affectaçaõ dos conceitos muy refinados, e eſquadrinhados: vicio da eſcuridade.

ENtre as imagens, que chamamos inveroſimeis, alguma haverá, que naõ mereça ſer uſada dos Poetas, ainda quando fallaõ ſem introduzir peſſoa alguma a diſcorrer. O fundamento porque ſe naõ devem admittir taes imagens, he por ſerem muy refinadas, e eſquadrinhadas. Eſte he o terceiro defeito principal, que já obſervámos nas reflexões, ou imagens *intellectuaes*, e tambem algumas vezes ſuccederá o meſmo nas *fantaſticas*. Chamamos conceito refinado, e rebuſcado áquelle, que cuſtou grande eſtudo ao engenho, ou á fantaſia para ſe deſcobrir, moſtrando eſtas duas potencias huma como ambiçaõ de achar razões extraordinarias, e remotas da commũa idea dos homens.

Muitos entendem ſer indicio de hum entendimento vaſto, e penetrante, ou ao menos de hum feliz engenho, o deſcobrir as mais bellas verdades internas, e as menos conhecidas razões das couſas. He certo, que naõ ſe

ſe enganaõ em crer eſta doutrina; porque deſte modo ſe conſegue o deleitar com a novidade os animos dos leitores; porém igualmente he certo, que muitos Poetas abuſaõ deſte conſelho, e enganados com a apparencia do que he bom, cahem, por fugir do trivial, no extremo contrario, que he fazerem, com que os ſeus conceitos fiquem muito engenhoſos, e ſubtîs, tudo procedido de affectarem novidade no diſcurſo. Eſcrupulizaõ de dizer hum ſentimento, e razaõ, que poſſa vir á imaginaçaõ de outros Poetas, e como ſe naõ foſſe bello, ſenaõ aquillo, que eſtá remoto da cõmũa idea, que os homens fazem das couſas, formaõ com ſubtileza de engenho razões, e imagens taõ eſtranhas, como deſconhecidas dos verdadeiros Poetas. Como eſtes penſamentos dos engenhos deſenfreados naõ contém ſeriedade, por ſerem demaſiadamente ſubtîs, e metafiſicos, por iſſo a natureza, digamos, padece, e ſe offende muito com elles, vendo, que os homens, deſprezando as verdades internas, que ella ſubminiſtra, ſó abraçaõ as razões inveroſimeis, ſofiſticas, e falſas. Eisaqui em que conſiſte a *affectaçaõ*; em ornar com hum eſtudo forçado as couſas mais do que he licito, e formar conceitos fora dos limites do veroſimil. Paſſemos para mayor clareza a dar alguns exemplos deſtas taes imagens. Lembraõ-nos huns verſos, naõ ſabemos de que Author Heſpanhol, que confirmaõ bem a razaõ da noſſa Critica:

Ven-

Ven muerte tan escondida,
Que no te sienta venir;
Porque el placer de el morir
No me torne a dar la vida.

Eisaqui como este Poeta para rogar á morte, que lhe tirasse a vida, usou da subtileza de hum pensamento taõ refinado, e inverosimil; pois todos sabem, que o gosto, que hum infeliz experimenta em morrer, naõ lhe póde conservar a vida, e muito menos resuscitallo. Ouçamos a Quevedo, grande Mestre destes conceitos, louvando as virtudes do seu Monarcha, e tratando da grandeza do seu Imperio:

Aquella frente augusta, que corona
Quanto el mar cerca, quanto el Sol abriga;
Pues lo que no gobierna, lo castiga
Dios, con nò sugetarlo a su persona.

Alguns defenderáõ esta imagem como boa, outros soffrella-haõ; mas tambem naõ ha de faltar quem a julgue muito affectada, suppondo o Poeta, que Deos castiga aquelles póvos, que naõ saõ vassallos de tal Principe, com os naõ fazer seus subditos. Passamos por esta affectaçaõ, mas naõ podemos fazer o mesmo a outra do mesmo Author. Louva elle a hum Principe montado a cavallo; e depois de ter engenhosamente dito, que aquelle generoso bruto em lugar de obedecer ao vento, que jactava de ter por pay, o desafia na carreira:

Al

Al viento, que por padre blasonaba,
En vez de obedecerle, desafia.

Continúa a dizer, que o bruto mostrava, que estava ferrado com azougue, ou tambem com os Talares de Mercurio, e que ameaçava a terra, mostrando querella ferir, ou pisalla com os pés, mas que com effeito a naõ feria; porque vendo-se carregado da magestade daquelle Principe, persuadio-se ser a terra indigna de que elle a pisasse:

Herrado de Mercurios se mostraba,
Si amenazaba el suelo, no le heria;
Porque de tanta magestad cargado
Aun indigno le vio de ser pizado.

Na mayor parte das obras do nosso suavissimo Antonio da Fonseca Soares sempre lemos algum conceito destes; o que naõ faz maravilha neste Poeta, nem em outros muitos do seculo passado; porque viveraõ no tempo, em que Portugal se vio infestado do pessimo gosto da Poesia, vindo de Hespanha, e protegido por Gongora, Villamediana, Lope da Vega, Quevedo, e outros muitos exceptuando com alguns mais a Garcilasso de la Vega, que foy Poeta de hum optimo gosto, sobre hum juizo exquisito. Alguns exemplos poderamos allegar do nosso Soares; porém bastará por todos aquelle celebrado conceito, com que dá fim a hum Soneto, em que louva a hum Cavalhei-

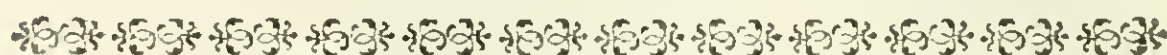
valheiro por matar de huma cutilada a hum touro:

Em fim cahio o bruto, e parecia,
Que o ſom do golpe, que nos valles dura,
Em todo o ar exequias lhe fazia:
Pois foy tal deſſe braço a força dura,
Que inda a terra parece, que lhe abria
Nos ſobejos do golpe a ſepultura.

Na aceitaçaõ do bom diſcurſo perde eſte penſamento todo o aſſenſo, por ſer couſa muy affectada, e fóra da poſſibilidade, e veroſimilhança engenhoſa dizer, que o ſom da cutilada atroaſſe os valles, e duraſſe nelles, para no ar fazer exequias ao touro; e que a força do braço lhe abriſſe na terra ſepultura com os ſobejos do golpe. Verdade he que com o *parece* diraõ alguns, que quiz vencer o inveroſimil; mas o certo he, que ſe a venceo com eſta limitaçaõ, ſempre eſte conceito pecca em ſer muy refinado, e eſquadrinhado entre as idéas, que naõ ſaõ commũas nos homens, mas ſingulares.

Eſtas imagens engenhoſas taõ refinadas lá de algum tal, ou qual modo ſe poderaõ ſoffrer no Poeta, quando elle immediatamente he o que falla, ſem introduzir peſſoa alguma a fallar; porém ſaõ totalmente inſoffriveis no theatro, porque entaõ, mais que nunca, ſaõ preciſos os conceitos naturaes; por fallar o Poeta por meyo de peſſoas, que introduz a diſcorrer. Quando tratarmos da Comedia, entaõ

taõ he que com exemplos confirmaremos esta doutrina; e passemos a dar alguma instrucçaõ sobre o estylo poetico, e em que mais vicios póde cahir fóra da affectaçaõ.



CAPITULO XXV.

Divisaõ do estylo em maduro, e florido; sua origem, e sequazes.

AInda que a mayor parte da nossa doutrina até aqui se tenha empregado em mostrar o modo, com que fallaõ os Poetas, quaes sejaõ os seus conceitos, e em que se distinguem dos Oradores; com tudo segundo a necessidade de alguns, ainda naõ teremos satisfeito ao nosso assumpto, quanto deveriamos. He pois necessario discorrer expressamente do estylo poetico, já que nelle consiste grande parte do artificio, com que os Poetas causaõ maravilha, e deleite. Divide-se o estylo poetico em *maduro*, e em *florido*: este pertence á Primavera, aquelle ao Outono. Propende o florido para aquillo que he fogoso, pueril, e picante; e o maduro para o que he temperado, adulto, e natural. O primeiro pinta as acções, os costumes, e as cousas com agudeza de pensamentos, com viveza de reflexões, e sentenças; e restringindo os conceitos em poucas palavras, fere á primei-

ra

ra viſta com a pompa da ſua luz o entendimento alheyo, deſcobrindo muy claramente a Arte. O ſegundo eſtylo naõ tem tanto reſplendor na ſua ſuperficie; porém tem mais ſubſtancia, e ſeriedade; uſa de palavras mais accommodadas ao ſujeito; e naõ deſcobre o ſeu eſtudo, e arte, ainda que nella ſeja mais, ou menos inſigne, que o florido.

Eſtes dous eſtylos, ſe bem que ſaõ diverſos, quaſi em todas idades tiveraõ parciaes, ou para melhor dizer obſtinados adoradores. Quem goſta da quinta eſſencia de Tacito, e dos penſamentos fogoſos de Plinio o moço, deſeja em Livio, e em Cicero menos quantidade de palavras, e mayor novidade, e agudeza nos ſeus conceitos. Pelo contrario os que ſaõ devotos de Tullio, parece-lhes, que Plinio, e Tacito em lugar de melhorar a natureza com verdadeiros ornatos, a enfeitaraõ de modo, que as ſuas compoſições mais parecem donzellas levianas, que ſérias matronas. Chegou a tanto eſta parcialidade, que nos lembraremos do que fazia André Navagero, celebre Poeta Italiano do ſeculo decimoſexto. Convocava todos os annos aos ſeus amigos no dia em que celebrava o ſeu naſcimento, e depois de os banquetear, accendia huma fogueira, e queimava nella todos os exemplares de Marcial, que tinha comprado naquelle anno, dizendo quando os queimava, que naquella acçaõ fazia *hum ſacrificio ás Muſas*. A cauſa diſto era o immoderado, e cego

go affecto, que tinha a Catullo, naõ soffrendo, que houvesse quem o pospozesse a Marcial, que está cheyo de conceitos muy refinados.

Da mesma opiniaõ de Navagero foy Mureto, homem de subtilissimo engenho. Estava este taõ namorado daquella aurea pureza, e simplicidade de Catullo, que na sua Prefacçaõ ás obras deste Poeta chegou a chamar ridiculo a Marcial, e a affirmar, que se houvesse de naõ seguir a Virgilio, antes seguiria a Ennio, e a Furio, que a Lucano, ainda que mais erudito, porém muito mais inchado, e menos natural, que estes antigos Poetas.

He de saber, que a Poesia, e a Eloquencia nos seus principios usavaõ de huma grande simplicidade de pensamentos, e pouco se affastavaõ da commũa, e natural linguagem dos homens. Aquelles mesmos conceitos, que ordinariamente costumaõ nascer no juizo do povo, esses mesmos formavaõ tanto a prosa, como o verso, com huma rustica, mas deleitavel naturalidade. Cresceo depois pouco a pouco o estudo, e começaraõ os entendimentos mais nobres a conhecer, que a Poesia naõ causava muita novidade contentando-se sómente de cousas triviaes. Entraraõ pois a cantar aquellas acções, e a usar daquelles conceitos, que a natureza perfeita costuma conceber, ou deveria, e poderia conceber, obrando perfeitamente. Este era todo o seu estudo;

expu-

expunhaõ eſtas bellezas da natureza, mas ainda com eſtylo natural; porém ſempre accommodando-ſe aos aſſumptos; iſto he, apparecendo ſublimes nas couſas grandes, e agradaveis nas humildes. Naõ ſe contentaraõ com eſta boa pratica alguns ambicioſos engenhos; porque buſcando a novidade mais do que deveraõ, e vendo, que o povo, ainda que ignorante, goſtava muito de ditos engenhoſos, e de reflexões agudas, introduziraõ nas ſuas obras hum eſtylo muy conceituoſo, com que ſe fizeraõ celebrados.

Até o tempo de Tiberio eſteve em grande reputaçaõ o eſtylo maduro; porque eſtava a Republica Romana bem provîda de engenhos ſérios, e ſeveros: porém depois que faltaraõ Cicero, Livio, Catullo, Horacio, e Virgilio, reliquias da mageſtade Latina, ſim entraraõ a florecer engenhos excellentes, mas naõ taõ ſeveros, como os de ſeus anteceſſores, fazendo-os affeminados aſſim o ocio, como a ſervidaõ. Naõ erraremos, ſe diſſermos, que eſta mudança teve ſua origem nos Declamadores, os quaes propriamente eſtabeleceraõ o ſeu throno no tempo de Tiberio, ſegundo diz Quintiliano no liv. 2. cap. 11. com eſtas palavras: *Inter præcipuas, quæ corrumperent eloquentiam, cauſas licentia, atque inſcitia Declamatorum fuit.* Reduzida pois a melhor parte dos eloquentes ao ocio, e exercicio particular de declamar nas eſcólas, aqui perdeo o engenho o rumo, e entregou-ſe a moſtrar

a ſua

a ſua agudeza, e a corromper a utiliſſima Arte Oratoria, dando em huma deſenfreada liberdade de ornar ridicularias, e de conceituar demaſiadamente ſobre os aſſumptos ſublimes. Eſte peſſimo goſto naõ comprehendeo ſómente aos Oradores, paſſou tambem aos Poetas; e tanto, que Ovidio applicou-ſe muito a declamar nas Eſcólas, como teſtifica Seneca o velho, e o provaõ as duas Orações de Aiax, e de Ulyſſes, que ſe lem nos ſeus Metamorphoſes, as quaes naõ ſaõ outra couſa, mais que duas Declamações nobremente deduzidas até o fim.

Daqui vem, que logo facilmente ſe conhece a grande differença, que vay entre os Poetas, que floreceraõ depois de Ovidio, e os ſeus anteceſſores, como Virgilio, Horacio, &c. Neſtes tudo ſaõ frutos ſazonados, e na mayor parte dos outros, ou tudo ſaõ flores, ou ſe ha frutos, naõ ſaõ agradaveis ao paladar, por eſtarem cheyos eſtes Poetas daquellas engenhoſas, e demaſiadamente eſtudadas reflexões, de que uſavaõ os Declamadores. Taes ſaõ Marcial, Lucano, Eſtacio, Seneca, Claudiano, e outros, ſe bem que eſte ultimo naõ adoeceo tanto como os outros deſta geral enfermidade.

Como no principio deſte Capitulo fizemos conſiſtir tambem a differença dos dous eſtylos na differença do artificio, juſto ſerá, que expendamos eſte ponto com mais clareza. De dous artificios póde uſar o engenho poeti-

poetico; ou de hum, que he *occulto*, ou de outro, que he *defcuberto*. O primeiro he proprio do eftylo maduro; o fegundo fó pertence ao florido. Se attendermos bem para os conceitos, e imagens, de que ufaõ os Authores do primeiro eftylo, veremos, que todos parecem naturaes, dotados de huma luz, e ornato taõ pompofo, mas fimplez, e puro, e que todos produzidos fem trabalho nafceraõ per fi mefmos do affumpto, que fe emprendeo. Naõ penetraõ eftes com a vivacidade das cores, mas deleitaõ com a fua natural belleza á força de hum modefto, e delicadiffimo artificio. Pelo contrario o fegundo artificio, a que chamamos *defcuberto*, fim diz as mefmas coufas, que defcreve o eftylo maduro, porém com cores taõ vivas, com tal brevidade, fubtileza, e quinta effencia de conceitos, que logo á primeira vifta penetra, e arrebata a muitos leitores, ou ouvintes.

Eftes fentimentos, a quem fez maravilhofos o artificio defcuberto, coftumaõ ter o nome de *agudezas*, e *conceitos*, e os antigos Rhetoricos lhes chamavaõ *fentenças*, e *luzes*. Deftas fallou Quintiliano liv. 12. cap. 10. dizendo, que *feriunt animum, & uno ictu frequenter impellunt, & ipfa brevitate magis hærent, & dictione perfuadent.* E no liv. 8. cap. 5. affirmou, que os antigos pouco ufaraõ deftas fentenças, e que no feu tempo eraõ muy vulgares nas Orações: *Confuetudo jam tenuit, ut* * lumina, *præcipuèque in claufulis pofita, fenten-*

N *tias*

tias vocaremus, quæ minus crebra apud antiquos, nostris temporibus modo carent. Daqui vem, que ao estylo florido se chamou depois *conceituoso*, porque a cada passo usava destas agudezas, e conceitos, nos quaes claramente se dá a conhecer o estudo, e artificio do Escritor.

Pelo contrario obra o artificio occulto conduzido pela modestia do estylo maduro; e está entre os bons intelligentes em mayor reputacaõ, assim porque principalmente se encaminha a descobrir o que he maravilhoso na materia, como porque tem a virtude de se occultar a si mesmo, quando o outro nenhuma outra cousa deseja mais, que o descubrirse, e manifestar o agudo engenho com que discorre. Entenderáõ alguns, que no estylo maduro naõ ha muito artificio, porque considerando, que elle se compoem de palavras proprias, de reflexões, e luzes naturaes, de huma pura connexaõ, e simples expressaõ das cousas, entendem, que naõ he difficil compor deste modo, e naõ faltará quem imagine de si poder fazer outro tanto. Porém estou certo, que muitos quando forem á prova, se haõ de achar muy confusos, e que talvez desenganados confessaráõ com Cicero: *Id esse optimum, quod quum tu facilè credideris consequi imitatione, non possis.*

Com effeito tome-se hum pensamento de Virgilio, e considere-se se nelle se achaõ as circunstancias do estylo florido, ou as qualidades do maduro. Descreve elle divinamente

mais

mais que em outro lugar no quarto das *Georgicas* os ſucceſſos de Ariſteo, e a deſcida de Orpheo ao Inferno para tornar a vêr ſua mulher Euridice. Em premio da ſuaviſſima melodîa do ſeu canto, foy-lhe eſta concedida, e que a levaſſe para o mundo; mas com a condiçaõ de que para a vêr naõ olharia para traz: diz pois o Poeta, que já Orpheo vinha com ella para o mundo:

Quum ſubita incautum dementia cepit amantem,
Ignoſcenda quidem, ſcirent ſi ignoſcere Manes.
Reſtitit, Euridicemque ſuam jám luce ſub ipſâ
Immemor, heu, victusque animi reſpexit..........

Neſtes verſos naõ ha pompa conhecida, e talvez, que os penſamentos, que elles incluem, naõ ſejaõ dignos no tribunal de alguem de merecerem o nome de conceitos, porque o artificio naõ uſou de agudezas, mas ſim de palavras naturaes, e de expreſsões puras, e ſimplices. Com tudo he quanto póde ſer maravilhoſa a delicadeza do artificio occulto, com que eſtaõ feitos eſtes verſos; nem todos a poderáõ perceber, ainda que todos poſſaõ ſentir os effeitos. Por ventura podia-ſe explicar com mais ternura, e repreſentarſe o coſtume, a paixaõ, e o erro de Orpheo, do que com eſtas palavras: *Immemor, heu, victusque animi reſpexit*? Igualmente admiravel, e cheya de affecto he aquella inſperada reflexaõ ſobre a loucura do deſacautellado amante, chamando-a

do-a digna de perdaõ, ſe os Deoſes infernaes ſoubeſſem perdoar:

Ignoſcenda quidem, ſcirent ſi ignoſcere Manes.

De ſimilhantes bellezas, que pouco, ou nada percebem os entendimentos ordinarios, eſtaõ cheyos os Poemas de Virgilio, em humas partes mais, em outras menos, ſegundo a qualidade da materia. Com outro gyro de palavras, ou talvez com algum conceito ſubtil exprimiria outro Poeta eſte ſucceſſo de Orpheo; mas naõ conſeguiria certamente com o ſeu agudo engenho o chegar á belleza incomparavel daquellas poucas palavras do Poeta Latino, que tanto penetraõ o interior de quem as lê. Igualmente poderia outro Poeta talvez com mais agudeza, porém naõ com mais brevidade, e mageſtade, deſcrever a occulta partida dos principes de Tyro para Carthago, a fim de alli edificarem hum novo Reino, guiados pela Rainha Dido. Porém Virgilio em tres unicas palavras faz huma admiravel obſervaçaõ, que naõ parecerá tal a alguns juizos, dizendo:

. . . . *Dux fœmina facti.*

Do meſmo modo he admiravel, mas ſem pompa, a deſcripçaõ de Troya deſtruida, quando diſſe o meſmo Poeta:

Et campos ubi Troïa fuit.

Naõ podia darſe huma idéa mais viva, e mageſ-

mageſtoſa, bem que taõ breve, daquella arruinada Cidade: e cada vez me parece melhor eſte penſamento todas as vezes, que o comparo com o de Monſ. Racine deſcrevendo no Acto 1. ſcena 2. da ſua *Andromaca* o meſmo objecto com mais palavras, porém com menor força. Dîz elle: *Eu naõ vejo ſenaõ humas torres cubertas de cinza, hum rio tinto de ſangue, e huns campos deſertos.* Deſte modo naõ nos faz eſte Poeta baſtantemente conceber a grande deſgraça de Troya, dizendo que as torres eſtavaõ cubertas de cinza; porque ſe eſtas eſtavaõ ainda em pé, como ſe collige das ſuas palavras, fazem crer, que ainda Troya naõ eſtava de todo arruinada; e ſe eſtas torres já eſtavaõ cahidas, naõ lhes devia chamar torres, mas ſim ao menos hum monte de pedras; e deſte modo veja-ſe quanto incomparavelmente Virgilio pintou com eſtylo laconico, e artificio occultou a extrema ruina daquella Cidade, dizendo: *Et campos ubi Troïa fuit.*

Naõ he da noſſa intençaõ condemnar o eſtylo florido, nem totalmente diſtinguillo do maduro, como ſe ſe naõ podeſſem unir, e com effeito algumas vezes ſe naõ viſſem unidos. Dizemos por tanto, que louvavelmente ſe pódem unir as bellezas de hum, e outro eſtylo; pois ainda os meſmos parciaes do maduro naõ deſprezaõ alguma vez de temperar as ſuas compoſições com o agradavel ſabor do florido. Huns o uſaõ mais, outros menos; e he certo, que o noſſo Camões teve em to-

das

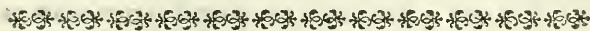
das as ſuas obras huma particular arte de os unir com a economia, que lhe dictava o ſeu entendimento ſublime. O meſmo fizeraõ em Italia Petrarca, e Taſſo, em França Corneille, e Racine, e em Heſpanha Garcilaſſo, e outros, ſe bem que poucos, porque muito mais ſe namoraraõ do eſtylo florido, que do maduro.

He de advertir, que quando approvamos a uniaõ, e liga deſtes dous eſtylos, ſempre a noſſa tençaõ he dizer, que ſe uſe do florido com muita temperança, e parcimonia, e que appareça modeſto naõ ſó na quantidade, mas tambem na qualidade. Aquelles conceitos, que demaſiadamente ſaõ agudos, e moſtraõ ſem algum rebuço a pompa, e ſuor do engenho, ſeraõ louvaveis em composições feitas em annos puerîs, e naõ em idade adulta. Além de que, humas Poeſias ſoffrem mais, outras menos a viveza deſtas cores; e neſtas meſmas Poeſias humas vezes ha mais lugar, outras menos para os ornatos, e artificios do eſtylo florido.

Ha muitas reflexões (como já diſſemos) engenhoſas, e agudas, mas ao meſmo tempo modeſtiſſimas, com as quaes he que ſe póde (digamos) pulveriſar o eſtylo maduro. Sempre porém julgamos por melhor conſelho o encoſtar a eſte eſtylo, como mais adulto, e internamente de mais valor, que o outro. Ultimamente ſim póde o florido moſtrar huma mayor ſuperficie de belleza, que logo fi-

ra

ra os olhos; mas direy com Quintiliano no liv. 6. cap. 4. *An ego fundum cultiorem putem, in quo mihi quis oſtenderit, lilia, violas, & amænos fontes ſurgentes, quàm ubi plena meſſis, aut graves fructu vites erunt? Sterilem platanum, tonſasve myrtos, quàm maritam ulmum, uberesque oleas præoptaverim?*



CAPITULO XXVI.

Extremos vicioſos dos eſtylos, contrapoſtos, equivocos, paranomaſias, allusões, *e outras peſtes condemnadas.*

JUſto ſerá, que depois de termos tratado dos dous eſtylos poeticos, paſſemos a notar os extremos, e vicios, em que eſtá collocada a belleza delles. Póde peccar o eſtylo florido por parte do *muito*, e o maduro por parte do *pouco*. Ao primeiro vicio chamamos *affectaçaõ*, de que já tratámos, ao ſegundo damos o nome de *ſecura*. Hum he exceſſo, outro he falta daquella maravilha, e novidade da Materia, ou do Artificio, em que conſiſte a belleza poetica. Facilmente cahe no primeiro defeito quem quer dizer tudo com ſubſtancial brevidade, e agudeza, eſpalhando em tudo flores, e aromas; ou ſe empenha a diſcorrer com engenhoſa eſcuridade, para que os ſeus conceitos naõ ſejaõ logo entendidos,

dos; ou tambem para que quem lê imagine nelles o que naõ ha, ou muito mais do que ha. Já Quintiliano se queixava destes escritos, dizendo no liv. 8. cap. 2. *Pervasit jam multos ista persuasio, ut id jam demum eleganter, atque exquisitè dictum putent, quod interpretandum sit.* Nesta escuridade taõ considerada, e nestes conceitos, e abstracções taõ frequentes, bem se lê logo a ambiçaõ do engenho de quem quer á similhança do pavaõ mostrar todo o thesouro, que tem, e com esta descarada industria hir adquirindo louvor, e applauso de quem ouve, ou lê taes conceitos.

Ora naturalmente aborrecendo nós a soberba alheya, porque ninguem ama a quem o quer exceder, especialmente com o engenho; e vendo-se, que estes taes engenhos, de que tratamos, nos insultaõ com tanta pompa, e vaidade de riquezas conceituosas, com que ornaraõ as suas obras, em lugar de sentirmos deleite, experimentamos desgosto. Como isto assim seja, segue-se, como já temos dito, que naõ ha cousa, que corrompa mais a verdadeira belleza poetica, e passe dos confins do gosto exquisito desta arte, como o querer ornar muito as cousas por demasiada sede da novidade, e desejo de causar admiraçaõ.

He verdade, que *grata est novitas, & magis inopinata delectant*, como escreveo Quintiliano, e nós tantas vezes temos persuadido; porém igualmente he certo, que a todas as

cou-

cousas he necessaria a medida, que lhes he proporcionada, e que o *muito* he o mayor inimigo, que tem a belleza da Poesia. A Justo Lypsio acerrimo parcial do estylo florido, conciso, e agudo pareciaõ as Tragedias de Seneca huns maravilhosos, e incomparaveis Poemas. Particularmente sobre a *Thebaide* escreveo elle deste modo: *Eximiè pulchra est, & quoties lego, veneratio me habet, vel potius stupor. Nemo Vatûm visus mihi tam altè, & tam feliciter volasse.* Elevou-se este grande homem destas Tragedias, porque cada hum ama o seu similhante. Seguia Lypsio o mesmo estylo, e naõ reparava, que naquellas obras muitas vezes se encontra com o defeito da affectaçaõ, querendo Seneca dizer tudo com agudeza taõ demasiada, que ainda enche de argucias as paixões, e affectos mais fortes, mostrando nelles, que se deixava arrastar do gosto Declamatorio, e do estylo, que se pratica nas Escólas.

Porém onde mais claramente se conhece a affectaçaõ, he quando o Poeta vay anciosamente buscando *antithesis*, ou contrapostos, a que tambem chamamos metaforas de opposiçaõ. Naõ se deve negar, que esta figura póde causar maravilha, quando o engenho especulando descobre, e faz ver, que em hum mesmo sujeito se verificaõ dous contrarios, e predicados oppostos. Pódem sem duvida estes contrapostos conter o que na Poesia he verdade, e belleza, com tanto que naturalmente nasçaõ da Materia, e naõ se conheça

tra-

trabalho, e ambiçaõ de engenho, que por força os introduz. Isto mesmo recommenda Aristoteles com estes exemplos: *Boa cousa he morrer, antes que se mereça o morrer. Sendo tu pessoa mortal, naõ convém, que seja immortal a tua ira.* Igualmente Publio Sirio disse com engenho: *A vida he longa para o infeliz, curta para o feliz*; e Cicero fallando de Cesar, e Pompeo, disse tambem: *Quizesse Deos, que elles, ou nunca entre si tivessem contrahido, ou nunca desfeito o parentesco.*

Porém assim como ha alguns compostos fundados no que he verdadeiro, assim ha infinitos, que se estribaõ no que he falso, e mostraõ claramente o pueril trabalho de quem os formou; como saõ em Hespanha os de Gongora, e outros muitos, e em Italia os de Marino, que teve innumeraveis sequazes. Hum dos mayores foy Thesauro, o qual chegou a escrever, que a figura *antithetis*, era *douta figura*, pois assim lhe chamara Persio. Muito affastado da mente deste Poeta estava este Escritor, quando lhe interpretou aquelles versos da Satyra 1.

Fur es, ait Pedio. Pedius quid? Criminarasis
Librat in antithetis. Doctas posuisse figuras
Laudatur. Bellum hoc. Hoc Bellum? &c.

Com maneira mordaz satyriza Persio neste lugar tanto o meyo, que tomou aquelle homem, o qual em vez de se defender do delicto, que se lhe imputara, começa a fazer antithe-

tithe-

tithesis, como a loucura do povo ignorante, que dizia destas ridicularias. *O' bellamente bellamente!* E quanto mais, que Persio só quiz significar com o nome de *antithetis* aquelles periodos, que se compoem de membros correspondentes alternadamente, e contrarios hum ao outro; e entre os Rhetoricos saõ estas antithesis figuras chamadas *verborum*, e naõ *sententiarum*.

Naõ se póde negar, que esta peste de contrapostos, equivocos de vozes &c. veyo de Italia no principio do seculo decimosexto, segundo a authoridade de Monf. Boileau insigne Critico Francez, quando disse no 1. Cant. da sua *Poetica*:

. . . . Laissons à l' Italie
De tous ces faux brillans l' éclatante folie.

Sim se oppoz a esta opiniaõ o celebre Muratori, a quem tanto temos seguido, dizendo na sua obra *Della perfetta Poesia Italiana* liv. 2. cap. 3. que este pessimo gosto nascera em Hespanha, e naõ em Italia; porque Lope de Vega usara muito delle, antes que nascesse em Italia Marino. Porém se consultarmos a Chronologia, he muito mal fundada a impugnaçaõ, que Muratori faz a Boileau; porque Lope de Vega nasceo em 25. de Novembro de 1562, e morreo em Madrid em 28. de Agosto de 1635, e Marino nasceo em 18. de Outubro de 1569, e morreo em Napoles em 26. de Março de 1625. Naõ nos importa

ta diſcutir eſte ponto; o que nos ſerve he dizer, que muitos noſſos Poetas principaes adoeceraõ deſte contagio, vieſſe donde vieſſe.

Quem ler o *Virginidos* de Barbuda, o *Ulyſſipo* de Macedo, o *Macabeo* de Sylveira, o *Condeſtable* de Lobo, e a *Ulyſſea* de Gabriel Pereira, ha de achar muitas deſtas argucias, conceitos falſos, antitheſis, paranomaſias, equivocos de vozes, &c. Seria materia infinita ſe para exemplos allegaſſemos verſos deſtes Poetas, e baſte, que os eruditos ſaibaõ, que fallamos verdade no que dizemos. O mais he, que até Camões naõ eſcapou deſte mal, porque tambem abraçou eſte modo de dizer, ſendo aliás hum Poeta de exquiſito goſto em muitas couſas. Apontaremos deſte alguns exemplos para ſermos cridos, pois fallamos de hum Epico de taõ grande merecimento. A reſpeito dos equivocos de vozes, eu naõ ſey, que haja quem poſſa goſtar da Eſtancia 91. do Canto 3. em que diz, fallando de El Rey D. Sancho II.

De governar o Reino, que outro pede,
*Por cauſa dos * Privados foy privado.*

E menos ſe póde goſtar em eſtylo heroico (ſe bem que em outro ſe poderia permittir) do fim da Eſtancia 14. do Canto 6. tratando da hida de Baccho ao mar, e dizendo, que as Nymfas *ſe eſtaõ maravilhando:*

De

De ver, que commettendo tal caminho,
*Entra no Reino * d'agoa o Rey do vinho.*

Porém ainda este naõ he o mayor defeito dos versos deste insigne Poeta: mayor he o vicio dos continuados contrapostos, que a cada passo se póde dizer, que se encontraõ no seu Poema; e ainda que muitos, no sentir de Garcez, sejaõ naturalissimos, com tudo outros saõ muy affectados, e triviaes. Lea-se a Estancia 56. do Canto 3. onde diz, fallando da Villa de Cintra:

Cintra onde as Nayadas, escondidas
Nas fontes, vaõ fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente
** Nas aguas accendendo fogo ardente.*

Naõ fallemos na metafora viciosa, e conceito falso, suppondo material a hum fogo, que só he metaforico, porque este lugar aqui tem sua defensa; veja-se sim quanto parece pueril esta antithesi de *agua*, e *fogo*, a qual quando muito se poderia louvar em hum principiante. Do mesmo theor he outra, que se lê na Estanc. 82. do mesmo Canto 3.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Miralmominim só naõ fugio,
*Porque antes * de fugir, lhe foge a vida.*

Outros muitos lugares puderamos trazer, mas naõ queremos encher papel inutilmente.

Naõ

Naõ faltará quem neſta parte queira defender a Camões, dizendo que elle fizera o meſmo, que praticaraõ os Poetas mayores da antiguidade, entre os quaes tem Virgilio o primeiro lugar. He verdade, que na *Eneida* ſe achaõ alguns lugares, que poderiaõ defender a Camões; porém he motivo para rir (como diz Muratori) dizerſe, que Virgilio uſaſſe advertidamente deſtas agudezas, que ou naõ eraõ conhecidas, ou eraõ deſprezadas naquelle bom ſeculo. Virgilio no liv. 1. do ſeu *Poema* ſim eſcreveo : *Puppesque tuæ*, *pubesque tuorum* : no liv. 4. *Viri virtus*: no liv. 9. *Sperate parati*, e tambem *Vellere vallum*.

Naõ ſó nos Poetas, mas igualmente nos Hiſtoriadores, e Oradores ſe achará algum lugar para eſta defenſa. Tito Livio eſcreveo : *Campanos campos*, *vellerent vallum*; e Cicero diſſe : *Commentariis commentitiis*, *decem duces*, *&c.* Naõ cuidaraõ certamente (como diz o citado Muratori, e Salvini liv. 1. pag. 443) eſtes inſignes homens em fazer trocadilhos; por acaſo lhes lembraraõ taes palavras, como ſempre eſtá ſuccedendo a quem eſcreve; e o mais he pertender ſem fundamento ſolido fazer meninos a eſtes Authores taõ graves. O meſmo ſe póde dizer daquelle lugar de Virgilio do liv. 10. da *Eneida*.

Intereà Genitor Tiberini ad fluminis undam
Vulnera ſiccabat lymphis. . . . .

Faz a eſtes verſos huma obſervaçaõ o Padre

dre Lacerda, e diz: *Vide acumen. Aquæ, quæ verè rigant, hic ſiccant.* Nunca Virgilio ſonhou em fazer ſimilhante agudeza taõ impropria do ſeu eſtylo. Ao que ſó attendeo, foy a expôr naturalmente o effeito da agua fria, que ſuſpende o fluxo do ſangue, e por iſſo he que uſou do verbo *ſiccare*, para exprimir bem o ſeu penſamento; e de nenhum modo por agudeza; pois em hum Poema heroico, e em materia grave naõ havia uſar de huma couſa de que ſó ſe poderia contentar quem principia a fazer verſos, Verdade he, que Quintiliano no liv. 9. cap. 3. traz por exemplo de figura, das chamadas *Verborum*, o lugar apontado de Virgilio: *Puppesque tuæ, pubesque tuorum*; porém difficultoſamente me poderey perſuadir, de que eſta foſſe a intençaõ daquelle Poeta, no que ſigo a graviſſimos Authores, como Eſcaligero na Poetica, Salvini, e Muratori já allegados. Quanto mais, que Quintiliano aponta ſimilhantes exemplos, naõ para que ſe imitem, mas para que totalmente ſe fuja delles, como couſa pueril.

Similhantes agudezas ſómente ſe pódem guardar para o eſtylo jocoſo, que ſerve de promover o riſo, e eſta he toda a ſua virtude, como enſinaraõ os melhores Meſtres. Neſte eſtylo tem hum particular lugar os equivocos, os quaes nos agradaõ muito, e movem a rir, tanto que deſcubrimos o em que conſiſte a galantaria. Deve-ſe porém obſervar ſempre, que o uſo delles ſeja moderado, e

guia-

guiado pela regras, que nos deixaraõ graviſſimos Eſcritores; e quando ſem grande cautella, e juizo ſe uſa de paranomaſias, e outros jogos de palavras, he certo, que ſe dizem couſas ridiculas, e naõ galantarias engenhoſas.

Se neſtas allusões, e equivocos ſe deſcobre taõ claramente hum eſtudo de engenho ſuperficial, quanto mais ſe obſervará eſte em outros jogos, que ha taõ affectados, inſulſos, e que foraõ ſéria occupaçaõ de tantos ſeculos, a quem fez ignorantes eſte goſto depravado? Taes ſaõ os *acroſticos*, os *acromonoſyllabicos*, os *iſolecticos*, os *correlativos*, os *alfabeticos*, os *anaſtrofos*, ou *cancrinos*, e *retrogados*, os *ſerpentinos*, os *palindromos*, os *cronoſticos*, os *ſinfoniacos*, os *concordantes*, os *protheos*, os *logogrifos*, os *parallelos*, os *filomeliſmos*, os *tautogrammaticos*, e outros mil, todos nomes Gregos, que quando agora os ouvimos, parecem palavras nigromanticas; e eu confeſſo ingenuamente, que naõ ſey o que ſignifica a mayor parte delles; do que naõ tenho pezar, por ſer couſa bem inutil, e abórtos de engenhos infelices, que querendo deleitar com a novidade, ſe perderaõ a traz deſtes modos artificioſos, e novas invenções de verſos, que naõ conheceo a ſabia Antiguidade, e deſprezaraõ os melhores Authores modernos. Na meſma claſſe deſtes entraõ aquelles verſos, que ſe formaõ, e ſe diſpoem em diverſas figuras, como oval, pyramidal, cubica, &c. Eu vi alguns, que re-

pre-

presentavaõ *altares*, *azas*, *lanças*, *thronos*, *esféras*, *cruzes*, *columnas*, *torres*, e outras mais figuras, que só por brinco, e galantaria he, que alguma vez as formaraõ os antigos, e naõ por seriedade, como fez a ignorancia dos seculos barbaros.

Nem saõ mais estimaveis, assim os *anagrammas* numericos, ou literaes, como os *enigmas*, os quaes naõ tem outra excellencia, senaõ serem entre as custosas ridicularias do engenho as mais engenhosas; se bem que confessaremos, que pódem os enigmas merecer algum louvor, naõ sendo literaes, mas sim contendo aquelle juizo, e bom sabor, com que naõ só os Gregos, mas ainda os Hebreos os faziaõ naõ menos agradaveis, que instructivos. Ora naõ he a nossa Critica taõ severa, que alguma vez naõ admitta similhantes composições, naõ para servirem á Eloquencia, e Poesia, mas para lançarem fóra a ociosidade, mãy de todos os vicios, com hum exorcismo taõ innocente.

A naõ ser por este fim de lançar fóra o ocio, digaõ-me, que gosto, e deleite pódem ter engenhos aliás grandes, e penetrantes em formar estes jogos de palavras, consistindo toda a sua belleza, e maravilha em huma apparencia, e superficie? Naõ ha cousa (tornamos outra vez a dizer) que mostre mais a pobreza de hum engenho, do que estas ridicularias, tanto naquelles, que as publicaõ, como nos que as approvaõ. A vasti-

daõ do engenho conhece-se no descubrir, e unir as similhanças, e relações mais remotas dos objectos; e quem faz allusões, paranomasias, &c. como sómente se applica a recolher as similhanças, e relações, que saõ muy proximas, nenhum progresso faz no assumpto, que emprendeo.

Quando queremos discorrer de alguma materia, o primeiro objecto, que se nos representa, saõ os nomes das cousas. Com muy pouco trabalho, que tenhamos, logo nos occorrem outros nomes similhantes: v. g. se fallarmos de *Marte* facilmente nos occorre *Morte*; de *Imperio Impyreo*; de *Augusto Angusto &c.* A quem falla de huma *vide*, naõ ha cousa mais facil, querendo formar estes conceitinhos, que lembrarse de *vida*, como fez Marino, dizendo:

Stringe il marito, e gli s' appogia appresso
La vite, onde la vita è sostenuta.

E fallando da *calamidade*, usa da palavra *calamita*, que he o iman em Italiano:

D'ogni calamità sia calamita.

Quem pretendeo conseguir com estes insipidos pensamentos grande applauso entre os sabios, foy o Conde Manoel Thesauro tantas vezes allegado; e se naõ veja-se como conceituou na mayor parte dos seus Elogios, e traremos por exemplo huma inscripçaõ feita sobre hum elevado assumpto. Diz elle:

Fri-

Frigida ipſa bruma in rogali flammâ Regalem ardorem ſentit. Adamas es, non adamans, Heroum hæres feliciſſime, regalis domûs columen, & culmen, tam omnibus clarus, quàm carus. Alicubi naſcere, ubique noſceris. Tot tibi perpetes annos annuit, quot præpetes fulgurum fulgores iſto ex monte coruſcabunt. Cerne, viator, rerum omnium rarum omen, non læthalia, ſed læta, omnia deferre, &c.

Temos moſtrado o que ſaõ ſimilhantes conceitos, os quaes á maneira de huma têa de aranha, com qualquer aſſopro ſe reduzem a nada: temos igualmente diſcorrido, quanto baſta, das imagens verdadeiras, e falſas, ou da fantaſia, ou do entendimento, do veroſimil, e inveroſimil; e finalmente de tudo o em que conſiſte a belleza poetica, materia diſcorrida por muy raros Authores: reſta agora tratar das eſpecies da Poeſia, e dizer nellas o que temos lido, e obſervado nos Eſcritores mais claſſicos, que trataraõ da Poetica; no que ſerviremos muito á mocidade Portugueza, para quem eſcrevemos.

INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS desta primeira Parte.

A

B

C

Con-

D

E

He-

H

I

L

M

Mar-

Palla-

P

Sen-

T

U

Zeu-

Z

